

Joaquim José Oliveira Correia

**Análise da estrutura urbana da cidade do Porto a partir de quatro
obras literárias**

UFP – Universidade Fernando Pessoa

Arquitectura e Urbanismo

Porto - 2012

Joaquim José Oliveira Correia

**Análise da estrutura urbana da cidade do Porto a partir de quatro
obras literárias**

UFP – Universidade Fernando Pessoa

Arquitectura e Urbanismo

Porto - 2012

Joaquim José Oliveira Correia

**Análise da estrutura urbana da cidade do Porto a partir de quatro
obras literárias**

Trabalho apresentado à Universidade
Fernando Pessoa como parte dos requisitos para
obtenção de grau de Mestre em Arquitetura e
Urbanismo.

Orientador: Arquiteto João Ferreira.

SUMÁRIO

A arquitetura é multidisciplinar, sendo o sentido da sua interpretação um exercício de relação entre várias sensibilidades.

A pintura, o desenho, a filosofia, a antropologia, a sociologia, a ciência e muitas outras matérias, são o conjunto dessa multidisciplinaridade.

Dentro desse conjunto o trabalho concentra-se em quatro obras literárias, obras que não foram especialmente direcionadas para a arquitetura, mas sim, quatro romances de quatro autores diferentes.

(...) Podemos imaginar que textos normalmente considerados às margens do domínio arquitetônico, ou mesmo exteriores a este, possam ser “arquiteticamente” pensados, isto é, possam ser lidos como se contempla uma obra de arquitetura. Essa asserção pode parecer, inicialmente, desvolta, e podemos mesmo afirmar que lhe faltam fundamentos. Como ler “A Metafísica de Aristóteles da maneira como foi sugerido, isto é, “Arquiteticamente”? E, além disso, o que é uma leitura “arquitética”? (Lima, 2008, p. 12)

O trabalho não pretende responder a “uma leitura “arquitética”. Pretende-se, sim, atingir uma reflexão em que se possa encontrar na literatura um método de interpretação e desenvolvimento sensorial em relação à Disciplina. Pretende-se então, através das referências deixadas pelo escritor nas suas obras literárias e através das narrações feitas pelas personagens, encontrar opções, movimentos e registos de um espaço urbano referente à cidade do Porto (local em que se concentra o estudo), ao longo de várias épocas.

A necessidade de entender a literatura como uma ferramenta de estudo necessita de ponderação. Assim, no início do trabalho procede-se a várias reflexões com o objetivo de entender e justificar os critérios que levaram à seleção das quatro obras, as quais servirão como análise ao estudo da cidade do Porto.

No período de análise das obras literárias, Sec. XIV, Sec. XIX e Sec. XX, serão considerados dois métodos de interpretação distintos, mas dependentes um do outro; um

método quantitativo e um outro interpretativo, que em conjunto irão definir uma conclusão mais equilibrada.

São utilizados gráficos e mapas da época que nos ajudaram a perceber de que forma o autor, através das suas personagens e narrações, nos transmite uma cidade em movimento, uma cidade de preferências, as quais fazem transparecer um quotidiano referente à época em que a obra foi escrita e enquadrada.

Numa fase já conclusiva, inicia-se refletindo-se sobre os métodos utilizados na análise das obras. Reflete-se sobre esta passagem do verdadeiro sentido para qual as obras literárias tinham sido originalmente criadas, para a sua interpretação como matéria arquitetónica.

Avaliam-se os resultados analisados da estrutura urbana da cidade referentes às quatro épocas a decorrer nas obras estudadas. Como essa estrutura se encontrava no passado, como se desenvolveu até ao presente e que perspectivas nos trás para o futuro.

Finaliza-se refletindo sobre o uso da obra literária no estudo. Sobre a sua importância na matéria urbana e sobre a sua importância na arquitetura enquanto reflexão ao enriquecimento sensorial da disciplina.

Palavras-chave: Literatura, urbanismo, estrutura, Porto, romance, cidadão, personagem, percurso, hierarquia, referência, contexto.

SUMMARY

The architecture is multidisciplinary, and the sense of interpreting an exercise in relationship between various sensitivities.

A painting, drawing, philosophy, anthropology, sociology, advocacy, science and many other matters, are the set of multidisciplinary.

Within this group's work focuses on four literary works, works that were not specifically directed to the architecture, but four novels belonging to four different authors.

(...) Podemos imaginar que textos normalmente considerados às margens do domínio arquitetónico, ou mesmo exteriores a este, possam ser “arquiteticamente” pensados, isto é, possam ser lidos como se contempla uma obra de arquitetura. Essa asserção pode parecer, inicialmente, desavulva, e podemos mesmo afirmar que lhe faltam fundamentos. Como ler “A Metafísica de Aristóteles da maneira como foi sugerido, isto é, “Arquiteticamente”? E, além disso, o que é uma leitura “arquitética”? (Lima, 2008, p. 12):

The work does not intend to respond to "reading" architectural ". The aim is rather to achieve a reflection that can be found in the literature a method of interpretation and sensory development in relation to discipline. The aim is then, through references left by the writer in his literary works and through the narrations made by the characters, find options, movements and records relating to an urban city of Porto (where it focuses the study), along several times.

The need to understand literature as a study tool requires consideration. At the beginning of the work proceeds to multiple reflections in order to understand and justify the criteria that led to the selection of four works, which will serve as analysis to study the city of Porto.

During the period of literary works, Section XIV, XIX and XX Century Section, shall be considered two distinct methods of interpretation, but dependent on each other,

a quantitative method and another interpretation, which together will define a more complete balanced.

They are used charts and maps of the time which helped us to understand how the author, through his characters and stories in a city moving forward, a city of preferences, which make everyday a shine on the time when the work was written and framed.

Late in conclusive, starts reflecting on the methods used in the analysis of the works. Reflects on the true meaning of this passage to which literary works were originally created for its interpretation as a matter of architecture.

Evaluate the results analyzed the structure of the town regarding the course four times in the works studied. Because this structure was in the past, as developed to date and that perfectivas brings us to the future.

It ends up reflecting on the use of literary work in the study. About its importance in the urban area and on their importance in architecture while enriching sensory reflection of the discipline.

Keywords: Literature, urban design, structure, Porto, romance, citizen, character paths, hierarchy, reference context.

Obrigado!

Ao meu filho Rúben.

À minha esposa Cristina.

Aos meus pais.

Aos meus sogros.

Agradecimentos:

Há dois mundos. Um deles existe sem que se fale nunca dele; chama-se mundo real, porque não é preciso falar dele para o ver. O outro é o mundo da Arte; deste é preciso falar, pois de outro modo não existia (Luis Barragan, cit in Rodrigues, 2010, p. 379)

Família

Professores

Amigos

Índice:

Introdução.....	1
CAPITULO I - Definições da importância da Literatura na arquitetura urbana da cidade do Porto	4
1.1 – Definição do tipo de obra literária	4
1.2 – O escritor escreve refletindo a sua sociedade?	8
1.3 - Conteúdo literário enquanto estudo urbano.....	11
1.3.1 – Obras literárias, uma forma de registo, de informação e de contextualização	12
1.3.2 – A opinião pública	14
1.3.3 - Registo literário conteúdo de uma presença visual.....	17
1.3.4 – A mudança da cidade do Porto ao longo das épocas.....	19
1.4 - A identidade da cidade do Porto.....	21
1.5 - Enquadramento histórico entre a literatura e a cidade do Porto	23
1.6 – As três estruturas literárias/urbanas da cidade do Porto	39
1.6.1 - O espaço.....	40
1.6.2 - O edifício	41
CAPÍTULO II – Seleção do texto literário.....	44
2.1 - Critérios de seleção.....	44
2.2 – Escolha da obra literária.....	44
CAPITULO III – Análise das obras literárias	47
3.1 - Método de análise.....	47
3.2 – Análise de “O Arco de Sant’Ana”	48
3.2.1 - Breve biografia de Almeida Garrett.....	48

3.2.2 – Breve resumo da obra “O Arco de Sant’Ana”	50
3.2.3 – Referências espaciais na obra “O Arco de Sant’Ana”	51
3.2.4 – Implantação das referências num mapa da época	53
3.2.5 – Caracterização espacial interpretativa da Obra “O Arco de Sant’Ana”	54
3.3 – Análise de “Amor de Perdição”	59
3.3.1 – Breve biografia de Camilo Castelo Branco	59
3.3.2 – Breve resumo da obra “Amor de Perdição”	61
3.3.3 – Referências espaciais encontradas na obra “Amor de Perdição”	62
3.3.4 – Implantação das referências num mapa aproximado da época	64
3.3.6 – Conclusão e avaliação das estruturas urbanas na obra literária “Amor de Perdição”	66
3.4 – Análise de “Uma Família Inglesa”	68
3.4.1 – Breve biografia de Júlio Dinis	68
3.4.3 – Referências espaciais na obra “Uma Família Inglesa”	71
3.4.4 – Implantação das referências num mapa aproximado da época	74
3.4.5 – Caracterização espacial interpretativa da Obra “Uma Família Inglesa”	75
3.4.6 – Conclusão e avaliação das estruturas urbanas na obra literária “Uma Família Inglesa”	76
3.5 – Análise de “O Cavaleiro Azul”	79
3.5.1 - Breve biografia de Pedro Baptista	79
3.5.2 - Breve resumo da obra “O cavaleiro Azul”	80
3.5.3 – Referências espaciais na obra “O Cavaleiro Azul”	81
3.5.4 – Implantação das referências num mapa aproximado da época	85
3.5.5 – Caracterização espacial interpretativa da Obra “O Cavaleiro Azul”	86
3.5.6 – Conclusão e avaliação das estruturas urbanas na obra literária “O Cavaleiro Azul”	87

CAPITULO IV – Avaliação dos métodos utilizados	90
4.1 – Avaliação da análise e dos métodos utilizados	90
4.2 – Cruzamento entre o método quantitativo e o interpretativo	91
4.3 – Avaliação dominante dos três elementos, edifício, espaço e percurso	93
4.4 – Avaliação e reflexão sobre dados realizados	93
CAPITULO V – Síntese	96
5.1 – Observações e coincidências da análise.....	96
5.2 – Conclusão da relação entre a Literatura e o estudo arquitetónico urbano na cidade do Porto	102
Bibliografia.....	106

Índice de imagens:

Fig. 1 - Esquema, “Definição do tipo de obra literária”.....	7
Fig. 2 - Esquema, “O escritor escreve refletindo a sua sociedade?”.....	10
Fig. 3 - Esquema, “Conteúdo literário enquanto estudo urbano”.....	11
Fig. 4 - Esquema, “Obras literárias, uma forma de registo, de informação e de contextualização”.....	14
Fig. 5 - Ilustração da estação de S. Banto.....	16
Fig. 6 - Esquema, “A opinião pública”.....	17
Fig. 7 - Esquema, “Registo literário conteúdo de uma presença visual”.....	18
Fig. 8 - Esquema, “A mudança da cidade do Porto ao longo das épocas”.....	20
Fig. 9 - Imagem do Porto fonte “Daqui Houve Nome Portugal” (Andrade, 1968, p. 52).	22
Fig. 10 - Carta do Porto pre- e pro-histórico (fonte: (Igreja, 2005, p. 2)).....	24
Fig. 11 - Imagem da Povoação Castreja (fonte: (Teixeira, 2010, p. 17)).....	25
Fig. 12 - Esquema espacial da povoação romana (fonte: (Teixeira, 2010, p. 20)).....	26
Fig. 13 - Esquema espacial da povoação da Alta idade média (fonte: (Teixeira, 2010, p. 23)).....	27
Fig. 14 - Imagem do fragmento lex visigothorum, século IX (fonte: Biblioteca Municipal do Porto).....	29
Fig. 15 - Esquema espacial do período da reconquista (fonte: (Teixeira, 2010, p. 26)).	30

Fig. 16 - Imagem de uma das páginas ilustradas de O Livro das Aves (fonte: Biblioteca Municipal do Porto).....	30
Fig. 17 - Esquema espacial urbano da cidade no início do século XII (fonte: (Teixeira, 2010, p. 33))	31
Fig. 18 - Esquema espacial urbano da cidade entre 1234 e 1316 (fonte: (Teixeira, 2010, p. 52))	32
Fig. 19 - Esquema espacial urbano da cidade entre 1355 / 1386 (fonte: (Teixeira, 2010, p. 59))	34
Fig. 20 - Esquema espacial urbano da cidade entre 1406 / 1518 (fonte: (Teixeira, 2010, p. 81))	36
Fig. 21 - Imagem do diário de Vasco da Gama século XVI (fonte: Biblioteca Municipal do Porto).....	37
Fig. 22 - Planta rodonda do Porto 1813.....	39
Fig. 23 - Obras escolhidas.	46
Fig. 24 - O livro “ O Arco de Sant’Ana”, de Almeida Garrett.....	48
Fig. 25 - Retrato de Almeida Garrett.....	49
Fig. 26 - Ilustração da Porta de Sant'Ana das Aldas, uma das quatro do velho burgo...	50
Fig. 27 - Gráfico das referências espaciais encontradas na obra “O Arco de Sant’Ana”.	52
Fig. 28 - Mapa aproximado da época (sec. XIV), sequência de espaços e percursos. ...	53
Fig. 29 - Gráfico interpretativo de “ O Arco de Sant’Ana”.....	56
Fig. 30 - Ilustração da Rua de Sant’Ana na atualidade.	57

Fig. 31 - Ilustração actual da Sé do Porto.....	58
Fig. 32 - O livro “Amor de Perdição”, de Camilo Castelo Branco.	59
Fig. 33 - Retrato de Camilo Castelo Branco.....	60
Fig. 34 - Ilustração da Cadeia da Relação.	61
Fig. 35 - Ilustração da vista sobre o Convento de Monchique.	62
Fig. 36 - Gráfico das referências espaciais encontradas na obra “Amor de Perdição”. .	63
Fig. 37 - Mapa aproximado da época (1809), referências e percursos.....	64
Fig. 38 - Gráfico interpretativo de “Amor de Perdição”	66
Fig. 39 - Ilustração actual da Cadeia da Relação e do Convento de Monchique.	67
Fig. 40 - Livro “Uma Família Inglesa”, de Júlio Dinis.	68
Fig. 41 - Retrato de Júlio Dinis.	69
Fig. 42 - Gráfico das referências espaciais encontradas na obra “Uma Família Inglesa”.	72
Fig. 43 - Ilustração da Rua de St. Catarina.....	73
Fig. 44 - Ilustração da Rua dos Ingleses, hoje Rua do Infante Dom Henrique (vista actual).	74
Fig. 45 - Mapa aproximado da época (1855), referências e percursos.....	74
Fig. 46 - Três escalas de relação espaço/cidadão: o aglomerado, o grupo e o indivíduo.	76
Fig. 47 - Gráfico interpretativo de “Uma Família Inglesa”.....	76

Fig. 48 - Ilustração atual do edifício Águia D'ouro.	78
Fig. 49 - O livro “O Cavaleiro Azul”, de Pedro Baptista.	79
Fig. 50 - Retrato de Pedro Baptista.....	79
Fig. 51 - Gráfico das referências espaciais encontradas na obra “O Cavaleiro Azul”... ..	83
Fig. 52 - Mapa aproximado da época (1966), referências e percursos.....	85
Fig. 53 - Gráfico interpretativo de “O Cavaleiro Azul”.	87
Fig. 54 - Ilustração do Castelo do Queijo.....	87
Fig. 55 - Ilustração da Foz.....	88
Fig. 56 - Ilustração do Café Magestic.	89
Fig. 57 - Ilustração de um imaginário nicho da cidade.	94
Fig. 58 - Ilustração da torre dos Clérigos.	98
Fig. 59 - Mapa da atualidade com a implantação das referências encontradas nas obras literárias analisadas.....	99
Fig. 60 - Gráfico interpretativo das obras literárias analisadas.	100
Fig. 61 - Para lá do limite.	101
Fig. 62 - Gráfico de relação entre a obra literária e a arquitetura.....	103
Fig. 63 - Ilustração, vista atual sobre a cidade do Porto.....	104
Fig. 64 - Reflexão	105

Introdução

La Architectura es una ciência adornada de otras muchas disciplinas Y conocimientos, por el juicio de la qual pasan las obras de las otras artes. (Vitruvio, 1987, p. 2)

A multidisciplinaridade da arquitetura faz-nos refletir sobre o sentido da sua interpretação, relacionando várias matérias e várias sensibilidades.

Ensaíamos a possibilidade de a literatura ser uma das matérias informadoras da reflexão arquitetónica.

Este estudo desenvolve-se utilizando quatro obras literárias, quatro romances que tem a cidade do Porto como cenário para as suas histórias. Essas obras servirão neste trabalho de suporte a uma reflexão que é seguida de uma interpretação da evolução da estrutura urbana da cidade.

O que se pretende em concreto com este estudo é iniciar um trabalho de pensamento sobre a matéria em análise, questionando-se de que forma a cidade pode ser urbana e arquitetonicamente avaliada através das obras literárias.

Esta reflexão inicial tem não só um sentido selectivo sobre quais as obras literárias que servirão, de exemplo à tradução estrutural urbana da cidade do Porto, mas também ao desenvolver de outras sensibilidades na interpretação da disciplina da arquitetura.

Este estudo é fortemente influenciado pela leitura de um artigo publicado na “Arquitectura Revista” - Vol. 4, nº 2:8-16 (Julho/Dezembro 2008), escrito por Adson Cristiano Bozzi Ramatis Lima, com o título “A relação entre a arquitetura e a literatura a partir da crítica, da história e da teoria”, que utiliza obras literárias afastadas da linguagem arquitetónica.

A matéria deste artigo era para nós pertinente pois combinava com um estudo já desenvolvido em ambiente académico na disciplina denominada de “PEIE” do 5º ano de Arquitetura e urbanismo, com o tema “Percurso Temáticos na Cidade do Porto”.

Para o trabalho teórico, desenvolvido para a referida disciplina, utilizara-se uma obra literária como base de trabalho, um romance, que decorria na cidade do Porto e em que definindo-se um percurso que tinha sido utilizado pelas personagens e pelo narrador, se procurava elevar o sentido interpretativo e sensorial referenciado em edifícios, espaços e percursos.

O estudo não pretende avaliar exaustivamente o desenvolvimento urbano da cidade do Porto, mas somente limitar-se ao conteúdo das quatro obras literárias selecionadas.

A análise a desenvolver concentrar-se-á nas referências espaciais deixadas pelos autores nas diversas obras, através da narração e das suas personagens que se vão movimentando ao longo do conteúdo escrito, permitindo uma avaliação da estrutura urbana da cidade do Porto referente ao edifício, ao espaço público e ao percurso.

O porquê de obras literárias baseadas em romances?

Atualmente, é quase um lugar-comum na teoria literária afirmar que o romance surgiu nas cidades, e que é um fenómeno artístico visceralmente ligado ao incremento da vida urbana (...) (Lima, 2000, p.1)

A literatura é um ato de contemplação, pois permite-nos refletir através das palavras e comunicar; mas é também uma forma de registo cultural. São estes registos que se ambiciona perceber e questionar, atendendo a que o autor escreve à luz da sociedade com a qual conviveu numa determinada época.

Existe um vasto registo bibliográfico que envolve a cidade do Porto. Não se pretende considerar todas as obras existentes, pois seria inexequível, mas perante alguns critérios de seleção, encontrar obras que se justifiquem pertinentes e suficientes para esta avaliação teórica que estuda a cidade do Porto e o seu desenvolvimento urbano referente a uma época de progresso.

O objetivo do trabalho é conseguido a partir do momento em que são adquiridas referências possíveis de serem analisadas. Referências que permitam passar a fronteira

do objetivo primário para o qual a obra literária foi escrita, para uma avaliação urbana estrutural e arquitetónica da cidade do Porto.

(...) nem a arquitetura nem o urbanismo podem ser considerados ciências: não são capazes de determinar com a precisão necessária um corpo de princípios de aplicabilidade geral; em arquitetura e urbanismo - e principalmente neste último - o que é particular o é na sua própria particularidade irreduzível. Como sabemos, uma obra arquitetónica dificilmente se deixa apreender a partir dos conceitos construídos em outras obras - a não ser, evidentemente, como uma descrição formal ou como analogia, que não são exatamente procedimentos científicos. (Lima, 2008, p. 10)

CAPITULO I - Definições da importância da Literatura na arquitetura urbana da cidade do Porto

1.1 – Definição do tipo de obra literária

As obras literárias sobre a cidade do Porto são diversificadas e vastas. Algumas retratam a cidade com matérias mais objetivas e lógicas, e outras são escritas de uma forma mais subjetiva e contemplativa.

Dentro desta diversidade bibliográfica encontra-se uma parte da literatura que aborda diretamente o campo disciplinar da arquitetura, caracterizada pela sua terminologia específica.

No entanto, a literatura que avaliamos afasta-se dessa linguagem e concentra-se no romance onde, através das suas narrações, através das suas personagens e através dos seus movimentos, se pretende encontrar elementos que retratem a cidade.

Para a seleção literária é importante considerar a época em que foi escrita e o seu enquadramento temporal, assim como é também importante considerar apenas autores que tenham vivido na cidade.

O autor como qualquer cidadão urbano vive a cidade cheio de prédios e referências espaciais, tendo a sensibilidade para captar quais os edifícios, a rua ou espaço que mais lhe manipulam. A arquitectura sendo produto do homem, não pode deixar de se relacionar com este. Desde a Antiga Grécia que a Arquitectura e a psique ou alma estão interligados. (Muga, 2005, p. 80)

Parece possível que literaturas contextualizadas em ambientes reais possam conter descrições de um contexto que foi vivido pelo autor em espaço real, através das suas reflexões interpretativas que descrevem possivelmente preferências e tendências absorvidas em determinadas experiências de relação com a cidade.

Falamos do conhecimento adquirido em ambiente real:

Na Teoria do Conhecimento, Aristóteles partiu para elaborar um ponto de vista transcendente ou realista, como tinha feito o seu mestre Platão. No entanto, o cerne da gnosiologia aristotélica não é constituído, como em Platão, pela hipótese de Idéias subsistentes e independentes do mundo. Para Aristóteles, o fundamental é o conhecimento da realidade que nos circunda, e é aí que ele coloca a sua noção do substância primeira (...) (Rodríguez, 2011, p. 1)

O conhecimento do real é a essência que se procura nas obras literárias que se vão analisar, esta constatação que nos permite perceber a cidade do Porto através da experiência vivida pelo autor.

Tendo-se posto de parte as obras que especificamente falam de arquitetura, passamos a considerar obras que particularmente descrevam a cidade através das suas personagens e do narrador.

O fator social é essencial e influenciador. A cidade e os seus cidadãos definem o meio urbano formador e transmissor de conhecimento.

Em sociedade sujeitamo-nos e absorver opiniões que são partilhadas em comum. São perceptíveis no espaço urbano opiniões que são partilhadas como um todo. O escritor não passa à margem dessas influências, já que também ele se relaciona com um determinado grupo, com uma determinada comunidade, com uma determinada sociedade.

Essa influência é a essência do estudo, é o registo que através do autor caracteriza uma determinada época. Um quotidiano que provavelmente o escritor passou para as suas personagens dando-lhes vida e movimento.

O autor, face a esta reflexão que é determinante para o estudo, ao descrever um determinado percurso, está na verdade a formular uma hipótese em relação a outra, demonstrando uma tendência. Se através de várias personagens essa opção é persistente, poderemos considerar que essa poderá ser a demonstração de um facto arquitetónico mais determinante que outros.

A cidade é, na sua definição formal mais mediática, um grande concentrado de edifícios, mais ou menos compactos e diversos, onde mora e onde se organiza uma

grande parte da população. Esse sentido de cidade é um senso comum, em contraste com o que não é cidade, espaço rural em que a edificação gera concentrados mais pequenos e por vezes dispersos.

É claro que considerar o aglomerado sinónimo de cidade gera complexidade. Pois existem pequenos aglomerados não-cidade, assim como, existem grandes aglomerados que administrativamente também não são chamados de cidade, porque não são portadores de certos requisitos.

No entanto, os fatores que identificam e que definem cidade não são pertinentes neste estudo, pois provavelmente teríamos que considerar uma outra tese para desenvolver essa definição.

O que interessa para o estudo é ficar com este sentido de interpretação talvez simplificada, da disciplina urbana: que a cidade apenas é cidade quando formalmente é percebida em aglomerado. Falamos da imagem pública e tradicional sobre a identificação de cidade.

Parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de imagens de muitos indivíduos. Ou talvez haja uma série de imagens públicas, criadas por um número significativo de cidadãos. (Lynch, 1960, p. 57)

É com esta noção de cidade que se pretende desenvolver o estudo.

Através de suas pesquisas sobre o fenómeno da percepção, feitas com grande número de experimentos, os psicólogos da Gestalt precisaram certas constantes nessas forças internas, quanto à maneira como se ordenam ou se estruturam as formas psicologicamente percebidas.

Essas constantes das forças de organização são o que os gestaltistas chamam de padrões, fatores, princípios básicos ou leis de organização da forma perceptual. São essas forças ou esses princípios que explicam por que vemos as coisas de uma determinada maneira e não de outra.

As forças iniciais mais simples, que regem o processo da percepção da forma visual, são as forças da segregação e unificação. As forças de unificação agem em virtude da igualdade de estimulação. As forças de segregação agem em virtude de desigualdade de estimulação. (filho, 2004, p. 10)

Quando perante uma percepção imediata dizemos gostar de um determinado edifício, expomos a ideia face a algum pragmatismo, não nos apercebendo que estamos a responder pela simplicidade do gostar, independentemente do que isso significa, ou o que determina gostar ou até não gostar. O princípio do desenvolvimento mais intelectual começa por esse reflexo cognitivo mais superficial do sentido da identificação.

O desenvolvimento e a reflexão sobre o que é espaço ou edifício considera o afastamento dessa superficialidade. É claro que quando olhamos para um edifício não desenvolvemos uma análise instantânea ou uma descrição completa do edifício, mas respondemos sempre a uma reação em relação ao que ele é na sua síntese mais pragmática.

Al describir una ciudad nos ocupamos preponderantemente de su forma; ésta es un dato concreto que se refiere a una experiencia concreto (...) (Rossi, 1982, p. 70)

É determinante para o trabalho o desenvolvimento destas reflexões sobre esta correspondência de relações entre o conteúdo da obra literária e o estudo urbano.

É importante exercitar estas sensibilidades interpretativas enriquecedoras da percepção arquitetónica sobre o que é esta relação literária, sobre esta relação do autor com a cidade e com a sua escrita.

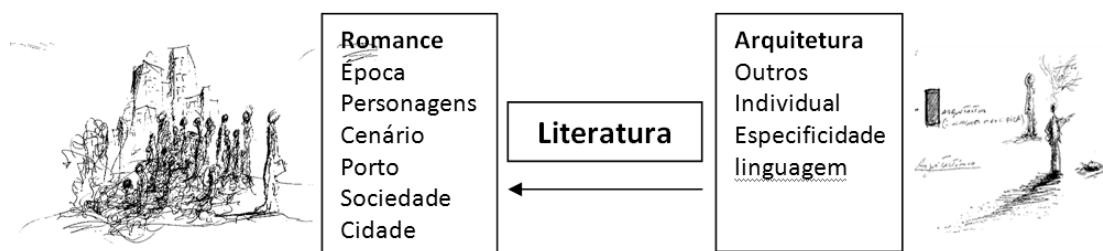


Fig. 1 - Esquema, "Definição do tipo de obra literária".

1.2 – O escritor escreve refletindo a sua sociedade?

Poderemos desprezar o fator social e compreender a *cidade arquitetura* a *cidade espaço urbano* unicamente através do elemento construído? Poderemos observá-la como estática e sem vida? Não será a cidade constituída pela união entre a sociedade que se movimenta e que a vive no seu dia-a-dia?

Temos a oportunidade de formar o nosso novo mundo citadino como sendo uma paisagem ideal visível, coerente e clara. Será necessário uma nova atitude da parte do habitante da cidade, dando boas e novas formas essas que agradam a vista, que se organizam gradualmente no tempo e no espaço e que podem ser símbolos representantes da vida humana. (Lynch, 1960, p. 103)

Pretende-se compreender esta relação social, encontrando-a refletida em textos que descrevem este elemento vivo gerador da cidade, este elemento que se entende refletido através da personagem, assumindo mudanças, definindo hierarquias e centralidades.

Cada indivíduo tem uma imagem própria e única que, de certa forma, raramente ou mesmo nunca é divulgada, mas que, contudo, se aproxima da imagem pública (...) (Lynch, 1960, p. 57)

Ao longo das várias épocas, acontece que determinados edifícios ou espaços tanto vivem momentos de glória, como rapidamente podem cair no esquecimento, sendo a sociedade uma fator definidor dessas variações.

O autor como cidadão é, na hierarquia da cidade, um elemento de predominância, o elemento vivo, o indivíduo que cognitivamente reage e opta. É ele também quem decide e a quem cabe o papel de construir e de definição da cidade, embora esta, por consequência, seja influenciável por um número indeterminável de fatores.

Refletindo sobre a importância do cidadão na cidade; poderemos no exemplo de uma cidade “fantasma” (cidade sem habitantes), considerá-la na sua real definição de cidade? Ou será esta, apenas um registo fóssil de um espaço que outrora viveu como cidade, mas que já não vive? Será possível, percebe-la sem que se saiba como viveu? Sem contextualização? Provavelmente, haverá algum consenso nesta noção:

Cidade = elemento construído + cidadão.

Precisaremos sempre de perceber esta equação na compreensão da cidade: Isto mesmo assume Benevolo (2008,p. 19) quando utiliza a palavra “Artefacto” para referir qualquer elemento construído pelo homem. É assim evidente a importância da cidade pois, se assim não fosse, apenas estaríamos a interpretar um objeto com uma determinada forma.

A cidade não é apenas um objeto perceptível (e talvez apreciado) por milhões de pessoas das mais variadas classes sociais e pelos mais variados tipos de personalidades, mas é o produto de muitos construtores que constantemente modificam a estrutura por razões particulares. Se, por um lado, podem manter-se as linhas gerais exteriores, por outro, há uma constante mudança no pormenor. Apenas parcialmente é possível controlar o seu crescimento e a sua forma. Não existe um resultado final, mas somente uma contínua sucessão de fases. (Lynch, 1960, p. 12)

A cidade do Porto, assim como outras, fez-se e faz-se num todo de pequenos e grandes espaços. É feita de muita diversidade, de acontecimentos e de tendências, que são interpretadas das mais variadas formas, dependendo da sensibilidade do indivíduo como centro de uma interpretação pessoal.

(...) sucede que mientras visitamos este palacio, y recorremos una ciudad tenemos experiencias diferentes, impresiones diferentes. Hay personas que detestan un lugar porque va unido a momentos de su vida, otros reconocen en un lugar un carácter fausto; también esas experiencias y la suma de esas experiencias constituyen la ciudad. (Rossi, 1982, p. 71)

Perante a experiência de um determinado espaço, existe uma percepção em relação ao que nos envolve e ao que nos sugere reações no conhecimento pessoal. Elementos que se afirmam e se transportam através do autor.

Todos teremos no exemplo da cidade do Porto, presumivelmente, e em comum, uma ideia de quais os edifícios mais representativos da cidade. Naturalmente, quando falamos a alguém de longe, não conhecedor da cidade Porto, sobre ela, provavelmente, falamos sobre espaços e edifícios que nos são mais sensíveis enquanto identificação da cidade; Avenida dos Aliados, Foz, Ribeira, Batalha, Rua da Alegria, Sé, Casa da Música, Torre dos Clérigos, etc.

Provavelmente também falamos sobre o quanto é importante a casa nº x da rua de Cedofeita (uma habitação pessoal), mas sabemos também que esta seria importante talvez num contexto mais pessoal, com uma área mais limitada, a imagem da nossa centralidade.

(...) o centro de uma construção é sempre a pessoa que está nela, experimentando o espaço a partir de si mesmo. O desafio está em permitir que cada pessoa seja o centro, em ser suficientemente generoso com o espaço para permitir que todos sintam que são o centro (...) (Ando in. Auping, 2002, p. 39)

O cidadão na cidade? Como se movimenta? Como sente? Como traduz? Como influencia? Como vive?

E o autor na cidade? Como se movimenta? Como sente? Como traduz? Como influencia? Como vive?

Ambos, em sociedade, comungam dos mesmos sentidos; ambos partilham e fazem parte de uma comunidade, de uma sociedade que em conjunto define as suas preferências urbanas.

O escritor é um elemento da sociedade. Também ele reage. O seu conhecimento e a sua opinião sofrem da manipulação da comunidade. Este é o reflexo da sociedade que se pretende captar nas obras que vão ser avaliadas, permitindo-nos observar uma cidade vivida se possível na época em que foi escrita ou com fundamento para tal.

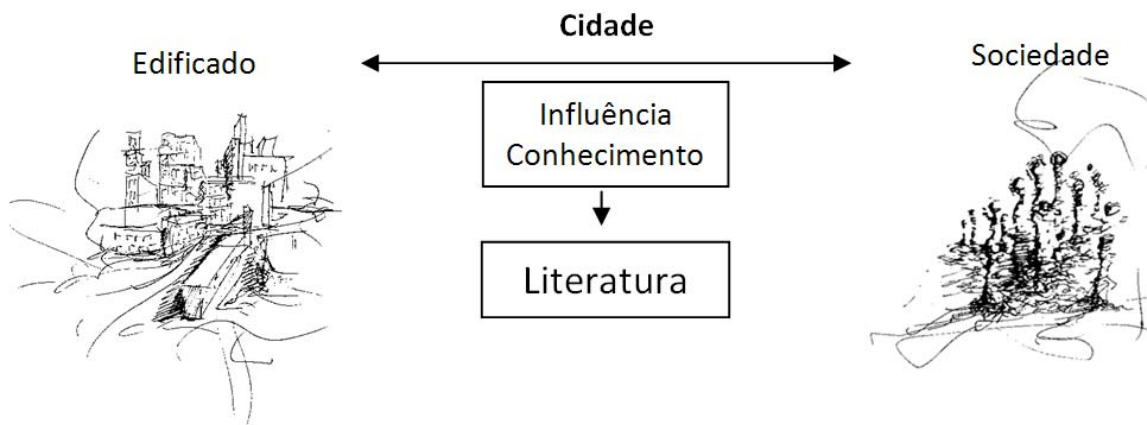


Fig. 2 - Esquema, “O escritor escreve refletindo a sua sociedade?”.

1.3 - Conteúdo literário enquanto estudo urbano

Urbanismo, por definição, é carregado de complexidades. Assim sendo, e devido a essa complexidade, não se procura neste trabalho demonstrar uma definição, pois daria matéria para várias teses.

A cidade do Porto é o espaço onde se desenvolve a análise urbana em contexto literário, procurando-se referências no edificado, no espaço e na sociedade que gera movimentos.

Procura-se encontrar nas quatro obras literárias que vão ser analisadas essas estruturas, essas constatações que em conjunto determinam ser influenciadoras na organização do espaço urbano: os movimentos, as tendências e a determinação da consequência que se desenvolve através de determinados fatores.

Perceber o passado da estrutura urbana da cidade e como esta se desenvolveu até aos dias de hoje, permite-nos talvez entender melhor um presente que nos prepara para o futuro, e as obras literárias que vão ser analisadas, poderão na verdade ser parte dessa ajuda ao estudo da estrutura urbana da cidade.

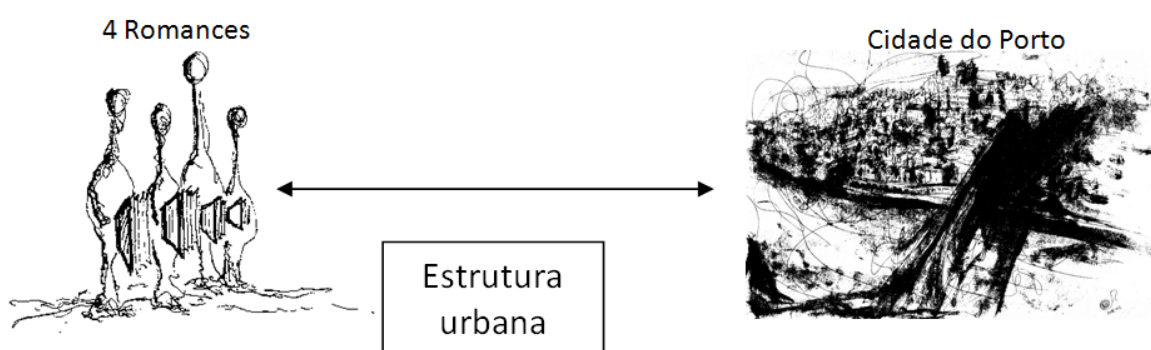


Fig. 3 - Esquema, "Conteúdo literário enquanto estudo urbano".

1.3.1 – Obras literárias, uma forma de registo, de informação e de contextualização

Ao falarmos de contextualismo, convém fazer uma reflexão sobre a palavra. Segundo Kate Nesbitt (2006, p. 323) a designação de contextualismo foi usada, originalmente por Steven Huart e Stuart Cohen, como combinação de contexto e textura: estavam interessados na textura urbana, Kate Nesbitt (2006, p. 119) fala-nos também do significado atribuído por Colin Rowe, “Contextualismo o edifício individual como fragmento de um todo maior”

Uma segunda ideia da teoria contextualista é a do “edifício diferenciado”. Shumacher reconhece uma dívida com o livro de Roberto Venturi *complexidade e contradição em arquitetura* na elaboração do conceito. Cita em especial a afirmação de Venturi de que o edifício deveria compatibilizar condições difíceis sem esconder a acomodação. O “Edifício diferenciado” resume o ideal e o circunstancial, modificando as condições do local e conciliando muitas influências sem perder sua “imaginabilidade” gestáltica. (Nesbitt 2006, p.323)

Para Rui Maia (2002, p. 82), o contextualismo, definido no Dicionário de Sociologia, “É a ligação de um acontecimento ao seu contexto de ocorrência que determina muitas vezes a identidade do mesmo.”

Concentramo-nos nesta última definição de Rui Maia, procurando estabelecer estas relações de contexto literário possível de modificar a perceção a determinado edifício ou espaço na estrutura urbana da cidade.

São muitos os fatores que determinam o livro como uma forma de registo, de memorização e de transmissão, onde o escritor regista os seus pensamentos e os seus conhecimentos que, quando distribuídos geram informação; passa-se, então a transmitir esse pensamento e esse conhecimento para mais indivíduos.

Assim, rapidamente nos apercebemos que é através da informação que são gerados conteúdos de contextualização. São muitos os elementos que da incógnita passam, por influência do livro, ao reconhecimento, à transição do sentido do elemento tal como ele é para um contexto que pode mudar a sua própria perceção. A passagem do incógnito para o reconhecimento.

Para Platão, o mundo concreto percebido pelos sentidos é uma pálida reprodução do mundo das Ideias. Cada objeto concreto que existe participa, junto com todos os outros objetos de sua categoria de uma ideia perfeita. Um determinado edifício, por exemplo, terá determinados atributos (cor, formato, tamanho, etc...). Outro edifício terá outros atributos, sendo este também um edifício, tanto quanto a outro. Aquilo que faz com que os dois sejam edifícios é, para Platão, a Ideia de edifício, perfeita, que esgota todas as possibilidades de ser edifício. A ontologia de Platão diz, então, que algo é na medida em que participa da Ideia desse objeto. (Adriano, 2011, p. 1)

Considerando Platão e o objeto a cidade, passamos a ter como atributo o edifício e a contextualização do atributo deste, distinto, como diz Platão, da ideia pura. Como tal, é provocada a passagem da ideia do vulgar e incógnito, para uma diferença referenciada. Passamos a considerar determinado edifício não só no seu verdadeiro sentido formal, mas como algo mais, algo que nos faz questionar, que nos provoca reações, influencia ou desperta sensações. Passamos a não ver só o edifício, mas este relacionado com algo mais.

Podemos considerar que a componente informação é um fator de intervenção na sociedade urbana com capacidade para intervir, nas estruturas espaciais hierárquicas da cidade. Esta reflexão leva a uma análise da relação entre a arquitetura e a literatura, tanto no ponto de vista da influência desta em relação à sua capacidade de informar, como no inverso.

Considerar o que foi escrito como um registo, ou informação, com poder para influenciar e mudar o sentido das coisas, na verdade, não será nada que não esteja na nossa perceção de valor em relação à escrita.

Percebe-se esta influência diariamente quando, percorrendo uma rua que nada nos diz, passamos sem a lembrar, sem refletir, sem sensação e sem referência, em que todos os edifícios nos parecem iguais.

Simulemos a título de exemplo, uma contextualização referente a essa rua:

Determinado escritor escreveu sobre a casa nº 2 dessa mesma rua, algo muito interessante, algo original, envolvendo a história de um romance, alguém publicamente conhecido, um drama cheio de sensacionalismo.

Como conseguiremos, após a leitura, percorrer essa mesma rua sem reparar nessa casa nº 2?

A contextualização pode ser, então percebida com um elemento gerador da mudança estrutural urbana.

Quando, em sociedade, certas centralidades são definidas como pontos de encontro de multidões é porque assim foi estipulado em grupo, ficando definido pela informação que passou entre elas. A multidão forma-se em determinados locais por alguma razão, por acontecimento cíclico, ou por moda. Estas centralidades podem variar fruto da variável informação.

Refletir sobre estas variáveis estruturais ativas no espaço urbano é tentar perceber de que forma as obras literárias que vão servir de análise, ou outras, podem influenciar a cidade e a sua percepção perante as pessoas.

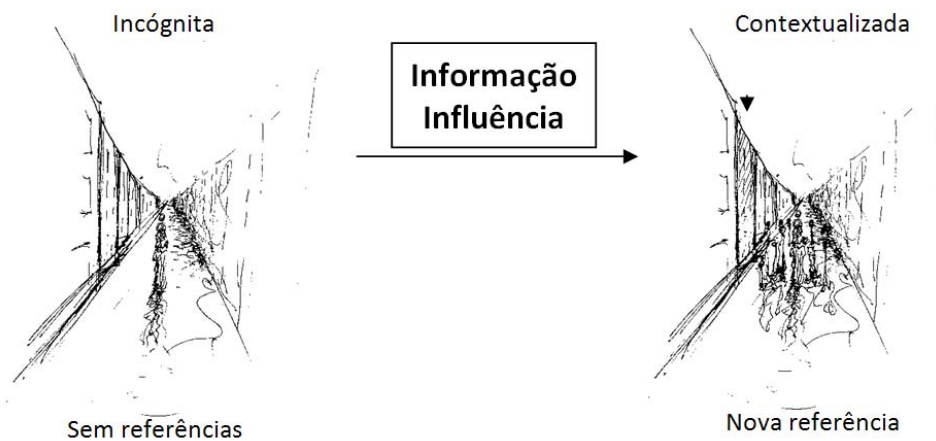


Fig. 4 - Esquema, “Obras literárias, uma forma de registo, de informação e de contextualização”.

1.3.2 – A opinião pública

O direito à opinião é algo que constantemente nos persegue obrigando-nos a formular juízos de comparação. Quando, e no contexto urbano da cidade, formulamos

as nossas opiniões sobre determinado edifício ou espaço, é porque temos algo a equiparar.

Ao considerarmos que algo não está bem, é porque pensamos que poderia estar melhor; logo, estamos a ajuizar uma outra hipótese. A diferença está, se estaremos na primeira hipótese a opinar “bem”, e, sendo assim, entramos num ciclo de opiniões sem fim, sempre dependentes da verificação de juízo. Para o filósofo Parmênides na opinião:

(...) encontramos dois caminhos: o primeiro que é a via da verdade e o segundo, a via da opinião. O segundo caminho, nos diz Parmênides, temos que nos afastar, pois é o caminho do não-ser, do nada, do que não existe, do inominável, do impensado e do indizível.

O não ser, é o que captamos pelo nosso campo sensorial, e os sentidos só nos traz o ilusório, o que não existe; a percepção, é o campo da doxa, a opinião é o não-ser, o nada. (Guimarães, 2003, p. 1)

Sendo a opinião, segundo o filósofo, uma reação cognitiva que pode optar pelo caminho da não-reflexão ou da não-argumentação, para nos fundamentarmos no que interpretamos como verdade temos:

A alétheia, é o Ser, o Ser é o verdadeiro, e é na vida da verdade que nós temos que caminhar, e pela razão atingirmos o Ser que é Uno, indivisível, imutável, intemporal.

O ser é pensado, se ele é pensado, ele existe, pois só podemos pensar sobre algo que tem existência, portanto, ele pode ser nominado, pois só podemos dar nomes a coisas existentes; tendo nome ele pode ser dito, sendo tido podemos utilizar a persuasão para afastar os homens mortais do falso, da segunda via, da opinião.

"O Ser é e o não ser não é"

É na máxima elaborado por Parmênides: O Ser é e o não-ser não é, norteará todas as discussões ulteriores sobre o Ser, as respostas variadas serão dadas para defender ou refutar a tese parmenediana do Ser Uno e imutável. (Guimarães, 2003, p. 1)

Nesta tese procuramos a verdade no autor, não uma opinião sem “nada”, mas uma opinião suposta no conhecimento da cidade do Porto e da sua sociedade.

Temos de ponderar sobre a utilização de registos de opinião. A opinião no sentido da opção pelo verdadeiro sentido de uma sociedade e das suas preferências que o autor regista como vividas ou justificadas. Conforme Montaner (cit. in. Lima, 2008, p. 9), “deveríamos concluir que a crítica arquitetónica não se dá senão no espaço de presença.”

Procuramos nas obras que analisamos encontrar a opinião da Cidade, a opinião com sentido comum, aquela que envolve quem a conhece. Existe uma opinião que é generalizada sobre certos edifícios que se revelam com um grau de maior importância relativamente a outros. Será no momento, comum afirmar que a estação de S. Bento tem um grau de importância maior para toda a população da cidade do que a casa com o número 5 da rua Escura, independentemente de esta ter um grau de importância particular.

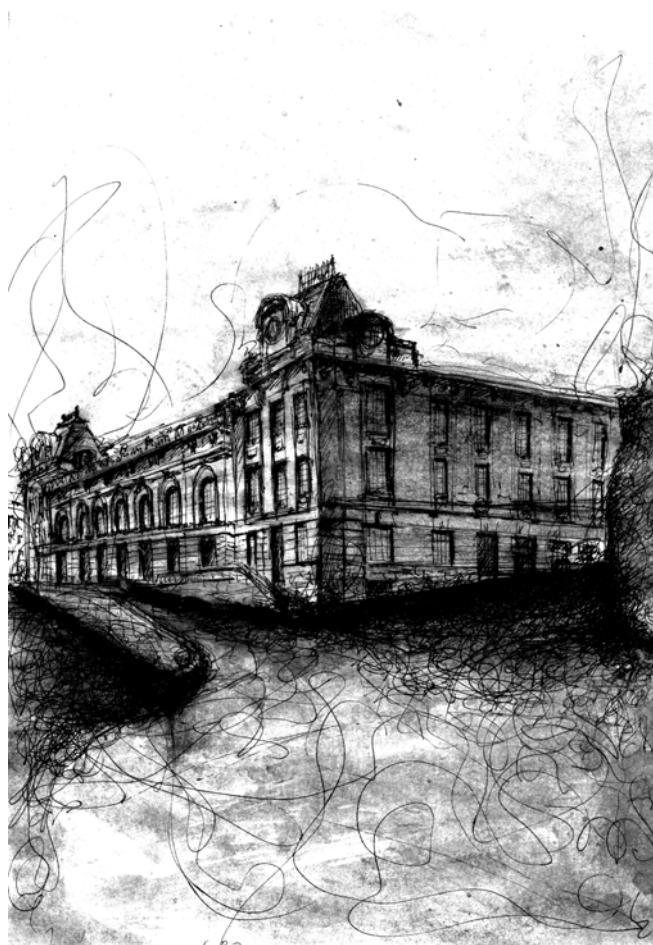


Fig. 5 - Ilustração da estação de S. Bento.

Podemos dizer que existem opiniões que são da cidade, que são da comunidade que partilha da mesma percepção, gerando a opinião de um tempo, de uma cultura e de uma geração.

A opinião sobre a cidade é uma realidade identificável, é perceptível, conseguindo-se entender o poder de certos edifícios geradores de uma opinião entre a sociedade de uma cidade onde se inclui o autor que regista essa influência no conteúdo da sua obra literária.



Fig. 6 - Esquema, “A opinião pública”.

1.3.3 - Registo literário conteúdo de uma presença visual

A teoria da percepção visual desenvolvida por Rudolf Arnheim, ao longo das três décadas, constitui uma das mais importantes no estudo da percepção da arte. O conceito do pensamento visual pressupõe que não existe percepção sem pensamento (tal como não existe pensamento sem percepção); perceber consiste em compreender relações, a estrutura do objecto.

A percepção, a visão criadora, é uma experiência dinâmica, uma interacção de tensões dirigidas ou forças perceptivas, portadora de uma determinada expressão (...) (Muga, 2005, p. 79)

A obra literária pode incidir sobre espaços e formas, afirmando-os através de um registo visual que confrontou a realidade de determinado espaço ou edifício. Henrique

Muga (2005, p. 153) “De acordo com o arquiteto Geoffrey Baker(1991), as três forças que actuam na arquitectura são o lugar, o programa e a cultura dominante”.

A visão é um dos mais importantes sentidos humanos sendo uma ferramenta de interpretação. Vemos e transportamos para o depósito das sensações. Vemos o espaço e logo formulamos uma resposta, cognitivamente, baseada em determinados conceitos. Ver é poder descrever uma realidade que se compõe por formas, cor e luz, elementos que fazem a diferença entre o não poder ver. Ver, para o escritor, é poder contextualizar uma experiência, descrever o que a memória recebeu visualmente.

A obra literária reflete essa presença visual, responde ao reconhecimento de uma realidade que pretende confirmar o registo armazenado numa determinada época.

Ver comparado com o *não ver*, é o sentido de se poder, ou não, descrever. Pode-se escrever sobre um determinado edifício ou espaço sem o ver, mas nunca poderíamos descrevê-lo realmente como ele é. Podemos vaguear nas palavras, num contemplar infundável de escritas que definem um tal objeto, mas nunca poderemos concretizar o verdadeiro sentido de o ter visto, da sua existência física.

Entende-se que esta percepção visual esteja nas obras literárias, pois então teremos uma análise mais realista de como realmente era a cidade vista aos olhos do cidadão, do escritor ou da fonte onde essa realidade existe.



Fig. 7 - Esquema, “Registo literário conteúdo de uma presença visual”.

1.3.4 – A mudança da cidade do Porto ao longo das épocas

A dimensão temporal referida pelo arquiteto Fernando Távora (Távora, 2006, p. 11) é descrita como o “(...) não estático, mas em movimento e, nesse caso, aos três valores ou dimensões (x, y, z) que o definem haverá que acrescentar uma quarta dimensão T (tempo) (...)”. Tempo, símbolo de mudança que pressupõe a ligação entre o antes e o depois, sendo o presente uma posição mediadora, uma fronteira entre estas duas posições, entre o passado e o futuro que nos levam a refletir sobre o que foi alterado e o que vai sofrer alterações.

(...) no processo de mudança Aristóteles considera estarem envolvidos três elementos – o sujeito da mudança, a sua privação de uma certa característica antes da mudança, e a sua característica nova depois da mudança. (Santos, 2007, p. 1)

Sente-se a mudança como tendo neste sentido o significado de algo que está em constante alteração, nada do que é neste preciso momento é igual no momento a seguir.

A mudança pressupõe relação com a idade, elemento de registo que marca uma definição na posição temporal.

Na obra literária, o fator tempo é uma identificação, uma identidade. O enquadramento temporal é essencial.

A mudança na cidade do Porto deu-se ao longo dos tempos, sendo uma constante, é uma inevitabilidade que atravessa a sua existência. O arquiteto Lewis Mumford diz:

Em virtude de sua concentração de energias físicas e culturais, a cidade acelerou o ritmo das relações humanas e traduziu os seus produtos em formas que podiam ser armazenadas e reproduzidas. Por meio de seus documentos, da sua história e dos seus hábitos ordenados de associação, a cidade aumentou o âmbito de todas as actividades humanas, estendendo-as no tempo, para a frente e para trás, por meio das disponibilidades de armazenamento (prédios, porões, arquivos, monumentos, tabuinhas, livros), a cidade tomou-se capaz de transmitir de geração em geração uma cultura complexa, pois pode reunir não só os meios físicos, mas também os agentes humanos necessários para transmitir e aumentar essa herança. Este continua a ser o maior dos dons da cidade. (cit. In. Rodrigues, 2010, p. 461)

O conhecimento atravessa os tempos através do contacto humano; a cidade é esse elemento de transmissão, pois esse contacto torna-o mais próximo e mais duradouro.

A Distância Entre Gerações, A solução de continuidade entre as gerações depende da impossibilidade de transmitir a experiência, de fazer evitar aos outros os erros já cometidos por nós. A verdadeira distância entre duas gerações é dada pelos elementos que têm em comum e que obrigam à repetição cíclica das mesmas experiências, como nos comportamentos das espécies animais transmitidos pela herança biológica; ao passo que os elementos da verdadeira diversidade existente entre nós e eles são, pelo contrário, o resultado das modificações irreversíveis que cada época traz consigo, ou seja, dependem da herança histórica que nós lhes transmitimos, a verdadeira herança de que somos responsáveis, mesmo que por vezes o sejamos de forma inconsciente. Por isso não temos nada a ensinar: sobre aquilo que mais se parece com a nossa experiência não podemos influir; naquilo que traz o nosso cunho, não sabemos reconhecer-nos. (Calvino, 1985, p. 1)

Ao longo do tempo passado foram surgindo alterações sucessivas na cidade. Surgiram mudanças que não só se referem à idade como elemento da identidade da cidade, mas também às mudanças estruturais visíveis, físicas, que surgiram como adaptações, desde a simplicidade da sua origem, até à complexidade dos dias de hoje.

Avaliar obras literárias com conteúdos que permitam interpretar a estrutura urbana em épocas já passadas é um dos objetivos do trabalho.



Fig. 8 - Esquema, “A mudança da cidade do Porto ao longo das épocas”.

1.4 - A identidade da cidade do Porto

“Daqui Houve Nome Portugal.”

(...) «Eu digo por mim e por todo este poboo que aqui esta, que nos somos prestes com boa voomtade de servir o Mestre, nosso Senhor, e fazemos todo o que ell mandar por seu serviço e deffenssom do rregno. Ca já ell seeria huñ estranho que nos nom conheçeríamos, e quamdo sse ell desposesse ataaes trabalhos e perigoos por nos deffemder e emparar, nos o serviríamos com os corpos e averes; moormente seer elle filho delRei dom Pedro como he» (...) (Fernão Lopes, cit. in. Andrade, 1968, p. 10)

A cidade do Porto perceptível é limitada. Identifica-se como sendo distinta, em comparação com outras para o povo que a habita. No Dicionário de Ciências Sociais (2002, p. 196), define-se a identidade como sendo:

(...) um conceito de utilização generalizada nos vários ramos das <<Ciências Sociais>>, facto que confere complexidade à sua definição. Etimologicamente, o termo significa característica do que é o mesmo ou, numa asserção mais propriamente ontológica, a essência do ser, aquilo que permanece (...)

Vários autores se pronunciam caracterizando o Porto como a invicta, a cidade do norte de Portugal, reconhecida não só pelas suas características físicas, mas também, pelas suas gentes e pelo seu característico sotaque, pela cor, pela luz e por mais características que surgem ao seu contemplar.

(...) dizia eu aos amigos, quando visitei o Porto pela primeira vez, num entardecer à distante, ali, no terreiro do Convento da Serra, fascinado com todo aquele casario que se derramava às golfadas do Douro, as fachadas roídas pelos dias húmidos e viscosos, onde uns restos de sol fulguravam nas janelas e nos telhados, e as torres mais hirtas pareciam recuar na noite, que começava a cair. (Andrade, 1968, p. 10).

A cidade do Porto:

Nesse lugar havia um rio chamado Douro por ter em si muitas e belas riquezas.

A terminologia da palavra aponta para portus, a porta, topónimo que traduz a vida comercial e o desejo de um povo pioneiro na descoberta do desconhecido.

A constituição das suas origens como cidade data de 417. (PortoXXI, 2001, p. 1)

A cidade do Porto na sua essência, tem provocado descrições infundáveis à sua personalidade, direta e indiretamente relacionadas para uma determinada experiência ou registo emocional. A identidade do Porto é o espaço, o edifício e o percurso. É o seu carisma.

PORTO DA MINHA INFÂNCIA

Lisboa em gesso branco, o Porto em pedra escura,
Sobre os abruptos alcantis do Douro;
Esse rio que vem, de longe, solitário,
Cobrir-se de asas brancas de navios
E de negros canudos de vapores.
Encostados aos cais, depõem a férrea carga.
Outros, vão demandando a barra e o farolim,
Que dá luz, tão triste! Em noites invernosas.

Distante, no poente, esfuma-se uma nódoa,
Em verdes tons fluidos que palpitam
Numa névoa indecisa, vaga imagem
Da tristeza do mar pintada em nossos olhos.

Porto da minha infância!
A primeira impressão que me causaste
Tenho-a, cheia de espanto, na memória,
Cheia de bruma e de granito!
É uma impressão de inverno,
Sombra cinzenta, enorme, donde irrompe
Alto cipreste empedernido,
No meio de sepulcros habitados. (...)

(António Patrício, cit. in. Andrade, 1968, p. 171):



Fig. 9 - Imagem do Porto fonte “Daqui Houve Nome Portugal” (Andrade, 1968, p. 52).

1.5 - Enquadramento histórico entre a literatura e a cidade do Porto

Com esta perspetiva da história pretende-se um paralelismo entre o que foi o desenvolvimento literário e o desenvolvimento urbano, obtendo-se através deste, uma relação entre estas duas matérias que evoluíram ao longo dos tempos, simultaneamente, definindo o que hoje é a cidade perante esta relação.

Trata-se de um breve resumo onde pretendemos analisar o momento em que será possível avaliar através da literatura, a cidade numa perspetiva não descritiva da mesma, mas, em contextos mais indiretos aonde nos será permitido observar a cidade não só como estrutura urbana mas em sociedade, em movimento.

A história da literatura levanta problemas muito seus devido a este seu critério próprio de selecção. Como a história de qualquer bela-arte, plástica ou rítmica, exprime valores cuja permanência é, em geral, mais reconhecida que a das técnicas ou das instituições. Mas a matéria a partir da qual se elabora, e que é a linguagem ligada aos actos sociais correntes, articula-se com ideologias historicamente determinadas, as transformações técnicas, as tensões e expectativas sociais. (Saraiva e Lopes, 2008, p. 10)

Um dos fatores decisivos para a definição da língua portuguesa foi a romanização na Península Ibérica definindo-se no latim o ponto de partida para a língua que hoje utilizamos no nosso cotidiano literário português.

A difusão do Latim verifica-se ao mesmo tempo que as *villas* (latifúndios), protegidas pelo direito e o Estado romano, integram, como colonos adscritos às suas terras, os antigos habitantes dos castros serranos; que as instituições urbanas se desenvolvem os moldes municipais de Roma, graças a legiões, praças de comércio, tribunais, escolas, templos, teatros e termas; e que nas províncias ocidentais da Península, a Lusitânia e a Galécia, se constrói um sistema de vias com que, aproximadamente, viria a coincidir o actual traçado ferroviário e rodoviário fundamental, preludiando deste modo a sensível autonomia das comunicações internas portuguesas. (Saraiva e Lopes, 2008, p. 15)

Paralelamente à história da literatura passamos a estabelecer uma relação com o que se passa na península, em Portugal e quando possível especificamente na cidade do Porto, no contexto urbano, tentando-se inicialmente ir às origens da sua definição como povoado através da citação de vários estudos já realizados obre a matéria, sendo o caso da tese desenvolvida por Helena Teixeira com o título “Porto, 1114 – 1518 A

A existência do castro ou civitas de Cale, transmitido até os nossos dias pelas fontes clássicas (C. Plínio), permite-nos afirmar (concordando neste ponto com as interpretações de quase todos os autores que têm estudado esta questão), que este topónimo, deu nome ao etónimo Calaios/as (habitantes de Cale), tribo que, além de distribuir-se em vários povoados proto-históricos nos arredores do que hoje é a cidade e a foz do Douro (Sanfins, Penafiel ou Vila Chã), contavam com um lugar de importância capital, devido ao valor estratégico na encruzilhada de caminhos, que na altura, vinha a supor o lugar onde hoje se encontra Morro da Sé e o monte da Cidade do Porto. C. Plínio, que definiria aos habitantes de Cale como Caleci/Galaicos, fez distinção entre estes, e os Lusitanos do sul do Douro. (Igrejas, 2005, p. 2)

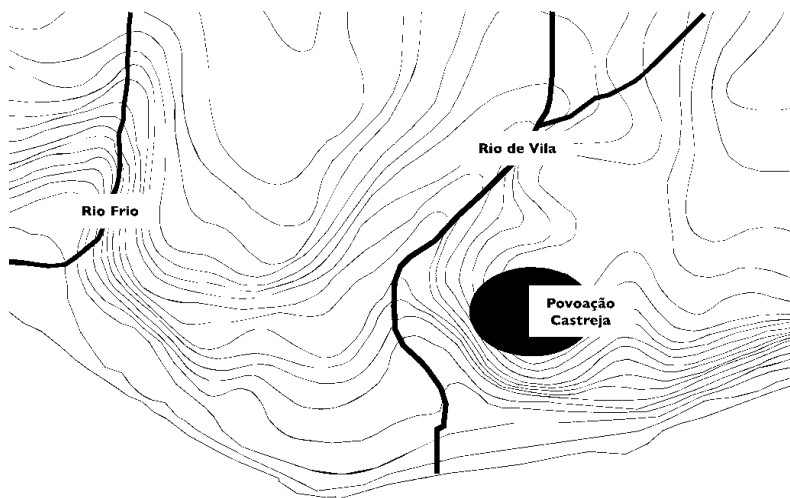


Fig. 11 - Imagem da Povoação Castreja (fonte: (Teixeira, 2010, p. 17))

Com a implantação do latim na Península através da romanização, ficam para trás antigos falares como o Euskera, língua dos Iberos, preservada e falada ainda hoje unicamente por cerca de 30% do Bascos e que segundo Ekhaiz Arrikibar (2002, p. 3) é um dialeto celta que remota à cerca de 20.000anos.

O português é um dos produtos da România, do império Romano, que como outros derivou do Latim.

Com a grave crise que o Império sofreu durante o século III, o esforço uniformizador, até então exercido pela organização administrativa e escolar, cederá já perante a dialectização espontânea; e aliás as necessidades de tornar a língua assimilável por outros e variados povos apressa transformações que já se observam em processo desde a origem. É deste latim evoluído e diversificado geográfica e socialmente que provém, entre outras línguas novilatinas o Português. (Saraiva e Lopes, 2008, p. 18)

A língua literária e a literatura encontravam-se na fase conhecida por Médio Latim ou Média Latinidade, nome que depois sugeriu o da Idade Média, mas diferentemente datado: entre fins do século II, com o advento dos imperadores africanos e ilírios, e a queda oficial do Império Romano do Ocidente, em 476, início convencional da Idade Média. É o período dos principais Padres da Igreja, como St.º Ambrósio, primeiro organizador do canto litúrgico, St.º Agostinho (de Hipona), primeiro importante filósofo cristão, e S. Jerónimo, a quem se deve a *Vulgata*, principal tradução latina da Bíblia, que serviram de modelo ao latim eclesiástico. (Saraiva e Lopes, 2008, p. 20)

Enquanto decorriam estas definições linguísticas derivadas do latim, a cidade do Porto evolui, também ela pela influência da romanização, que não deixou de influenciar com elementos estruturais fundamentais a consolidação do seu espaço ainda pouco urbanizado.

Das estruturas deixadas pela romanização, sobressai uma importante via que estrategicamente passava por Lisboa em direcção ao Porto ligando as duas margens do rio Douro através das suas zonas ribeirinhas em direcção a Braga.

Achados romanos em ambas as margens do rio levam a acreditar que estes dois estabelecimentos se desenvolveram em comum como um único porto de passagem sediado nos dois lados da travessia. Em todo o caso, até hoje, o maior número de vestígios apareceram do lado norte, no morro da Sé, no barredo e na Praça da Ribeira, sendo provável, segundo Manuel Real, que na margem sul se situasse a zona pretoriana, e do lado norte as grandes construções portuárias e a zona monumental da cidade. (Teixeira, 2010, p. 20)

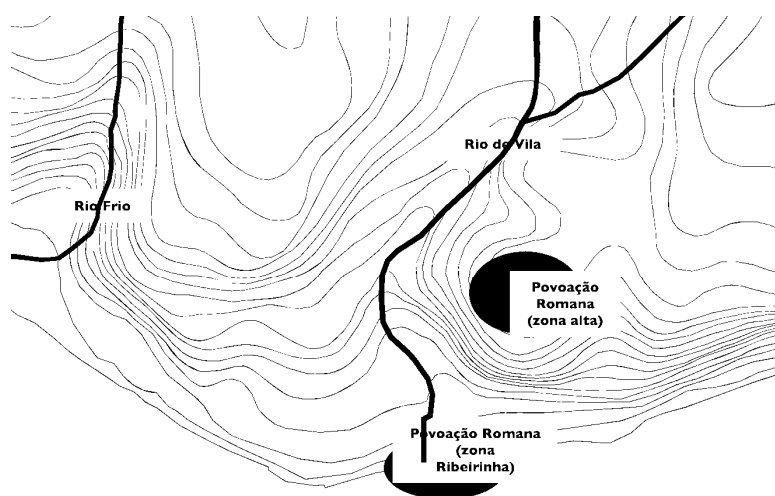


Fig. 12 - Esquema espacial da povoação romana (fonte: (Teixeira, 2010, p. 20))

O século V, denominado Alta Idade Média, é uma época de guerras, o Porto sofre o domínio dos germânicos, Suevos e visigótico, até à sua denominação como *Portucale*.

Numa crónica do século V, da autoria do Bispo flaviense Idácio, refere-se pela primeira vez o topónimo “Portucale” como “povoação fortificada com o seu porto no estuário do rio”, o que leva a acreditar na sua existência como acrópole militar, e na existência de dois pólos de desenvolvimento urbano em plenos século V, o setentrional, localizado no morro da Penaventosa e acrópole militar, e o localizado no sopé, junto ao rio Douro, mimetizando a ocupação romana anterior. (Teixeira, 2010, p. 23)

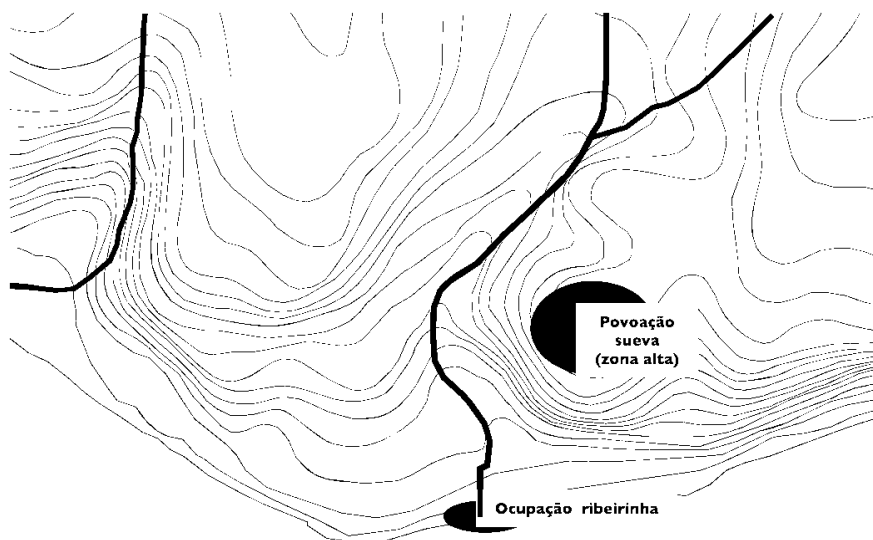


Fig. 13 - Esquema espacial da povoação da Alta idade média (fonte: (Teixeira, 2010, p. 23))

As crónicas de Idácio, bispo de Chaves, são as mais antigas e mais importantes desta época, descrevendo-a baseado em factos e em experiencias próprias, os acontecimentos que dá como apocalípticos, terrores que descreve como se presenciasse o *fim dos tempos*.

Os Bárbaros, que penetraram nas Espanhas, pilham e massacram sem piedade. Por sua vez, a peste não causa menos devastações. Enquanto as Espanhas estão entregues aos excessos dos Bárbaros, e o mal da peste não faz menos estragos, as riquezas e os víveres armazenados nas cidades são extorquidos pelo despótico colector de impostos e exauridos pelos soldados. E eis que a temível fome ataca: os humanos devoram a carne humana, sob a pressão da fome, e as próprias mães se alimentam do corpo dos filhos, por eles mortos e cozinhados. Os animais ferozes, habituados aos cadáveres das vítimas da espada, da fome ou da peste, matam também os homens mais fortes e, cheios dessa carne, desencadeiam por todo o lado o aniquilamento do género humano. (cit. In. Salvado, 2011, p. 1)

Das várias derivações que surgiram do Latim, resultaram as línguas românicas modernas, definidas como Romance (ou Romanço), e que se foram definindo por toda a Europa.

Os métodos da gramática comparativa e histórica, depois aperfeiçoados pelos da geografia linguística, possibilitam a classificação científica das línguas românticas. É assim que entre elas se distingue um grupo ocidental, em que salientam o Romeno e dialectos Centro e Sul de Itália; e um grupo ocidental, que abrange o italiano setentrional, os actuais dialectos *reto-romanches* ou *ladinos* (Suiça), *dolomitas* (Áustria) e *friulanos* (Itália), e outros dois subgrupos, num dos quais avulta o Francês, proveniente da *Langue d'oil* medieval, enquanto no outro se encontram o occitânico, conhecido na Idade Média por *langue d'oc* (em que se destaca o dialecto provençal), o Catalão, o Castelhana e por fim, e particularizando mais, um conjunto de dialectos hispânicos ocidentais: asturianos, leoneses (em grande parte absorvidos pelo Castelhana, que deu origem ao Espanhol hoje oficial) e galego-portugueses, de que se originou o Português (e o Galego). (Saraiva e Lopes, 2008, p. 21)

Estas definições linguísticas do Romanço acentuam-se nos séculos VIII, IX e X muito pela descentralização política feudal.

É entre a romanização e as reconquistas das monarquias neogóticas, que a Península ibérica fica sobre o domínio de várias influências linguísticas: Germânicos, Alanos, Vândalos, Suevos e visigodos. Influências que não deixaram grandes alterações estruturais, mas deixaram alguns registos.

No Porto, um desses registos datado do século IX, é o mais antigo testemunho literário manuscrito encontrado e preservado até aos dias de hoje, um fragmento que a Biblioteca Municipal do Porto guarda com todo o orgulho nos seus arquivos.



Fig. 14 - Imagem do fragmento lex visigothorum, século IX (fonte: Biblioteca Municipal do Porto)

De acordo com Díaz y Díaz, trata-se do fragmento mais antigo da Lex Visigothorum que se conserva em toda a Península.

Segundo K. Zeumer, que publicou o código visigótico, há três versões da Lex Visigothorum: a recensão Recesvindiana, recensão Ervigiana e Recensão Vulgata, sendo o fragmento testemunho da segunda versão. O código de Recesvindo foi publicado em 654, tendo como objectivo a unificação legislativa, apresentando-se como um código novo, tendo embora recebido grandes influências do código de Leovigildo que por sua vez refundira o código de Eurico, tomando por base todavia o código euriciano.

Publicado depois do concílio de Toledo (653), teve a colaboração do bispo de Saragoça, S. Bráulio, o que explica a forte influência eclesiástica que o código reflecte. (Meirinhos e frias, 2001, p. 283)

Portucalense sob domínio asturiano (que se assumiam herdeiros do reino visigótico), a partir do ano de 868, o seu burgo assume um importante papel administrativo no repovoamento do norte de Portugal (entre-Douro-e-Minho), afirmando o topónimo na região que passa a designar-se província portucalense.

Entre o século IX e X, o Porto é várias vezes atingido por Muçulmanos e normandos, o que provoca grande instabilidade no local.

Em termos urbanos, pouco se sabe sobre o burgo após a sua reconquista pelo conde Vímara Peres. O clima de instabilidade que, como vimos, caracterizou este período, indica que a cidade poderia ter um período de estagnação, ou melhor dizendo, de altos e baixos. Todavia, o valor estratégico do burgo continua a manter-se, o que se vê na sua escolha como palco de lutas civis entre cristãos e como local

elegido por Almançor para reunião das tropas, Presente-se assim uma nova etapa de recuperação, devido precisamente à excelência da sua localização estratégica. (Teixeira, 2010, p. 27)

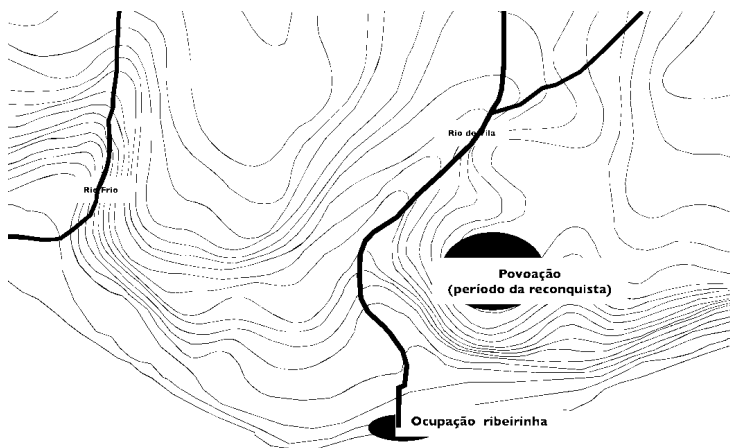


Fig. 15 - Esquema espacial do período da reconquista (fonte: (Teixeira, 2010, p. 26))

A grande evolução da língua portuguesa dá-se entre os fins do século IX até inícios do Século XIII, de quando datam os textos em Português com maior antiguidade.

Na Biblioteca Municipal do Porto encontram-se dois exemplos literários que destacamos: “O Testamento Vetus” 1101, dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho e “O livro das Aves” de 1201, de Petrus Alphonsi.



Fig. 16 - Imagem de uma das páginas ilustradas de O Livro das Aves (fonte: Biblioteca Municipal do Porto)

Não existem muitas informações sobre o espaço urbano do Porto no século XII, mas, este foi um período de reconquista que se estendeu a toda a Península Ibérica em que começaram a surgir novas actividades económicas, e junto aos castelos, sobressaíam domínios senhoriais onde brotavam novas vilas e cidades.

Provavelmente terá havido alguma actividade na reconstrução ou reparação da muralha dita sueva, nomeadamente com o esforço de um reduto na escarpa sudoeste. Esta cerca teria, em meados do século XII, uma área aproximadamente quatro hectares e um perímetro de 750 metros. Incluindo a zona da Sé e a plataforma inferior das Aldas. Como vimos terá usado trechos de antigas estruturas com a mesma função, mas de épocas anteriores, nomeadamente a castreja, altura de que datará a adequação topográfica ao terreno, e ao mesmo tempo a escolha do seu traçado estratégico, adaptando as aberturas da fortificação à topografia existente e permitindo enquadramentos visuais defensivos. Na zona mais exposta, do lado nordeste, encontrava-se a entrada principal do burgo, a Porta da N.^a S.^a da Vandoma, única com acesso de carros, os quais podiam aí chegar vindos da rua Escura ou da Rua Chã. (Teixeira, 2010, p. 33)

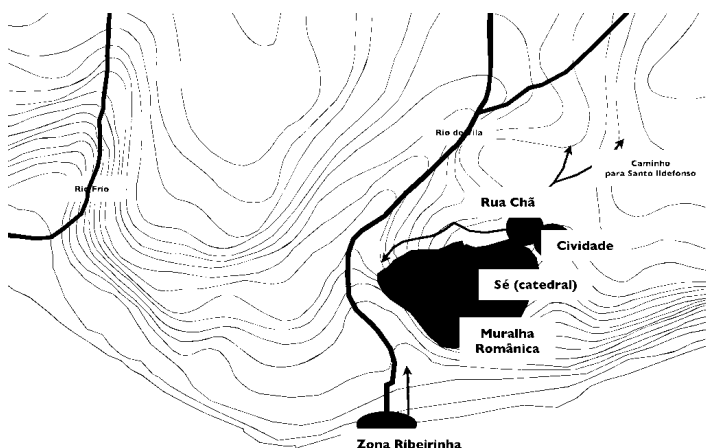


Fig. 17 - Esquema espacial urbano da cidade no início do século XII (fonte: (Teixeira, 2010, p. 33))

É entre o século XII e o século XVI que o português se define gramaticalmente, é o período chamado *arcaico*. Período de definição do reino de Portugal que se estende até ao Algarve.

É possível, por isso, distinguir no período arcaico da língua portuguesa uma primeira fase, até cerca de 1385 (e portanto coincidente, como veremos, com a fase inicial da literatura, que se caracteriza pela preponderância do Galego, cujo prestígio e uso literário se estendia então à própria corte régia castelhana), e em segunda fase desde então até aos primeiros gramáticos do Português (Fernão de

O desenvolvimento urbano dentro do burgo muralhado torna-se intenso com esta estabilidade inicial conseguida pelo episcopado, assim como, se intensifica a zona ribeira em novos aglomerados edificado que se estende para norte e para oeste.

A cidade do Porto ao afirmar-se comercialmente inicia conflitos de interesse entre o bispo e o rei que começa a ver um Porto lucrativo.

É então que o poder régio atua, e com o apoio da população, com a implantação de dois conventos: S. Francisco e S. Domingos, que funcionam como motores de equilíbrio estrutural dependência da administração do episcopado.

A partir de meados do século XIV, o Português comum e literário resulta de uma rápida fusão e evolução linguística realizada sobretudo em Lisboa, com grande influência dos dialectos meridionais, que deu à fonética portuguesa certas características talvez moçárabes. (Saraiva e Lopes, 2008, p. 24).

Os mais antigos textos literários escritos em língua portuguesa são versos, cancioneros século XIII e XIV, destacando-se três: o mais antigo, *Cancioneiro da Ajuda*, seguindo-se, *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* e o *Cancioneiro da Vaticana*.

Neste período destaca-se Fernão Lopes, cronista-mor do Reino, cargo que o tornava como redator oficial das crónicas (as narrativas históricas) dos reis de Portugal.

Fernão Lopes provavelmente escreveu as crónicas de todos os anteriores reis de Portugal, incluindo a do próprio D. Duarte, seu contemporâneo.

Na cidade do Porto, D. Afonso IV manda construir no século XIV uma nova muralha, gótica (designada fernandina), que virá a ter uma grande importância na evolução da cidade. Segundo Teixeira (2010, p. 60), terá começado ser construída em 1355, mas uma inscrição válida à sua construção encontrada no postigo do Carvão, na ribeira data de 1348.

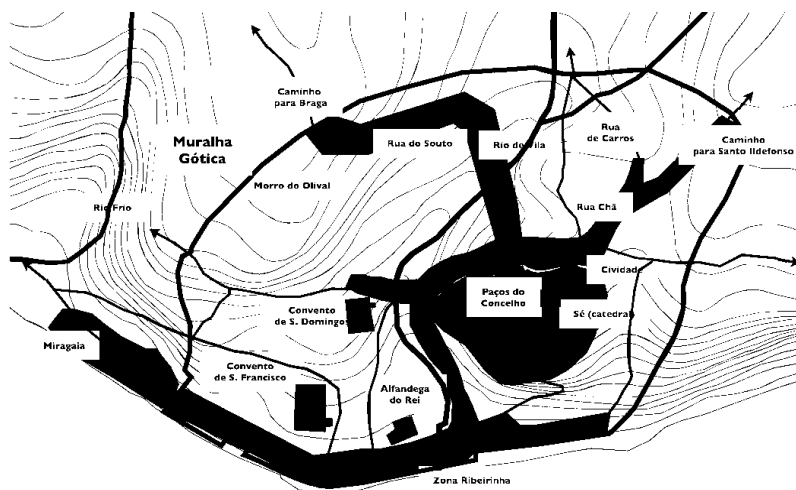


Fig. 19 - Esquema espacial urbano da cidade entre 1355 / 1386 (fonte: (Teixeira, 2010, p. 59))

Este é o equipamento urbano medieval por excelência, aquele que define, delimita e condiciona todo o espaço da cidade, e ainda a sua envolvente. As cercas góticas, ao fazerem a demarcação física da cidade, foram a resposta a uma série de novas necessidades estratégicas do tempo. Além de proporcionar uma maior segurança aos seus habitantes, e maior prestígio ao aglomerado, possibilitam uma nova fiscalidade face à contabilidade pública e ao avanço dos impostos, pois ao vedarem o espaço, melhor controlavam as suas entradas e saídas, assim como a cobrança de portagens e a avaliação das procedências e quantidades. (Teixeira, 2010, p. 59)

(...) a muralha acaba por funcionar nesta altura, ainda longe dos primeiros planos para cidades concebidos nas épocas modernas, como uma verdadeira matriz física de toda a cidade, quer a coeva, quer a futura, Ou seja, funciona quase como um PDM (Plano Director Municipal). Numa perspectiva urbana, a muralha gótica afigura-se acima de tudo como um enquadramento para o desenvolvimentos espacial vindouro (...) (Teixeira, 2010, p. 68)

O século XIV foi tanto no contexto urbano como no contexto político e social, um século de grande desenvolvimento estratégico para a cidade, levaram-se a efeito, nesta época, à implantação de uma sequência de estruturas urbanas que determinaram significativamente a sua evolução futura: Novas vias de comunicação, uma alfandega e a Ponte das Barcas que ligou em vários momentos fisicamente o Porto a Gaia.

Com uma grande número de mercadores, proprietários e artífices exigia-se uma rápida alfabetização na cidade do Porto.

(...) Os primeiros Livros impressos no Porto por Rodrigo Álvares foram as *Constituições Sonodais*, em 4 de Janeiro de 1497, bem como os *Evangelhos* e as *Epistolas* em 25 de Outubro de 1497, que são, simultaneamente, os primeiros livros impressos no nosso País por tipógrafo português (...) (Santos. 2009, p. 20)

Segundo Saraiva e Lopes (2008, p. 24), nesta passagem do século XIV para o século XV, época *pré-clássica*, ou *Média*, observa-se simultaneamente uma grande evolução *fonética*.

É tempo de execução de várias crónicas, para além das deixadas por Fernão Lopes, Gomes Azurara deixou também ele algumas que podemos referenciar: a terceira parte da *Crónica de D. João I*, *Crónica da Tomada de Ceuta*, *Crónicas dos Feitos da Guiné*, *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, *Crónica de D. Fernando Crónica geral do Reino*. Outro cronista da época foi Rui de Pina, que nos deixou: *Crónica de D. João II*, *Crónica de D. Afonso V* e *Crónica de D. Sancho*.

Para além das crónicas encontramos outras literaturas: literatura apologética, mística e poesia palaciana, destacando-se na altura Gil Vicente, o dramaturgo português autor da conhecida obra *Auto da Barca do Inferno*.

Este período entre 1406 e 1518 é bastante importante para a cidade do Porto, dá-se a mudança do senhorio, passando a pertencer na sua totalidade ao rei D. João I, que trás para os habitantes a esperança de uma nova perspectiva de desenvolvimento.

Em fins do século XV, a cidade do Porto é já provavelmente a segunda de Portugal, sendo demonstrado o seu impacto visual através de testemunhos de outros viajantes que pela cidade passaram neste século.

Esta nova cidade, em parte patrocinada e apoiada pela Coroa (alfândega, Muralha, Rua Nova, Judiaria), concentra a sua construção no interior da muralha gótica, em fortes núcleos populacionais e ao longo das antigas estradas que daí partiam para a costa e o interior, assim como junto aos caminhos secundários de que a muralha, numa hierarquia de portas e postigos, respeitou o traçado. Nesta época foi

urbanizada uma boa parte dos terrenos intra-muros que estavam ainda por construir. (Teixeira, 2010, p. 80)

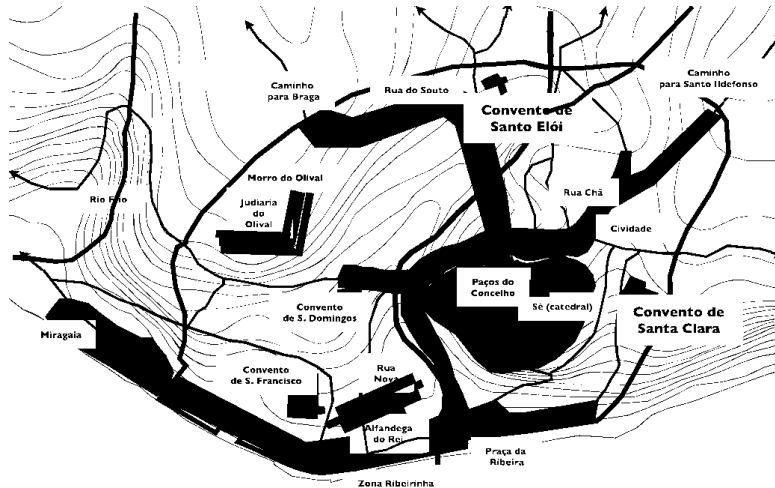


Fig. 20 - Esquema espacial urbano da cidade entre 1406 / 1518 (fonte: (Teixeira, 2010, p. 81))

Entre o final do século XV e inícios do século XVI é reconhecida a época do renascimento e do maneirismo, faz-se uma retrospectiva a métodos e a teorias utilizadas na idade clássica.

O desabrochar do Humanismo em Portugal realiza-se sob a égide da Coroa, e foi o Paço o principal foco da cultura literária.

D. Afonso V, educado por italianos – Estêvão de Nápoles e Mateus Pisano (que escreveu uma crónica latina da tomada de Ceuta) -, fez vir o humanista Justo Baldino pra Verter em latim os cronistas portugueses, e foi mecenas de Zurara. O humanista Cataldo Sículo instruiu D. João II e a sua roda de cortesãos. Muitos nobres e eclesiásticos vão então a Itália, especialmente a Florença, para assegurar uma boa carreira mediante o conhecimento de «letras mais humanas», preferindo como mestre o prestigioso Ângelo Policiano, que procurou acolher-se ao mecenato da corte portuguesa, tal como vários outros humanistas célebres de fins do século XV e inícios do século XVI, incluindo Erasmo. (Saraiva e Lopes, 2008, p. 177)

Alguns dos autores em destaque na época foram: Gil Vicente, Bernardino Ribeiro, Sá de Miranda e António Ferreira.

Alem dos já mencionados e de uma forma destacada, não podemos esquecer Luís de Camões e os *Lusíadas*, como comenta Saraiva e Lopes (2008, p. 325) “O ideal renascentista da Epopeia”.



Fig. 21 - Imagem do diário de Vasco da Gama século XVI (fonte: Biblioteca Municipal do Porto)

No Porto poderemos encontrar referente a este período na Biblioteca municipal um importante manuscrito de Vasco da Gama no descobrimento da Índia (1497).

A cidade do Porto cresce dentro das muralhas, ocupando todos os espaços verdes.

A via principal é a de articulação entre o alto do Morro da Sé e o porto. Primeiro, é o eixo Baínharia- Mercadores (decalcando porventura a antiga estrada romana) que melhor permite a ligação entre a “cidade alta” e a “cidade baixa”. Mais tarde, após a abertura da Rua de Santa Catarina das Flores, por iniciativa de D. Manuel (1521), estabelece-se uma outra ligação, paralela à anterior, para lá do Rio da Vila. Para esta rua vem transferida a Misericórdia (que existe na cidade desde 1503) e no seu extremo NE, junto à Porta de Carros, estabelece-se o Convento de S. Bento de Avé-Maria, de que é abadessa uma das filhas do rei. (Fernandes, 2005, p. 2)

No século XVII a população do Porto atinge segundo Fernandes (2005, p. 2), uma população de 14.581 habitantes, fazendo-nos perceber uma cidade que apresenta já uma forte densidade populacional.

O século XVIII é para Fernandes (2005, p. 3) uma época de ouro para a cidade do Porto, obtendo neste período um importante impulso comercial com o vinho fino do

Douro e com os mercados vindos do Brasil que impulsionam a cidade para um desenvolvimento urbano bastante significativo.

É no século XVIII com a evolução das técnicas militares e com a necessidade de expansão da cidade para além da cerca gótica, que começa a sua demolição aproveitando-se a sua pedra para novas edificações. Para lá das muralhas presencia-se urbanisticamente à implantação de novas vias estruturais, e à implantação de novos edifícios que vão permitir estender a cidade para lá da muralha.

A burguesia lisboeta, portuense e de outros portos, embora desenvolvendo-se durante o século XVII e parte do século XVIII, tem de vencer grandes obstáculos antes de poder ocupar posições dominantes na cultura e na vida política. O grosso da Produção literária continua durante longo tempo a ser de origem clerical, como veremos; as mais notáveis personalidades literárias da restauração, incluindo D. Francisco e Manuel de Melo, estão ainda modeladas pela Retórica das escolas jesuítas e pela cultura barroca peninsular. (Saraiva e Lopes, 2008, p. 445)

Dos diferentes estilos literários que se encontra nesta época entre o século XVII e o século XVIII, no Porto são pela primeira vez publicadas as primeiras folhas noticiosas em 1749 o *Zodiaco Lusitano Delphico*, segundo Santos, (2009, p. 25) tratava-se de um jornal científico e especificamente médico pertencente a um órgão de uma sociedade científica. ’

(...) Lima intitula-a *Gazeta Literária*, sendo o primeiro periódico português dedicado à cultura. Não só tem interesse por ser de género inédito, como também foi a de maior valor que se publicou nesse Século das Luzes.

Foi no Porto que se deu o honroso acontecimento, no ano de 1761, numa época em que a cidade atravessara uma fase de progresso, em múltiplos aspectos.

A vida de Francisco Bernardo de Lima decorre enquanto Nasoni vai fazendo do Porto a «sua» obra. A torre dos Clérigos, vinheta do burgo e «síntese desse grande homem», no dizer de Smith, está quase acabada quando sai o último número da *Gazeta Literária*. O cônego de S. João Evangelista, depois da saturação do barroco italianizante, ainda assiste às primeiras obras do neoclassicismo. (Santos, 2009, p. 26)



Fig. 22 - Planta rodonda do Porto 1813.

Terminamos este breve resumo da história da cidade do Porto no século XVIII, deixando o século XIX e XX para o enquadramento dos autores e das obras que vão ser analisadas como base de estudo deste trabalho.

1.6 – As três estruturas literárias/urbanas da cidade do Porto

Perceber a cidade através de um romance literário pressupõe uma reflexão sobre quais referências nos devemos concentrar para evoluir na análise da estrutura do espaço urbano.

Existem três estruturas elementares na cidade; o espaço, o edifício, e o percurso ou movimento. Estes três elementos são a análise da cidade que está registada nas obras literárias através da narração e das personagens.

1.6.1 - O espaço.

Enquanto coordenadas básicas da existência, o espaço e o tempo têm sido objecto de análise por parte das mais diversas áreas disciplinares. O espaço, em particular, constitui uma dimensão fundamental no estudo da experiência do ambiente em geral e da arquitectura em particular.

Contudo, o significado de “espaço” difere consideravelmente para várias disciplinas, o que se traduz em diferentes tipos de espaço. Assim podemos diferenciar três grandes tipos ou níveis de espaço: o espaço físico, o espaço perceptivo e o espaço cognitivo. (Muga, 2005, p. 59)

Interpretar o espaço através da escrita é essencialmente um exercício teórico que é compreendido apenas de uma forma subjectiva e pessoal. Perceber o espaço sugere uma referência à nossa centralidade. Sugere perceber algo limitado, referenciado e preenchido por múltiplos factores que o tornam diferente em relação a outros espaços.

Deslocando o seu corpo, construindo a sua casa, arroteando um campo, escrevendo uma carta, vestindo-se, pintando, conduzindo o seu automóvel, levantando uma ponte, poderíamos dizer - vivendo - o homem organiza o espaço que o cerca, criando formas, umas aparentemente estáticas, outras claramente dinâmicas. (Távora, 1992. p. 14)

Captar teoricamente, através da análise literária, estas definições de espaço é perceber a cidade. É perceber como elementos de uma estrutura urbana de relação mais ou menos influenciadora, mais ou menos organizadora, que foi variável ao longo das várias épocas.

O indivíduo necessita do seu espaço, de protecção, da individualidade e da sensação de limite. Não conseguimos viver sem referências espaciais, necessitamos de algo que nos ajude a organizar dando sentido à forma como vivemos.

Procuraremos identificar nas obras literárias estes espaços em referenciais deixadas através do narrador e através das suas personagens.

1.6.2 - O edifício

O, edifício, na cidade, segundo Leonardo Benévolo (2006, p. 19) são:

Artefactos introduzidos pelo homem numa porção do ambiente natural, desde aqueles, à escala humana, que formam os prolongamentos directo do corpo (utensilio de todo o tipo) até àqueles, numa escala mais ampla, que modificam as relações entre o homem e o espaço que o rodeia (...)

O edifício público, a habitação, fazem parte da realidade humana. Fazem parte da nossa noção de equilíbrio. O edifício está para nós, como está a colmeia para as abelhas; ambas existem por fazerem parte da própria existência, da nossa proteção natural. Existe talvez uma importante diferença entre as abelhas e o ser humano, evoluímos e assumimos diferenças. Diferenças que nos incentivam ao seu estudo e à sua compreensão enquanto sentido.

Só chegamos ao habitar, assim parece, por meio do construir. Este, o construir, tem aquele, o habitar, como meta. No entanto, nem todas as construções são moradas. Uma ponte e o edifício de um aeroporto; um estádio e uma central energética; uma estação e uma autoestrada; o muro de contenção de uma represa e a nave de um mercado são construções mas não casas de habitação. Não obstante, as construções mencionadas estão na região do nosso habitar. (Martin Heidegger cit. In Rodrigues 2010, p. 548):

Os edifícios situam a sociedade assumindo diversidades e atribuindo uma hierarquia, pois na estrutura urbana uns edifícios apresentam mais importância que outros. Esta importância e esta hierarquia é o que se pretende captar nas obras literárias através das referências colocadas pelo autor na obra. Importa compreender o porquê de alguns edifícios se terem tornado mais referenciados que outros e que fatores explicam a sua subsistência e a sua durabilidade ao longo dos tempos.

Fatores de imponência física e de originalidade, são os mais rapidamente percebidos, mas existem outras variáveis com capacidade para alterar essa hierarquia; temos a contextualização, já aqui abordada, a sensação e a percepção. O porquê dos casos que foram preservados em comparação a outros que simplesmente desapareceram.

Procuraremos identificar nas obras literárias referências a edifícios deixados através do narrador e das suas personagens.

1.6.3 - O percurso

O movimento e a necessidade de nos deslocarmos é uma constante opção que define percursos, ruas e caminhos que se formam fruto dessa atividade física e social.

O arquiteto Josep Muntanola (Muga cit. In. 2005, p. 89), entende a “arquitetura como lugar. Na sua noção sócio física de lugar”. Definindo-se esta relação entre o lugar e a estrutura que a interliga, o arquiteto Henrique Muga (2005), falamos da direção e do caminho:

Qualquer lugar contém direcções, nomeadamente a vertical e a horizontal. Se a direcção vertical é a dimensão sagrada do espaço e expressa a capacidade do Homem para conquistar o mundo e muitos processos de edificação, a direcção horizontal representa o mundo concreto de acção do Homem. O modelo simplista do espaço existencial é, então, um plano horizontal perfurado por um eixo vertical. Mas, no plano horizontal, o Homem escolhe e cria trajectos que dão uma estrutura mais particular ao seu espaço existencial. (Henrique Muga, 2005, p, 89),

No texto literário, o percurso é definido através dos movimentos que o autor dá aos seus personagens. Considerar-se-ão os movimentos executados de referência em referência, de lugar em lugar, ou de edifício em edifício. Estes registos são descritos, por vezes, de uma forma contemplativa ou emotiva, não deixando de ser registos de ações e de tendências sociais que foram sensíveis em determinada época.

Com este registo pretende-se, através da literatura, desenvolver o estudo da evolução da cidade. Perceber que movimentos dominaram, que direcções e que tendências surgiram. Comparar com a atualidade e relacionar os dados, compreender os percursos que foram formados e entender a sociedade refletida nas personagens.

A Cidade do Porto não é resultado de um só projeto, os seus elementos estruturais não são fruto de um só estudo. São, na sua maior parte, fruto de tendências sociais e de projetos sucessivos que remataram existências anteriores, sempre presos à sua origem.

O percurso:

Não exageramos se dissermos que a maior parte das cidades em que vivemos foram inventadas – na sua parte essencial – na época medieval. Mesmo nos casos em que os desenvolvimentos posteriores foram enormes, alguns dos factores estabelecidos naquela época continuam a orientar o crescimento recente com uma persistência singular (...) (Benévolo, 2006, p. 18)

Não existem percursos pré-definitivos; o tempo sugere constantes alterações e adaptações. Uma cidade, por muito pensada e definida que esteja, nunca está completa. A cidade é um elemento vivo que sugere constantes mudanças e adaptações nos seus percursos e na mobilidade definida pela sociedade, mesmo que indiretamente.

Procuraremos identificar nas obras literárias os percursos e as referências deixadas através do narrador e das suas personagens.

CAPÍTULO II – Seleção do texto literário

2.1 - Critérios de seleção

O primeiro critério de seleção das quatro obras literárias a analisar foi a procura daquelas que têm como cenário a cidade do Porto, tendo sido vários os autores que utilizaram esta cidade nas suas obras.

O Porto tem esse carisma, é uma cidade com história.

A grande trindade poética que lavra, nesta pedra escura, o perfil seguro do Porto – Fernão Lopes, Garrett e Camilo – leva fatalmente à cidade uma visão do mundo, o seu génio próprio. O Porto de Fernão Lopes é quase legendário: Heróico e honrado; o de Camilo, grotesco e dramático; o de Garrett, irónico, pitoresco e sentimental. São três tempos (um duplo sentido: histórico e musical) do seu carácter que, embora esquematicamente enunciados, nos permitem algumas aproximações. A cidade viril de Fernão Lopes é ainda a de Herculano, Ramalho, Jaime Cortesão e Miguel Torga; Raul Brandão, Pascoaes e Agustina estão, de algum modo, na continuação do pessimismo de Camilo; de Garrett parte, dessorada, perdido por completo o seu impenitente humor, toda uma toada que de Júlio Dinis e António Nobre vem desaguar em tanta loa tacanhamente regionalista e deprimente. Isto pala Falarmos apenas de quem mais se debruçou na alma destas pedras, bem pouco transparente, como se vê. (Andrade, 1968, p. 15)

Procura-se, nas obras a analisar, conteúdos com referências espaciais onde seja perceptível uma arquitetura urbana que identifique o edifício, a rua e o espaço. Procuraremos referências que quantificaremos e a interpretação do sentido deixado através das personagens e através do narrador.

2.2 – Escolha da obra literária

A escolha das obras literárias para análise reduziu-se, após várias leituras, apenas a quatro: “Arco de Sant’Ana”, de Almeida Garrett, editada em 1845 com um enredo a decorrer no séc. XIV; “Amor de Perdição”, de Camilo Castelo Branco, com

enredo em 1805; “Uma Família Inglesa”, de Júlio Dinis que decorre em 1855; e, por fim, “O Cavaleiro Azul”, de Pedro Baptista, contextualizado em 1966.

O porquê destas opções foi o facto de se observarem conteúdos que decorriam na cidade do Porto, pelos movimentos descritos e pelas opções urbanas estruturadas através do narrador e das suas personagens enquadrando-se num espaço de tempo de grande evolução urbana, entre o séc. XIV e o séc. XX.

Com este estudo da cidade não se pretende uma interpretação exaustiva de toda a literatura existente que envolva a cidade do Porto, que é vasta. Pretende-se através destas obras ensaiar um alargamento (às peças literárias) das fontes de impressão relativa à arquitetura da cidade.

As obras escolhidas têm como fator comum, uma certa forma de virsasemelhança nas literaturas descritas (em relação à época em que decorre o enredo), todas focam um período de mudança da cidade do Porto que na realidade os autores viveram, apenas existindo variante na obra do “O Arco de Sant’Ana”.

No caso de “O Arco de Sant’Ana” existem duas épocas no conteúdo literário da obra: a época que o autor presencia (século XIX) e a época que descreve através do conhecimento (século XIV).

O porque da escolha desta obra, reside primariamente no facto de conseguirmos através deste método literário (o romance) retroceder um pouco mais no tempo e por sabermos que é portadora de conhecimento dessa época.

Sabemos que existem interpretações que descredibilizam o comentário de Garrett, quando diz se ter baseado em manuscritos da época encontrados numa suposto “ (...) biblioteca reservada do reverendo Prior dos Grilos (...)” (Almeida Garrett, 1853, p. 7)

Quando surge o primeiro volume de O Arco de Sant’Ana, em 1845, já O Panorama se apresentava como um vasto repositório da ficção de natureza histórica que se ia escrevendo entre nós. Com efeito, desde 1838, aí foram publicados muitos contos e novelas que os respectivos autores não assinaram, muitos outros assinados por Silva Leal Júnior e por Oliveira Marreca, e ainda muitos dos

textos de Herculano posteriormente reunidos nas Lendas e narrativas. Entretanto, em cinco números do ano de 1841 apareceram fragmentos de O monge de Cister, e, durante o ano de 1843, saiu o texto completo de O bobo. (Santana, 2006, p. 1)

O que verdadeiramente nos fez considerar esta obra do “O Arco de Sant’ Ana” para análise, foi termos encontrado na obra o conhecimento histórico, sabemos que o conto da obra literária é resultado de ficção, mas na historia da cidade do Porto, ela encontra-se verdadeiramente enquadrada no século XIV, em que, sabemos ter havido na época bastantes disputas entre o povo e o Bispado e por nos descrever a cidade também a essa imagem.

Não conseguiremos nesta obra obter a verdadeira percepção da cidade vivida pelo autor, mas neste caso, poderemos ter uma perspetiva dessa realidade através do conhecimento que Garrett obteve ao descrever-nos um espaço que percebemos corresponder à realidade urbana.

O texto do romance tratará de comprovar, de vários modos, a verdade desta afirmação, a que se associa, sem dúvida, uma outra característica, desta vez de natureza técnico-literária, e em relação à qual, com igual franqueza, o Autor esclarece no prefácio da segunda edição: — “O que posso asseverar sobre minha honra e palavra àqueles senhores críticos do primeiro volume, assim como aos do segundo e aos de ambos deles, é que nunca houve escrito menos pretensioso desde que há escritos; e que portanto impregaram bem mal o seu tempo os que se incomodaram a julgá-lo doutoralmente, aferindo-o pelas severas regras do romance histórico professo e confesso”. E acrescenta, poucas linhas abaixo: — “Pois nem sequer lhe querem fazer o favor de imaginar, de compreender, de ver que acintemente cometeu os clamantes anacronismos que por aí pôs? [...] Quando quis ser fiel à verdade histórica, aos costumes, foi-o. Erudição arqueológica não a quis ostentar porque lhe repugna em romances, e intende que uma obra de imaginação e de espírito é o mais impróprio lugar de tratar disso.” (...) (Santana, 2006, p. 3)

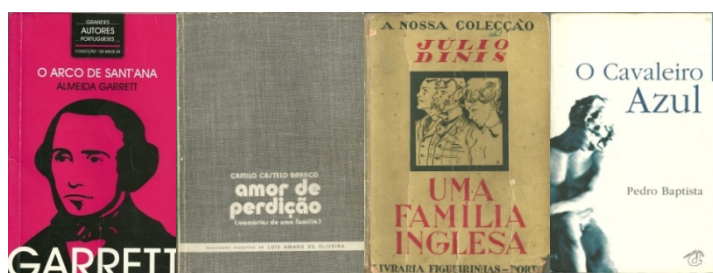


Fig. 23 - Obras escolhidas.

CAPITULO III – Análise das obras literárias

3.1 - Método de análise

A análise inicia-se com a apreciação do enredo da obra. Nesta apreciação tentaremos distinguir entre o momento e a época em que a obra foi escrita.

Durante a leitura tomamos nota de todas as referências a espaços edificados (ruas, avenidas, edifícios, etc.) que são nomeados quer pelo narrador quer pelas diversas personagens.

Identificados todos estes espaços físicos passamos a uma fase de análise desses valores, considerando dois métodos:

O primeiro é quantitativo e visa quantificar todas as referências espaciais assinaladas na obra. Com os resultados obtidos, verificaremos domínios, médias e percentagens que ajudem a traçar algumas reflexões estruturais sobre a cidade.

O segundo método, mais interpretativo e subjetivo, consiste numa reflexão pessoal. Procuramos descrever a obra numa linguagem arquitetónica salientando a perceção da cidade que se obteve através da leitura.

A análise literária de cada obra finalizar-se-á com um gráfico interpretativo/conclusivo que fundirá os dois métodos utilizados. Tirar-se-ão conclusões sobre a cidade do Porto, procurando evidenciar variações estruturais numa época de grande evolução da estrutura urbana entre o séc. XIV e o séc. XX, onde se inserem as obras escolhidas.

A análise seguirá a seguinte sequência: “O Arco de Sant’Ana” de Almeida Garrett (séc. XIV), seguido do “Amor de Perdição” de Camilo Castelo Branco (séc. XIX), “Uma Família Inglesa” de Júlio Dinis (séc. XIX), e por último, “O Cavaleiro Azul” de João Baptista (séc. XX).

3.2 – Análise de “O Arco de Sant’Ana”

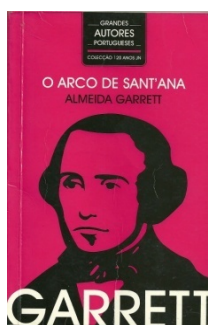


Fig. 24 - O livro “ O Arco de Sant’Ana”, de Almeida Garrett.

“O Arco de Sant’Ana” é a primeira obra a analisar. Escrita por Almeida Garrett, no ano de 1845, decorre no séc. XIX. Citando:

Pois bons quinhentos anos antes deste fatal acontecimento, fora esse arco de Sant’Ana testemunha e próprio lugar de cena. Da interessantíssima história que vou relatar, e que extraí, com escrupulosa fidelidade, do precioso manuscrito achado na biblioteca reservada do reverendo Prior dos Grilos (...) (Almeida Garrett, 1853, p. 7)

3.2.1 - Breve biografia de Almeida Garrett

Almeida Garrett nasceu em 1799, no Porto, e faleceu em Lisboa, em 1854.

Defensor do liberalismo, em 1823 é obrigado a exilar-se em Inglaterra, após a subida ao poder dos absolutistas, onde inicia o estudo do romantismo (inglês), movimento artístico-literário então já dominante na Europa.

Regressa em 1826 e passa a participar na vida política; mas tem de exilar-se novamente em Inglaterra em 1828, depois da contra-revolução de D. Miguel. Em 1832, na Ilha Terceira, incorpora-se no exército liberal de D. Pedro IV e participa no cerco do Porto onde escreve “O Arco de Sant’Ana”.

Com a ditadura cabralista (1842), Garrett é posto à margem da política e inicia o período mais fecundo da sua produção literária.

Principais obras de Almeida Garrett impressas e publicadas em vida do autor:

Análise da estrutura urbana da cidade do Porto a partir de quatro obras literárias

1820, *Hymno Patriótico*

1821, *O Retrato de Vénus*

1822, *Catão*

1825, *Camões*

1826, *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*

1828, *Adozinda*

1829, *Da Educação*

1830, *Portugal na Balança da Europa*

1841, *Mérove*

1842, *O Alfageme de Santarém*

1843, *Romanceiro e Cancioneiro Geral*

1844, *Frei Luís de Sousa*

1845-1850, *O Arco de Sant'Anna*

1846, *Viagens na Minha Terra*

1853, *Folhas Caídas*



Fig. 25 - Retrato de Almeida Garrett.

3.2.2 – Breve resumo da obra “O Arco de Sant’Ana”

“O Arco de Sant’Ana” é um romance histórico escrito por Almeida Garrett e desenrola-se no século XIV, à sombra do arco do mesmo nome na rua de Santana, no velho Porto, a caminho da Sé.

Aquando do cerco do Porto, o autor ao encontrar o Arco da rua de Sant’Ana destruído dedica-lhe uma crónica baseada num manuscrito com cerca de 500 anos.



Fig. 26 - Ilustração da Porta de Sant'Ana das Aldas, uma das quatro do velho burgo.

Retrata-nos uma Cidade do Porto que se encontrava sob o poder de um Bispo pouco escrupuloso com o seu povo.

Saturados das constantes injustiças impostas pelo Bispo, os habitantes da cidade revoltam-se quando este resolve cometer o grave erro de mandar raptar Aninhas (uma jovem casada e cujo esposo, Afonso, se encontra ausente), após várias tentativas de sedução frustradas.

Sendo sua ausência alertada por sua vizinha, Gertrudes, e deduzindo esta sua origem, pede ajuda a seu namorado, Vasco (jovem estudante protegido do Bispo), para que este apele junto de el-rei D. Pedro.

Enquanto a ajuda não chega, o povo toma a iniciativa, cercando o paço episcopal para exigir a libertação de Aninhas, mas o bispo resiste com alguma relutância.

É, então, à frente dos adversários que se revela o Bispo, como progenitor de Vasco (concebido numa noite de má memória por Guiomar, abusada também esta pelo atual Bispo).

Entretanto, o rei surge no meio da multidão e impondo a sua justiça depressa convida o bispo a abandonar o seu cargo, expulsando-o para Espanha.

D. Pedro apadrinha o casamento de Vasco com Gertrudes e Afonso regressa a casa prometendo não deixar mais sozinha a bela Aninhas.

3.2.3 – Referências espaciais na obra “O Arco de Sant’Ana”

Com um número total de 48 referências espaciais encontradas ao longo da leitura, estas encontram-se distribuídas por vinte locais, predominando a “Sé” que domina com um total de treze referências. Domínio mais evidente quando percebemos que a média da referência por local é de 2,4.

Consideramos 4 grupos, que se organizam da seguinte forma, conforme se pode observar na fig. 14:

G1= 12 locais referidos uma só vez.

G2= 3 locais referidos 2 vezes.

G3= 3 locais referidos 3 vezes.

G4= 2 locais referidos 8 e 13 vezes.

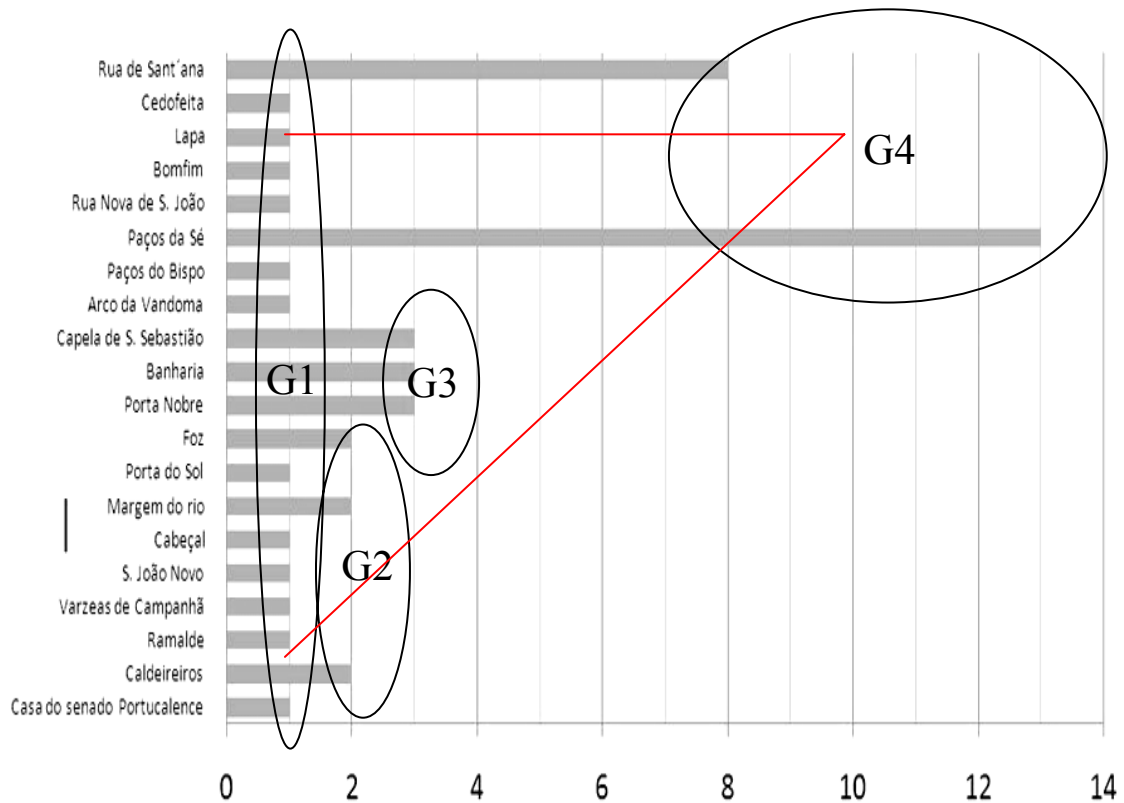


Fig. 27 - Gráfico das referências espaciais encontradas na obra “O Arco de Sant’Ana”.

Da análise do número de referências por local, constata-se uma valorização inversa entre o nº de locais por grupo e o número médio de referências por local. Ou seja, alguns grupos, embora com uma média baixa de referências, concentram um elevado nº de locais, ao contrário do “G1”, que concentra um elevado nº de referências a um número inferior de locais.

Podemos ainda constatar que os grupos G1, G2 e G3 comportam maior diversidade espacial, ao contrário de G4 que impõe a unidade. Percebe-se que os grupos G1, G2 e G3 se concentram em espaços de carácter mais próximo do particular da habitação, detetando-se a existência de uma gradação desde a diversidade para a unidade, com um sentido convergente para o “ponto de encontro”, espaço público, a Sé.

3.2.4 – Implantação das referências num mapa da época



Fig. 28 - Mapa aproximado da época (sec. XIV), sequência de espaços e percursos.

Na fig. 15, estão representadas duas muralhas, sendo a mais pequena a denominada “Cerca Velha” ou Cerca romana.

A cidade do Porto, desde que ganhou importância como povoado, esteve sempre munida de defesas militares, ampliadas ou reforçadas ao longo do tempo pelos vários ocupantes da região (Brácaros,

Romanos, Suevos, Visigodos e Árabes). As prospeções arqueológicas no morro da Sé apontaram para esse facto como certo, ao descobrirem as ruínas de um Castro no local onde hoje ficam a Catedral, o Paço Episcopal e o casario envolvente. Foram ainda descobertos vestígios de muralhas romanas e suevas, sendo que estas últimas foram completamente destruídas em 825, aquando da passagem pela cidade do temível Almançor, que devastou a cidade no seu caminho até Compostela. (Neto, 2010, p. 1)

A segunda muralha, maior, muralha Fernandina:

A muralha Fernandina veio substituir a antiga cerca alto-medieval, que no século XIV se mostrava demasiado pequena face ao desenvolvimento da cidade.

Atento a esta situação, o Rei D. Afonso IV determinou, em 1336, a construção de uma nova muralha. Porém, esta só ficaria concluída cerca de 1376, já no reinado de D. Fernando, de quem conservou o nome. (PortoXXI, 2001, p. 1).

A marcação das referências espaciais no mapa da fig. 6 assinala desde logo a existência de um aglomerado central dentro da primeira muralha, muito denso, uma das características de uma cidade ainda medieval.

No entanto, a periferia é um facto já assinalado no espaço para lá da muralha, dando sinal de alguma expansão, principalmente junto ao rio.

No mapa é evidente a intensa relação com o rio Douro, que dá sinais de se estender também para poente, em direção ao mar.

Embora se percebam tendências de expansão menos evidentes a nascente e a norte, estas não deixam de estar presentes marcando um espaço urbano mais alargado, para lá da segunda muralha, a “muralha Fernandina”.

3.2.5 – Caracterização espacial interpretativa da Obra “O Arco de Sant’Ana”

A obra inicia-se assinalando um espaço, uma referência, um propósito. Encontramo-nos junto ao arco da Rua de Sant’Ana, antiga porta da muralha medieval, “cerca velha”, personagem inerte, então destruída, motivo que levou o Autor a desenvolver um percurso de revisão, dando-lhe um sentido honrado. Almeida Garrett (1853, p. 6) escreve “(...) Ai, Rua de Sant’Ana, Rua de Sant’Ana! Que é do arco e da

tua festa, quando se lhe armava aquele palanque com que ficava uma igreja improvisada, (...)”

O percurso pela rua de Sant’Ana sente-se, tomado pela proximidade que convida ao aconchego de uma vizinhança que a decora com as suas conversas, anunciando espaços estreitos e uma sociedade próxima.

A noite era de luar mas o estreito da rua e a proximidade das muralhas da cidade, que então corriam pouco além daquelas imediações, mal deixavam penetrar um baço reflexo do seu clarão pela obscuridade permanente. Apenas a lâmpada do arco dava ténue e raro vislumbre de claridade, tão frouxo e túbio que mal indicava o sítio em que jazia (...) (Garrett, 1853, p. 7)

O arco e a sua porta simbolizam a fronteira, antiga porta da muralha velha que instrui a passagem entre um antes e um depois. Passagem de um interior para um exterior, a chegada, a diferença entre um lado e outro, um acontecimento.

O arco é glorificado e adornado com um nicho, a Senhora Sant’Ana é o contemplar de um povo que se aconchega à crença de sua santa. É um ponto de partida, uma paragem, um acontecimento, uma referência, uma centralidade. Almeida Garrett (1853, p. 9) escreve “(...) Olha o que te digo hoje aqui, na presença a senhora Sant’Ana que nos ouve...E eu que lhe acendo todos os dias a sua lâmpada (...)”

Na passagem pela Sé, esta construção de características romano-góticas, monumental, mostra-nos no interior um espaço labiríntico com carácter medieval, espaços que se abrem entre as complexas passagens estreitas e misteriosas.

A Sé do Porto é um edifício de estrutura romano-gótica, dos séc. XII e XIII, tendo sofrido grandes remodelações no período barroco (séc. XVII-XVIII). No interior conserva ainda o aspecto de uma igreja-fortaleza, com ameias. É de destacar a bela rosácea (séc. XII) e a loggia ou galilé lateral (1736), obra de Nicolau Nasoni, voltada para a cidade. Junto às portas encontram-se monumentais pias de água benta, dos finais do séc. XVII. Junto à pia baptismal seiscentista, há um baixo relevo de Teixeira Lopes (Pai) (Diocese, 2012, p. 1).

A sua força é percebida na estrutural urbana da cidade, a força de um edifício que faz conjunto com o espaço público que o envolve cheio de simbolismo religioso onde a população se encontra, uma referência, um espaço percetivo.

Um espaço perceptivo que segundo Henrique Muga (cit. In. 2005, p. 61), “ é “ (...) entidade criada por uma constelação particular de objectos naturais e feitos pelo homem (Arnheim, 1988)”, é assim também assumido o edifício no seu carácter representativo.

“ Encarando o edifício como ponto de chegada (o que implica ser também ponto de partida) e objecto da nossa visita ou utilização, importa analisar como nos recebe, quando nos voltamos para ele e nos aproximamos, e como nos acolhe no seu interior.” (Muga 2005, p. 162)

Os movimentos são pendulares entre este e outros locais, um autêntico alarido, ora estamos na Sé ora estamos noutra espaço da cidade. Mas a Sé, é o espaço aberto onde tudo acontece, onde tudo se concentra. O ponto de encontro.

3.2.6 – Conclusão e avaliação das estruturas urbanas na obra literária “Arco de Sant’Ana”

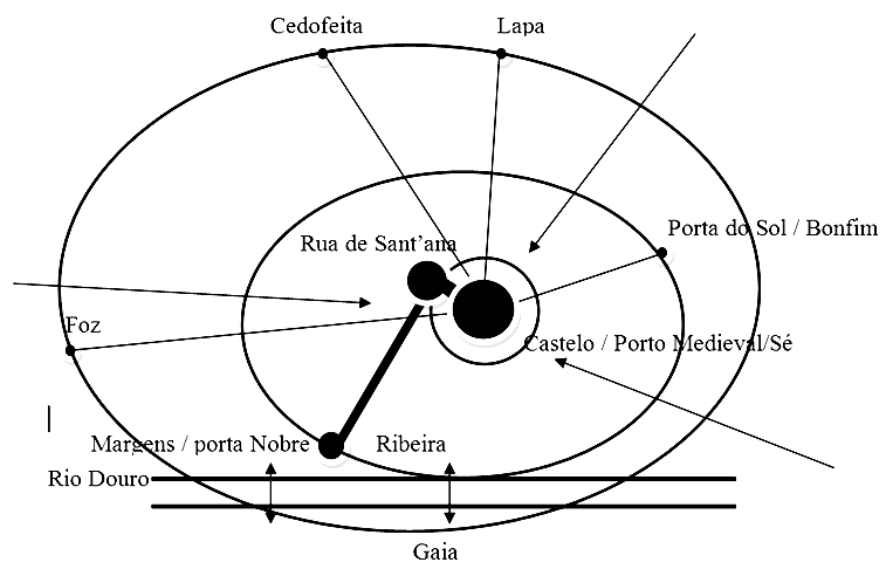


Fig. 29 - Gráfico interpretativo de “ O Arco de Sant’Ana”.

O gráfico da fig. 16 cruza a análise quantificada e a interpretativa, representando de uma forma abstrata a estrutura urbanística da cidade vivida no tempo em que decorre o conteúdo da obra. Pretende ser uma ferramenta de análise intuitiva que culminará com os dados avaliados.

Começamos por observar a estrutura urbana da cidade na obra literária “ O arco de Sant’Ana” dividida em três escalas urbanas:

A primeira escala corresponde à área da cidade delimitada pela Cerca Velha, definindo uma maior concentração no espaço urbano. Dentro desta, inicia-se esta análise evidenciando um núcleo central, a Sé, que parte para uma sequência de três pontos, definindo um percurso pendular: Sé, Rua de Sant'Ana e Ribeira. Este sentido pendular é prova da forte relação que o povoado tem com o rio.

A segunda escala tem a área de expansão limitada pela muralha fernandina, em que coexistem aglomerados dispersos.

A terceira escala, para lá da muralha Fernandina, corresponde a um conjunto de lugares periféricos que, embora distantes, continuam ainda polarizados pelo núcleo urbano da primeira escala.



Fig. 30 - Ilustração da Rua de Sant'Ana na atualidade.

Todas estas escalas têm em comum uma forte relação com o rio Douro e com as suas margens, definindo-se outras variáveis que se percebem expandir ao longo deste procurando e justificando a sua existência. São definidas tendências de expansão urbana a poente mas, existem sinais de desenvolvimento também para norte e para nascente.

Os percursos formam-se mais densos à medida que nos aproximamos do núcleo predominante. Sendo a mobilidade um fator importante na definição do seu traçado justificado pela época em que a comunicação era feita principalmente a pé.

A Sé mostra-se como um espaço central, definida como ponto de encontro de uma sociedade que a sente como espaço público dominando uma hierarquia em que toma a rua de Sant'Ana, como uma importante via e um importante elo de ligação ao resto da cidade.

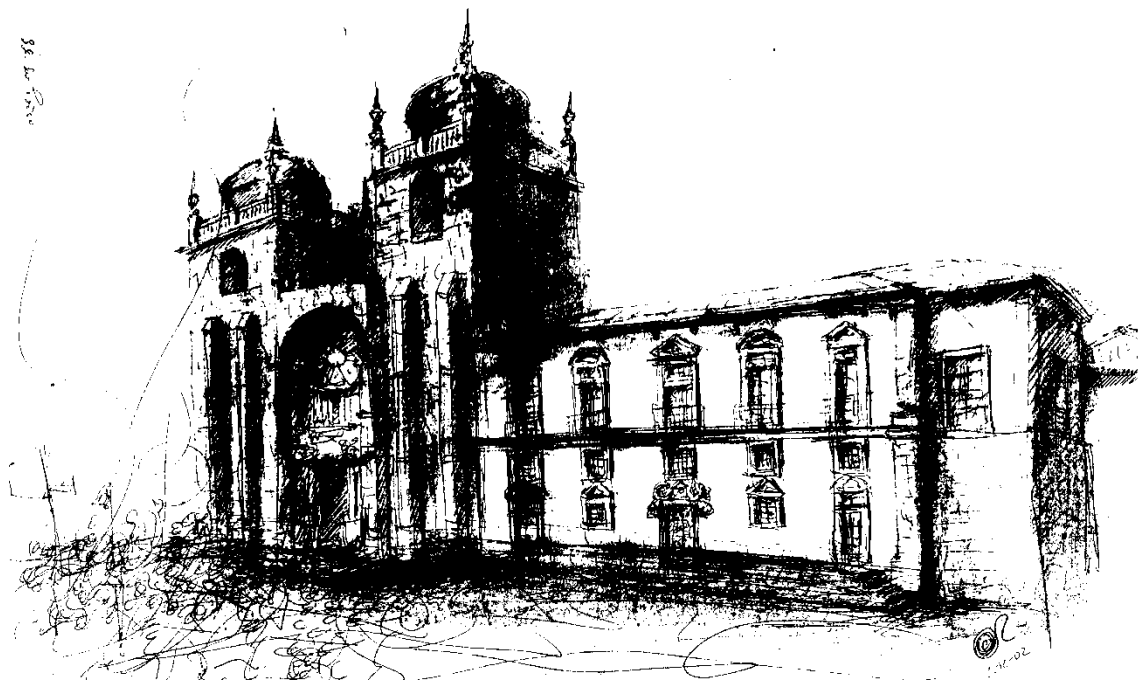


Fig. 31 - Ilustração actual da Sé do Porto.

3.3 – Análise de “Amor de Perdição”

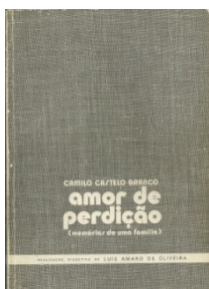


Fig. 32 - O livro “Amor de Perdição”, de Camilo Castelo Branco.

“Amor de Perdição” é uma obra de Camilo Castelo Branco, escrita em 1862 e cuja narrativa se passa em 1805.

3.3.1 – Breve biografia de Camilo Castelo Branco

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, a 16 de Março de 1825, e faleceu no dia 1 de Junho de 1890, na sua casa de S. Miguel de Seide.

Era filho natural de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, proveniente duma família afidalgada de Vila Real, e de D. Jacinta Rosa de Almeida do Espírito Santo.

Ficou órfão de mãe nos primeiros meses de nascido e não contava ainda 9 anos, quando morreu seu pai. Ficando deserdado, os parentes paternos tomaram conta da pobre criança que foi entregue aos cuidados duma tia, onde não se deu bem.

Ao cuidado do seu tio, o padre António de Azevedo, recebe as primeiras lições de latim. Em 1841 vai para Lisboa para espairecer e em 1843 aparece no Porto a matricular-se em 16 de Outubro na Escola Médico-cirúrgica.

Leva uma vida de estudante pobre nesta cidade burguesa e endinheirada, e o isolamento forçado incutiu-lhe uma personalidade sarcástica e observadora, transformando Camilo num romancista, tendo sempre como palco o Porto, que hoje vive arqueologicamente nas suas obras literárias.

Algumas das principais obras publicadas de Camilo Castelo Branco são:

1851, *Anátema*

1854, *Mistérios de Lisboa*

1854, *A Filha do Arcediago*

1855, *Livro Negro de Padre Dinis*

1856, *A Neta do Arcediago*

1856, *Onde Está a Felicidade?*

1856, *Um Homem de Brios*

1858, *O Que Fazem Mulheres*

1861, *Doze Casamentos Felizes*

1861, *O Romance de um Homem Rico*

1862, *As Três Irmãs*

1862, *O Irónico*

1863, *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*

1863, *Estrelas Propícias*



Fig. 33 - Retrato de Camilo Castelo Branco.

3.3.2 – Breve resumo da obra “Amor de Perdição”

“O Amor de Perdição” trata do romance entre duas jovens personagens, que vivem um amor proibido e cheio de exuberantes contradições. Caracteriza uma sociedade com uma forte base religiosa, mas em que transparece uma forte insensibilidade e intolerância.

Simão e Teresa, filhos de duas famílias distintas que se odeiam, vizinhas, em Viseu, apaixonam-se e tentam manter o namoro em segredo. Descobertos pela família, estas tudo fazem para os separar. O pai de Teresa interna-a num convento.

Depois de algumas lutas sem resultado na tentativa de chegar a Teresa, Simão pede ajuda a um velho ferreiro que devia favores a seu pai, conhecendo a sua filha Mariana, que mais tarde se viria a apaixonar por ele.



Fig. 34 - Ilustração da Cadeia da Relação.

Na tentativa de resgatar a amada do convento, em luta, baleia o primo dela e é condenado à forca, sendo enviado para a Cadeia da Relação no Porto, perto de onde se encontrava Teresa, no convento de Monchique.

É entre estes dois edifícios que começa uma troca de correspondência entre estes dois, em que domina o desespero de ambos. Teresa adoece.

Entretanto, Simão, por influência do Pai, vê a sua pena reduzida e é enviado para a Índia.

Em pleno rio Douro no barco que o transportava, vê Teresa morrer, despedindo-se, nos pátios do convento. Este, com o desgosto, vem a falecer dias mais tarde acompanhado por Mariana que se deixa também morrer com ele.

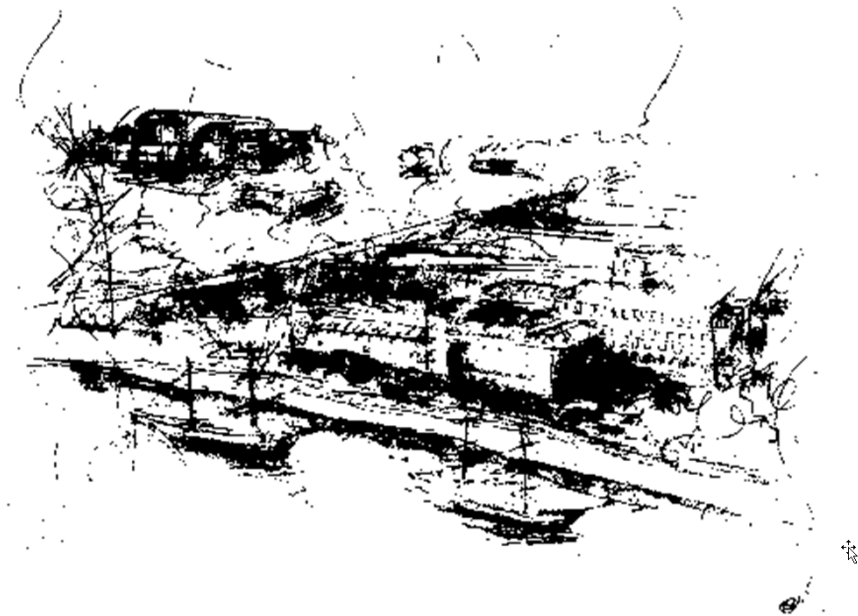


Fig. 35 - Ilustração da vista sobre o Convento de Monchique.

3.3.3 – Referências espaciais encontradas na obra “Amor de Perdição”

Com um número total de 18 referências espaciais correspondentes à cidade do Porto encontradas ao longo da leitura, estas encontram-se distribuídas por seis locais, predominando a “Cadeia da Relação” que domina com um total de sete vezes. Domínio mais evidente quando percebemos a distância a uma média igual a 3 referências por local.

Analisando o gráfico da fig.23 são perceptíveis três grupos que partilham de características idênticas.

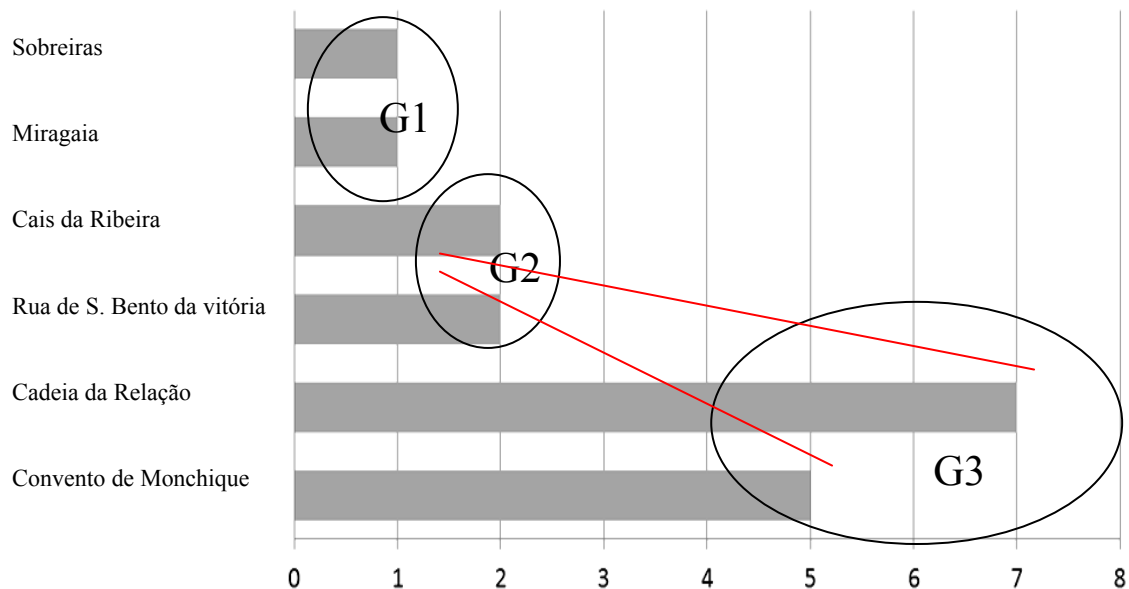


Fig. 36 - Gráfico das referências espaciais encontradas na obra “Amor de Perdição”.

Analisando os dados obtidos a nível individual, é a Cadeia da Relação que assume no conteúdo da obra o topo da hierarquia, sendo mais vezes referenciada, seguindo-se o Convento de Monchique com menos duas referências mas que se enquadra dentro do mesmo grupo. No fundo da tabela hierárquica estão as localidades de Miragaia e de Sobreira.

Analisando os grupos, evidenciam-se características que vão para além do método de aproximação quantificada: a escala e a sua representação formal. Essa organização define que no topo da hierarquia temos o edifício representado como “G3”, seguindo-se a praça, a rua, o local (G2) e por fim a localidade, o lugar (G1).

Esta organização formal faz-nos perceber a importância do edifício, no tempo em que a obra foi escrita, em relação aos espaços públicos exteriores, definindo uma gradação de escalas: edifício, rua, localidade.

3.3.4 – Implantação das referências num mapa aproximado da época

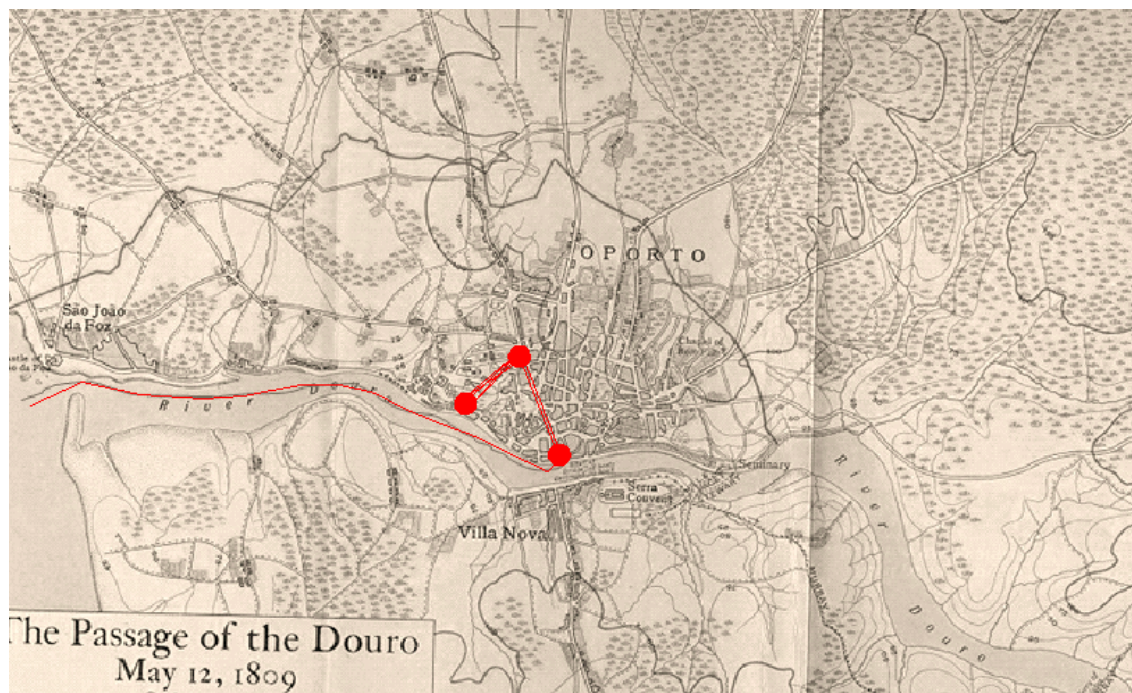


Fig. 37 - Mapa aproximado da época (1809), referências e percursos.

Conforme se percebe no mapa da Fig. 24, existem três pontos de referência que são persistentes: dois que definem um movimento pendular entre edifícios e um outro que se abre ao espaço público e ao relacionamento com o rio Douro.

O edifício, no topo da hierarquia, perde neste mapa alguma representatividade e passa a ser visto como local ou referência. Neste sentido passamos a ter, não dois edifícios e um local, mas três localidades que se relacionam fortemente formando uma triangulação que une dois pontos a um terceiro, que define o espaço de ponto de encontro, espaço público (Cais da Ribeira).

3.3.5 – Caracterização espacial interpretativa da Obra “Amor de Perdição”.

O movimento pela Cidade do Porto inicia-se referindo dois edifícios icónicos: uma cadeia e um convento, que pela sua interpretação simbólica refletem um “espaço fechado” limitado ao contrário do dito por Giedion (cit. In Muga. 2005, p. 61) “O espaço é, à partida, intangível, ilimitado e incapturável”

O movimento repetitivo, pendular, entre estes dois espaços, suscita a avaliação sobre o relativo domínio de um face ao outro. A cadeia da Relação afirma-se como predominante no percurso, dominando na interpretação e na relação sensorial do espaço.

Os espaços referidos no romance seguem uma lógica de três escalas: a primeira concentra-se no interior do edifício; a segunda, passa para o espaço urbano, espaço público, e a terceira escala é a que decorre no rio, permitindo ter uma visão generalizada sobre a cidade.

É na primeira escala que se vive um espaço fechado, contido na distância, sem variações, em que apenas uma pequena janela permite estender a visão e passar a fronteira para o horizonte exterior.

Depois encosta a face e o peito aos ferros da sua janela, e avista os horizontes boleados pelas serras de Valongo e Gralheira, e cortados pelas ribas pitorescas de Gaia, do Candal, de Oliveira e do Mosteiro da Serra do Pilar. É um dia lindo. Tem aromas o ar e a viração fugitiva dos jardins derrama no éter as urnas que roubou aos canteiros. Aquela indefinida alegria que parece reluzir nas legiões de espíritos que se geram ao sol de Março, rejubila a natureza que, toda pompa de luz e flores, se está namorando do calor que a vai fecundando. (Castelo Branco, 1985, p. 177).

Na segunda escala o espaço abre-se com sentido de liberdade, passando do fechado, limitado, particular, para a abertura, espaço público, a rua, o local. Aqui, é permitida a perceção de exterior. O exterior do edifício que agora se percebe noutra perspetiva, a perspetiva de quem o olha como um todo, para a forma, para o volume e para a envolvente.

(...) saiu dos cárceres da relação Simão António Botelho, e embarcou no cais da Ribeira, com 75 companheiros...Desceu da cadeia ao embarque (...) (Castelo Branco, 1985, p. 211).

A terceira escala é o rio que nesta relação com a cidade permite essa visão, a amplitude total, passando da presença no local para a perceção da localidade, uma visão da cidade em grande extensão.

“- É acolá, senhor Simão – respondeu, indicando-lhe o mosteiro, que se debruça sobre a margem do Douro, Em Miragaia.” (Castelo Branco, 1985, p. 213)

3.3.6 – Conclusão e avaliação das estruturas urbanas na obra literária “Amor de Perdição”

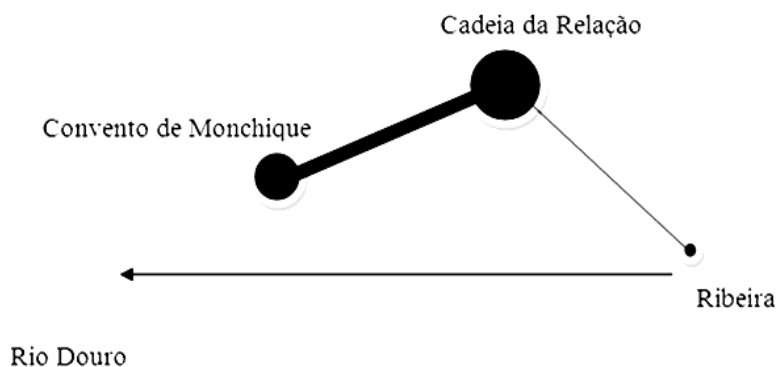


Fig. 38 - Gráfico interpretativo de “Amor de Perdição”

Analisando os dados interpretados na obra “Amor de Perdição” de Camilo Castelo Branco, pode-se então chegar a algumas conclusões.

Trata-se, como se pode observar no gráfico da fig. 25, de uma estrutura urbana em que o espaço se concentra principalmente entre dois edifícios, definindo um percurso com efeito pendular muito persistente que apenas é quebrado quando ligado a uma outra localidade, a Ribeira.

Numa análise a esta triangulação, entre o Convento de Monchique, a Cadeia da Relação e a Ribeira, verifica-se, tal como no Arco de Sant’Ana, que o maior número de referências se refere ao edifício, ao particular, convergindo para o espaço público com menor número de referências por local.

Percebe-se nesta convergência a forte relação que o rio Douro tem com a cidade do Porto, permitindo subir mais uma escala urbana.

São identificadas três escalas urbanas, o edifício, o espaço público e a localidade urbana, o aglomerado.



Fig. 39 - Ilustração atual da Cadeia da Relação e do Convento de Monchique.

3.4 – Análise de “Uma Família Inglesa”



Fig. 40 - Livro “Uma Família Inglesa”, de Júlio Dinis.

“Uma Família Inglesa” é uma obra escrita por Júlio Dinis, em 1868, cuja narrativa se passa em 1855.

3.4.1 – Breve biografia de Júlio Dinis

Júlio Dinis é o pseudónimo literário mais conhecido de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, entre os vários que adoptou. Nasceu a 14 de Novembro de 1839, no Porto, e morreu a 12 de Setembro de 1871.

Licenciou-se em Medicina, mas dedicou-se sobretudo à literatura. É autor de poesias, peças de teatro, textos de teorização literária, mas destaca-se sobretudo como romancista.

As principais obras de Júlio Dinis são:

1866, *As Pupilas do Senhor Reitor*

1860, *A Morgadinha dos Canaviais*

1870, *Serões da Província*

1871, *Os Fidalgos da Casa Mourisca*

1910, *Inéditos e Esparsas*



Fig. 41 - Retrato de Júlio Dinis.

3.4.2 - Breve resumo da obra “Uma Família Inglesa”

“Uma Família Inglesa” fala-nos de uma família de origem inglesa constituída por três elementos: pai e um casal de filhos, que vivem na cidade do Porto durante o século XIX.

A primeira destas personagens a entrar na ação é o filho, que vive intensamente no Águia de Ouro as festas do Carnaval com os amigos, festas que se estendem pela praça de Batalha, acabando no teatro de S. João.

Com a noite a decorrer sobre grande intensidade, este esquece-se do próprio aniversário, só lembrado por um bilhete que a irmã lhe envia, deixando-o com alguns remorsos em relação à família.

No dia seguinte, com a sua chegada a casa já pela madrugada e com recente adormecer, já o resto da família tomava o pequeno-almoço, seguindo um ritual matinal que estranhava a sua ausência. O pai, desiludido com a atitude do filho, sai como era seu costume para o trabalho, deixando à irmã a prenda que tinha para lhe oferecer.

O reflexo da irmã, ao ver o pai tão desolado, foi o de acordar o irmão e chamá-lo à razão pela a atitude que tomara.

Face aos conselhos da irmã, e por a respeitar ao ponto de a considerar como um anjo em quem procurava sempre apoio, este explica como passou a noite de carnaval e

como tinha conhecido uma misteriosa personagem feminina de máscara que tinha revelado conhecê-lo, deixando-o com muita curiosidade.

Este mistério desenvolve-se durante algum tempo, vindo apenas a esclarecer-se perante uma confissão dada pela melhor amiga da irmã, dizendo ter sido ela.

A irmã começa a questionar-se e percebe no irmão interesse pela sua melhor amiga; receando, previne-o, pois conhece o seu lado boémio.

Mas o encontro acontece e vai-se reforçando o interesse entre ambos, pois o pai da amada é seu amigo e guarda-livros na empresa do pai e seu homem de confiança.

No entanto, o pai da sua amada adoece e, aproveitando a situação, Carlos tenta provar as suas capacidades na empresa do seu pai tentando impressionar o guarda-livros que o vê com alguma leviandade e não sabe nada do que se está a passar entre ele e a sua filha.

Embora caracterizado como uma pessoa de bom coração e sempre pronto a ajudar, era ainda perante as pessoas, considerado um boémio sem responsabilidade.

Entretanto, a sua imagem complica-se ainda mais ou tornar-se conhecido um misterioso encontro com uma senhora, a par da descoberta feita pelo seu pai, da penhora do relógio que lhe tinha oferecido no aniversário. Estes factos deixam a sua reputação completamente em causa.

Questionado sobre o motivo que o levou a tomar essa atitude, este prefere ocultar protegendo a senhora com quem se tinha encontrado.

Já desacreditado pelo pai, é então que sua irmã, conhecedora da personalidade de seu irmão, procura saber a verdade responsabilizando-se por ele.

Mas a situação complica-se ainda mais quando o guarda-livros, pai da sua amada, descobre as intenções dele pela filha e desilude-se com uma carta que encontra, levando-a o seu patrão que assume salvar o filho da responsabilidade dessa carta.

Cada vez mais desacreditado, a irmã assume o papel de mediadora, responsabilizando-se por desvendar o mistério que envolveu a penhora do relógio, e por fazer ver ao pai que as intenções do filho para com a amada eram sérias.

O pai, com alguns complexos pelo filho se interessar pela filha do empregado, decide tornar uma atitude e resolve transformar o guarda-livros em seu sócio na empresa.

É então que o mistério do relógio é desvendado e a sua reputação se torna meritória e admirada por todos. O bom coração e a prontidão para ajudar quem precisa, tinha sido o motivo, acabando por se concretizar a união entre as duas famílias.

3.4.3 – Referências espaciais na obra “Uma Família Inglesa”

Com um número total de 46 referências correspondentes à cidade do Porto encontradas ao longo da leitura, estas estão distribuídas por 22 locais, predominando a “Rua dos Ingleses” que domina com um total de seis vezes, seguindo-se da Rua de Santa Catarina com cinco referências.

O número médio de referências é de 2,09 vezes por local.

Analisando o gráfico da fig.29 são perceptíveis cinco grupos que se organizam da seguinte forma:

G1 = 12 locais com 1 referência por local.

G2 = 3 locais com 2 referências por local.

G3 = 3 locais com 3 referências por local.

G4 = 2 locais com 4 referências por local.

G5 = 2 locais com 5 e 6 referências por local.

Análise da estrutura urbana da cidade do Porto a partir de quatro obras literárias

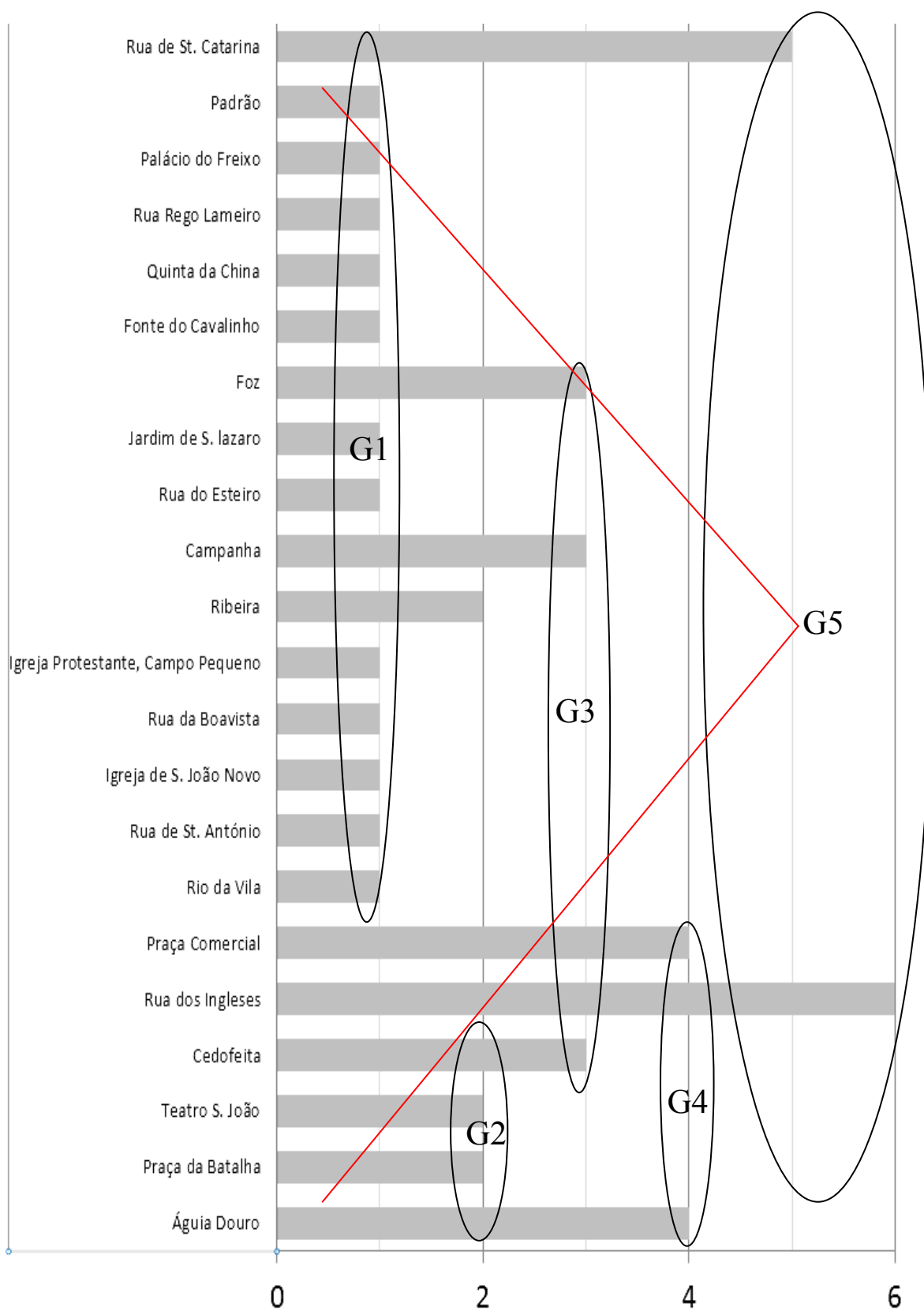


Fig. 42 - Gráfico das referências espaciais encontradas na obra "Uma Família Inglesa".

O gráfico identifica uma posição hierárquica dominante da Rua do Ingleses que, a par do que acontece com a obra do “Arco de Sant’Ana”, tem um vínculo de contextualização elevado com o título da obra. Esta posição leva a ter alguma ponderação sobre este resultado, passando a considerar-se a Rua de St. Catarina inserida no mesmo grupo, partilhando o topo da hierarquia.

Analisando os grupos, estes encontram-se divididos em 5 níveis hierárquicos, em que se observa uma gradação indo do menor número de referências por local (G1), até ao local com maior número de referências (G5), como se pode observar na Fig. 29.

No entanto, podemos observar que é no grupo G1 que se encontra o maior número de locais e que estes definem um sentido convergente no grupo G5, levando-nos a um ponto de encontro, um espaço público onde se percebe uma maior concentração. Rua de Santa Catarina e Rua dos Ingleses.



Fig. 43 - Ilustração da Rua de St. Catarina.

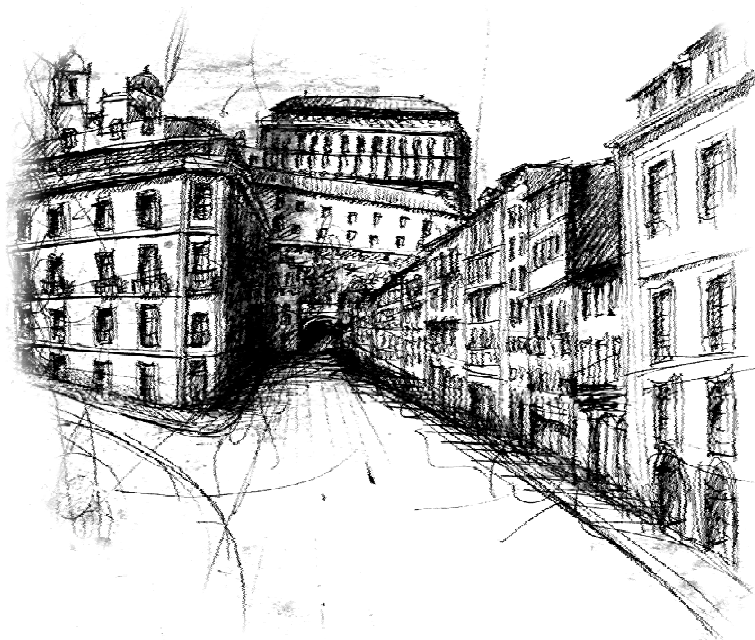


Fig. 44 - Ilustração da Rua dos Ingleses, hoje Rua do Infante Dom Henrique (vista atual).

3.4.4 – Implantação das referências num mapa aproximado da época



Fig. 45 - Mapa aproximado da época (1855), referências e percursos.

Já localizadas as referências da obra “Uma Família Inglesa”, podemos perceber que surgiram novos núcleos, em relação aos identificados nas obras “O Arco de Sant’Ana” e “Amor de Perdição”, como se pode verificar no mapa da fig. 32. As distâncias são maiores e os movimentos convergem em novos locais da cidade. Surgem novas tendências, novos aglomerados, novos núcleos, novos organismos.

Percebe-se no entanto que estes espaços, embora setorizados, mantêm uma forte ligação entre eles, e que, por sua vez, estes ainda continuam muito presos ao núcleo central observado na obra de “O Arco de Sant’Ana”.

3.4.5 – Caracterização espacial interpretativa da Obra “Uma Família Inglesa”

O percurso inicia-se com a descrição do um espaço social, um equipamento que relaciona a “cidade” num “ponto de encontro”, o “Águia D’Ouro”, definindo a concentração, o aglomerado e a tendência na relação social entre o particular e a vida em comum.

Percebe-se um espaço amplo, mas ao mesmo tempo fechado e limitado. Uma relação entre a unidade do edifício e da cidade e a grande concentração, o ponto de encontro, um espaço público convergente.

Cedo entram no salão do teatro, onde já centenas de pessoas morriam de calor, de asfixia e de tédio; e eram trilhadas, apertadas, esmagadas quase, aos encontros dos máscaras, arrebatados num galopo vertiginoso. (Dinis, 1963, p. 46).

Do sentido do aglomerado passamos ao grupo, subdividindo-se a perspectiva da concentração em grupos de amigos, em famílias e em espaços agora menos limitados.

Disperso o grupo, passa-se ao particular, ao individual, onde em simultâneo se relata e observa uma libertação do espaço, o sentido de espaço limitado sentido no espaço público da cidade, passa para a amplitude do horizonte, da paisagem. É sentida a periferia da cidade, onde, nos seus limites, se desenvolve um exterior que cresce agora sofrendo novas influências.

(...) da minha casa aqui são caminhos que podem dizer-se todos da aldeia, quase sempre por entre quintas e campos (...) (Dinis, 1963, p. 118).

Sente-se um crescer da cidade, um aumento da população e a necessidade de adaptação. As distâncias são mais longas. Percebe-se na espera, na dispersão.

- Estava a ver umas obras, que além se andam a fazer. Aquilo, se me não engano, é na casa do conselheiro Arantes.

- Ora se há-de olhar para acolá, para aquelas árvores, põe-se a reparar nessas casarias! Não lhe parecia estar ali, debaixo daqueles carvalhos? (Dinis, 1963, p. 147).

3.4.6 – Conclusão e avaliação das estruturas urbanas na obra literária “Uma Família Inglesa”

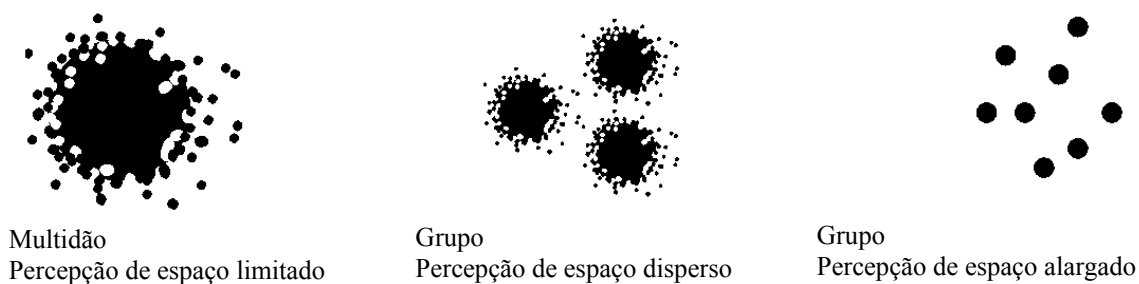


Fig. 46 - Três escalas de relação espaço/cidadão: o aglomerado, o grupo e o indivíduo.

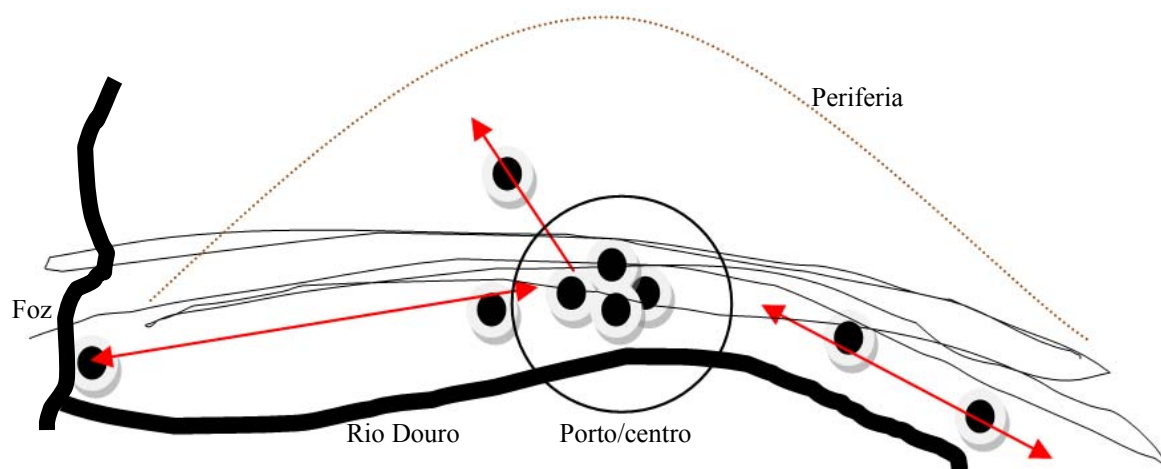


Fig. 47 - Gráfico interpretativo de “Uma Família Inglesa”.

O gráfico da fig. 34 interpreta um percurso em que a relação urbana confere um evidente paralelismo com a linha do rio.

A forma da cidade concentrada no seu núcleo central onde nasceu abra-se agora formando uma linha periférica bastante proporcional, estendendo-se equilibradamente não só no sentido nascente e poente, que se percebe muito ligado ao Rio Douro mas, também para norte. A periferia é marcada pela existência de novo aglomerado edificado.

Em direcção a poente, a Foz marca aqui uma posição muito específica, uma tendência directa de relação com o mar.

Existem no entanto, novas tendências a nascente, com concentrações na zona de Campanhã e em direcção ao Freixo.

Para norte, os movimentos são agora mais definidos, formando-se uma curva urbana que se deforma a partir da área central da cidade, como podemos ver na imagem da fig. 34.

Na organização espacial evidenciam-se dois locais predominantes, a Rua de St. Catarina e a Rua dos Ingleses. Dois espaços públicos convergentes em relação a outros espaços referenciados.

Quanto ao edifício, surge predominante o Cine-Teatro Águia D'ouro.

No espaço que relaciona a personagem com a cidade, observando-se uma gradação de três escalas de relação urbana/cidadão:

A primeira escala é o aglomerado, definido pela concentração da população num determinado espaço ou edifício (Águia D'Ouro, Teatro S. João, Praça da Batalha). Estes espaços públicos transmitem um sentido limitado e até fechado.

A segunda escala é o grupo, subdivisão do aglomerado para o espaço familiar ou grupo de indivíduos que se relacionam em espaços de menor concentração, a rua, o

jardim, a habitação (Rua dos Ingleses, Rua de St. Catarina, Rua da Boavista, etc.). Estes percebem-se mais dispersos e transmitem um sentido mais diversificado.

A terceira escala é o individual. Sem referências, esta permite uma maior liberdade espacial (Cedofeita, Campanha, Foz, etc.). Do individual é possível observar a cidade com maior amplitude, em crescimento.

Estas escalas estruturam uma cidade que se organiza subdividindo-se em novas centralidades, núcleos e espaços com forte relação entre eles. Ao mesmo tempo, podemos perceber que esta subdivisão não é dispersa, pois ainda se encontra muito presa ao núcleo central observado na obra “O Arco de Sant’Ana”.



Fig. 48 - Ilustração atual do edifício Águia D'ouro.

3.5 – Análise de “O Cavaleiro Azul”



Fig. 49 - O livro “O Cavaleiro Azul”, de Pedro Baptista.

“O Cavaleiro Azul” é uma obra escrita por Pedro Baptista, em 2001, cuja ação decorrer em 1966.

3.5.1 - Breve biografia de Pedro Baptista

Pedro Baptista nasce em Nevogilde, Porto, em 1948. Licenciado e doutorado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, é investigador-coordenador no Instituto de Filosofia desta Faculdade e investigador-colaborador no CEPP da Universidade Católica.

Algumas das obras publicadas por Pedro Baptista são:

1987, *Ao Encontro do Halley*

1992, *Sporá*

2006, *Pessoas, Animais e Outros que Tais*

2007, *Centenário do Gabiru*



Fig. 50 - Retrato de Pedro Baptista.

3.5.2 - Breve resumo da obra “O cavaleiro Azul”

“O Cavaleiro Azul” inicia-se tendo como palco a Foz, onde destaca um grupo de pessoas que se relacionam através do futebol, uma atividade que gera uma relação competitiva, um teste às capacidades e às estratégias de cada um.

O conflito é inevitável entre amigos que jogam à “bola” naquele local tão mítico. São vários os relacionamentos e os acontecimentos sucedem-se.

Do grupo passa-se a uma personagem e a um particular encontro entre dois jovens que revelam uma relação apaixonante e sensual.

É uma relação perfeita a decorrer num ambiente cheio de ideais políticos, o ambiente de 1966. Um relacionamento que tem oposição familiar por parte, o que a deixa em constante preocupação ao temer ser descoberta. Seu pai é de origem alemã, é um ex-Nazi refugiado em Portugal, pertencente a um grupo da extrema-direita que defende ideais manifestados em pleno sigilo. Segredos que o levam a ter uma habitação que mais parece um bunker, cheio de registos que escondem uma obscura realidade, uma mundo à parte.

O relacionamento, ao ser descoberto pelo pai, é condenado, fazendo perceber atos de violência contra a filha.

O namorado desesperado com o desaparecimento da namorada e sem saber o que sucedeu procura informações, mas nada consegue saber.

É então que recebe uma notícia que anuncia a morte da sua bela amada. Gera-se nele um forte sentimento de vingança. O ódio nasce contra o pai da amada, o Nazi e promete vingar-se

Da tentativa de vingança acontece a morte do pai da sua amada. Contudo, desta ação resultada nada mais que o vazio, um sentimento de falta. Surgem questões sobre a sua própria existência, uma existência que seus pais com tanto carinho preservaram, defendendo-o de um passado que eles próprios não compreendiam.

Tentando perceber as suas origens com a ajuda de um amigo que o acompanhava sempre nos momentos mais vulneráveis, a sua origem cigana é revelada pelo pai que diz tê-lo salvado em pequeno de um trágico acontecimento do qual apenas sobrou o registo de uma pequena e estranha medalha.

Procurando descobrir o significado da medalha, esta leva-o para os lados da Sé onde surgem algumas respostas que não só o ligam às suas origens, como o fazem avivar memórias sobre a amada em contextos que lhes eram íntimos.

Recordando a amada e palavras que se preservaram a quando da sua perda, o instinto levam-no a visitar novamente os lados da Sé. Quando então, passeando pelas suas estreitas ruas, surge algo completamente inesperado, surge uma jovem com uma criança nos braços. É a surpresa, o espanto, a reflexão, a incompreensão, é a sua amada, está ali, viva, revelando-lhe a sua existência, e a de um filho seu.

Tentando compreender o sucedido, o seu desaparecimento é então revelado por sua amada, que através do amigo comum aos dois, em segredo, este a ajudou a esconder e a proteger de seu pai, a que tanto temia pelo mal que poderia acontecer a ela, a seu filho e a seu amado.

3.5.3 – Referências espaciais na obra “O Cavaleiro Azul”

Com um número total de 103 referências correspondentes à cidade do Porto encontradas ao longo da leitura, estas estão distribuídas por 73 locais divididos em três áreas, “Porto Centro”, “intermédio” e “Foz” em que o predomina o “Porto Centro” com mais referências.

O número médio de referências é de 34,33 por área.

Analisando o gráfico da fig.38 são perceptíveis 3 áreas que se organizam da seguinte forma:

“Foz”, com 22 locais com 41 referências.

“Intermédio”, com 9 locais com 10 referências.

“Porto centro”, com 42 locais com 52 referências.

O número médio total de referências é de 1,41 vezes por local.

Analisando o gráfico da fig. 38 são perceptíveis 4 grupos que se organizam da seguinte forma:

G1 = 57 locais com 1 referência por local.

G2 = 6 locais com 2 referências por local.

G3 = 4 locais com 3 referências por local.

G4 = 4 locais com 4 referências por local.

Análise da estrutura urbana da cidade do Porto a partir de quatro obras literárias

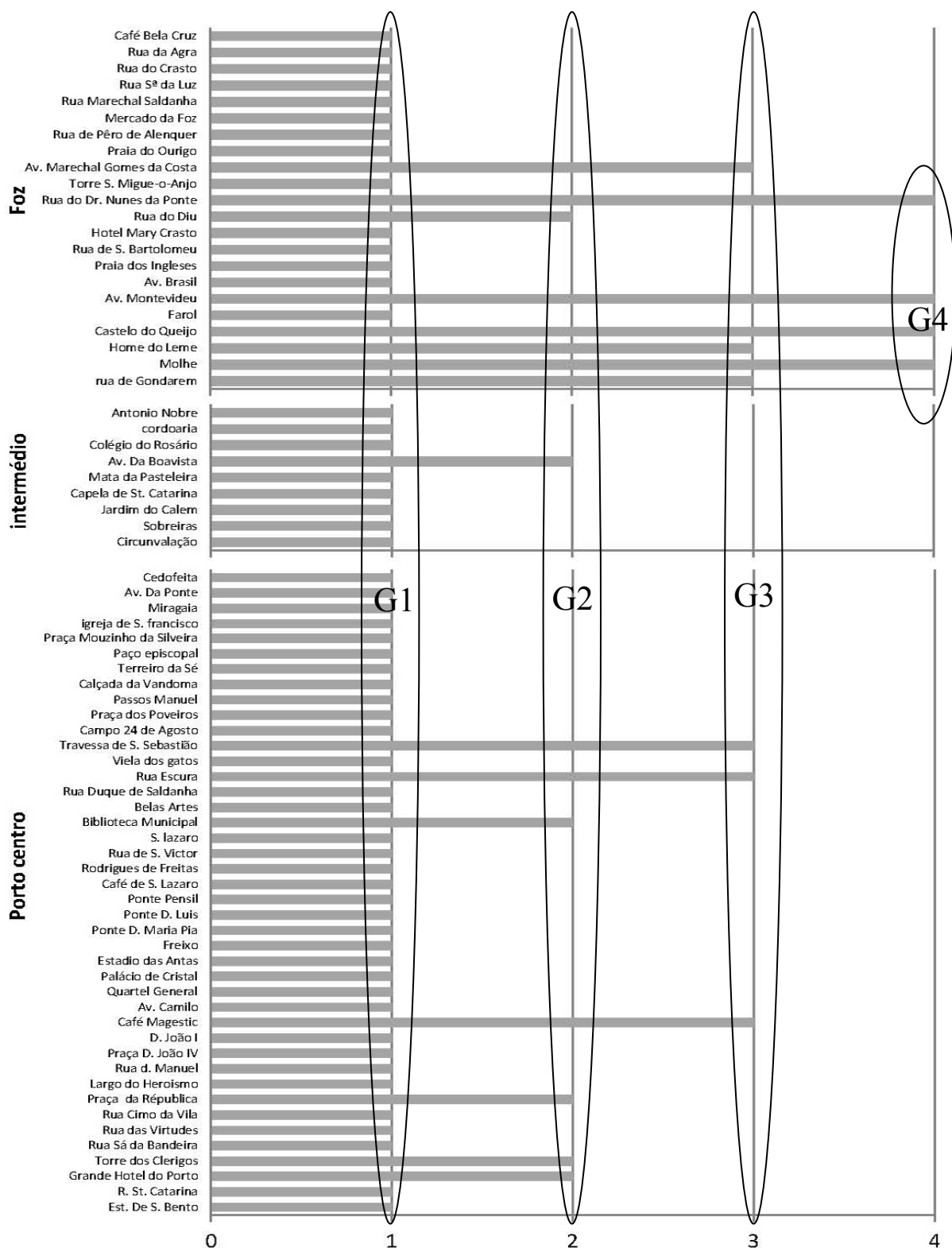


Fig. 51 - Gráfico das referências espaciais encontradas na obra “O Cavaleiro Azul”.

Neste caso, o gráfico foi dividido em três partes, definindo-se três núcleos que se interligam no seu conjunto, mas que definem particularmente as suas próprias hierarquias, domínios e tendências.

Esta divisão deve-se à grande concentração das referências em certas áreas da cidade. Cidade que, agora em comparação com as anteriores obras analisadas, se estende por um espaço mais amplo e polarizado em dois núcleos: Foz e Sé.

Nesta obra percebe-se uma cidade mais extensa, polarizada no “centro” e na “Foz” que absorvem vários dos núcleos verificados em obras anteriores, em particular “Uma Família Inglesa”. Para além dos núcleos integrados nos polos principais, outros existem que anunciam a expansão da área urbana, qual “mancha de óleo”.

A cidade encontra-se dividida principalmente entre duas grandes áreas, “Porto centro” e “Foz”, gerando-se um movimento pendular entre os dois.

Neste movimento pendular é perceptível o nascimento de um terceiro núcleo, menos afirmado, o “Intermédio”.

Afirma-se o “Porto centro” como hierarquicamente predominante.

Nos grupos, continua a haver uma gradação que vai do maior número de locais com menor referências por local (G1), para um menor número de locais com mais referências por local (G4).

3.5.4 – Implantação das referências num mapa aproximado da época

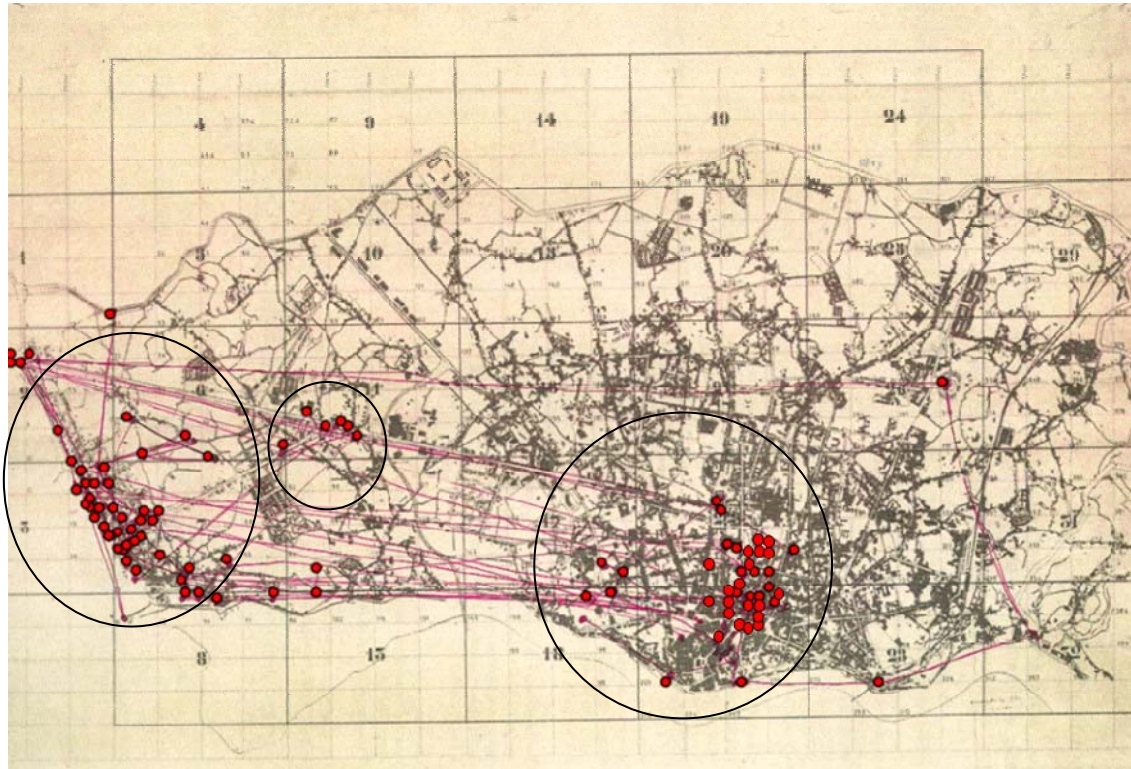


Fig. 52 - Mapa aproximado da época (1966), referências e percursos.

O romance analisado é escrito em princípios de 2000 e contextualizado no ano 1966 período em que vigorava o sistema político do “Estado Novo”. É época em que Portugal vive tempos de repressão política e social.

Na obra são definidas duas áreas centrais de que resulta um movimento pendular entre a Foz e o centro do Porto. A Foz é a origem, a morada, o Porto é o ponto de encontro, o espaço público predominante.

Nas linhas desenhadas entre as referências, estas mostram os movimentos executados pelos personagens. Pode-se sentir a força entre aqueles dois núcleos centrais, com sinais de desenvolvimento neste corredor pendular que aproxima a Foz ao Porto.

3.5.5 – Caracterização espacial interpretativa da Obra “O Cavaleiro Azul”

A obra analisada começa com a descrição de um local, marcando a origem e o início de uma série de acontecimentos. A Foz é descrita com pormenor, a praia, o horizonte, as ruas.

É este espaço organizado que Fernando Távora (1982, p. 12) define como “(...) volumes, as superfícies e as linhas constituem, tanto como os pontos, acontecimentos de organização do espaço, aos quais se dá o nome de formas (...)”,

Através de alguns elementos sensíveis de interpretação, como o areal, o mar e o horizonte, a visão interpreta esta perceção de fronteira entre a água e a terra. Assume-se nesta frente ao mar, um espaço de reflexão oportuno a atividades de lazer. A contemplação visual é aqui um elemento primário.

A “Foz” portadora destes factores de sensibilidade espacial, assume um carácter central, percebido não só através do autor, mas também pelas personagens que afirmam este um local ponto de encontro.

A passagem do núcleo da “Foz” para o núcleo do Porto é determinado referindo-se a espaços, locais e edifícios, com algum misticismo, pontos de referência. A força da origem da cidade, da antiguidade, um voltar às origens.

No centro do Porto os acontecimentos, os movimentos e os percursos, são feitos sempre numa perspetiva em que o percurso acontece por curtos momentos, não são persistentes, resultam sempre no retorno à “Foz” que predomina como morada, o particular.

Entre os dois núcleos principais, os espaços percebem-se com menos referências, sem centralidade clara. É um espaço de passagem, uma via de ligação que se percebe como algo ainda um pouco vazio.

3.5.6 – Conclusão e avaliação das estruturas urbanas na obra literária “O Cavaleiro Azul”

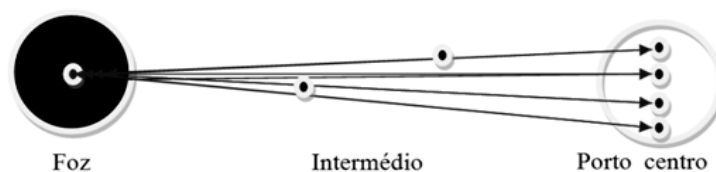


Fig. 53 - Gráfico interpretativo de “O Cavaleiro Azul”.

A conclusão que se pode tirar da análise desta obra “Um Cavaleiro Azul”, de Pedro Baptista, é que se trata de um momento de grande evolução urbana da cidade, bastante evidente quando comparado com as outras obras já analisadas. Os movimentos são mais distantes, surgem novas hierarquias e novas centralidades, uma nova estrutura dentro da cidade do Porto.

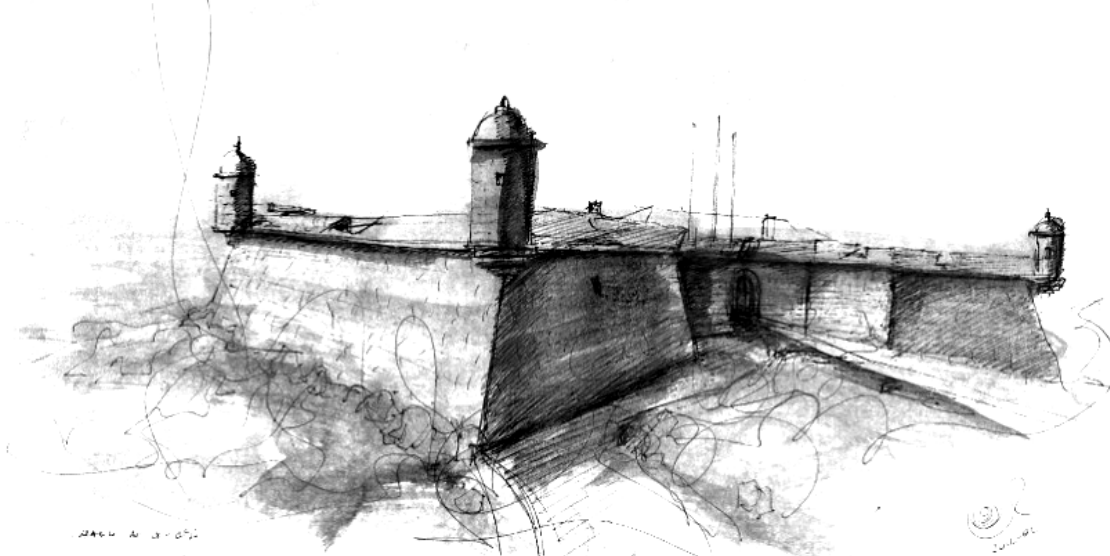


Fig. 54 - Ilustração do Castelo do Queijo.

A Foz surge agora como uma nova centralidade, envolvendo uma área que se organiza com as suas próprias hierarquias e definições estruturais. É atingida uma nova escala urbana na divisão da cidade.

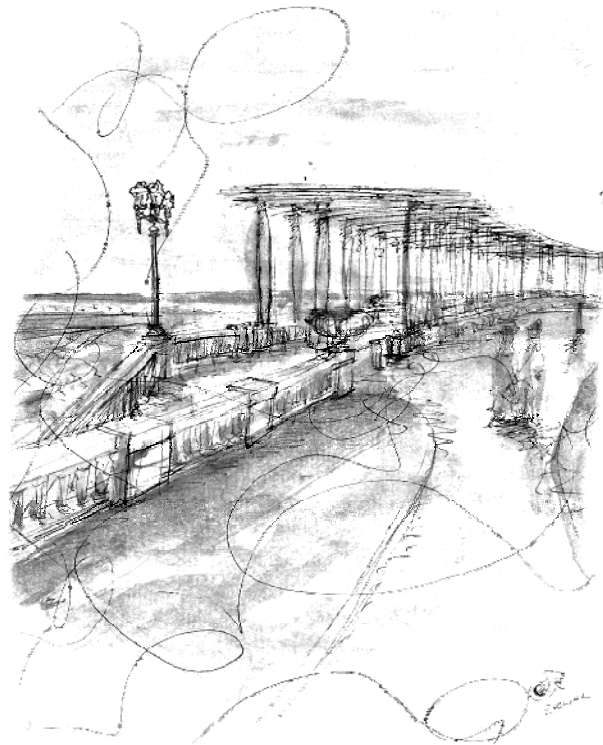


Fig. 55 - Ilustração da Foz.

A cidade está agora dividida entre duas referências predominantes, a Foz e o centro do Porto, o Porto antigo. Formando-se entre estas duas áreas centrais um corredor que prevê uma futura ligação entre estes dois núcleos, tendência de aproximar estes dois espaços referencia onde se executa um constante movimento pendular.

A escala estrutural da cidade organiza-se agora através de um todo que é a cidade do Porto, dividida em duas grandes áreas que por sua vez, se subdividem em espaços referencia mais pequenos até à rua, à avenida e o edifício.

O “Porto centro” é predominante, não só pelo número de referências mas pelo carisma transmitido pelo autor, pelo reconhecimento da origem, pela história.

Romy fez menção de parar ao observar a “Flora”, a mais bela planta da Cordoaria, embora em bronze; Alex entou com grandes gestos de boca e uma solenidade gutural, como quem diz ao mesmo tempo o maior segredo e a maior evidência do mundo, “Mister Teixeira Lopes, Yes”.

E seguiram.

Clérigos, a Praça equestre de D. Pedro IV, a Juventude, a maravilha que Barata Feyo fez com o Garrett, a dupla maravilha que são os Corcéis que João Fragoso esculpiu, postos em D. João I, seria um não-parar de paragens...

Dionísio espera-os no Magestic, a primeira mesinha junto à porta, Nieepoort branco. (Baptista, 1966. p. 128)

A Foz solidifica a forte ligação que o Porto tem com o rio, estendendo-se até ao mar. A Foz tem a paisagem, tem os elementos que fazem deste espaço, um espaço moradia, um espaço de lazer.

Quanto à referência, é o “Magestic” que assume o topo da hierarquia na Cidade do Porto.

Esta obra é um importante registo da cidade e da sua sociedade. Através da grande diversidade de movimentos empregues nas suas personagens, é perceptível avaliar tendências arquitetónicas transmitidas através do autor Pedro Baptista.

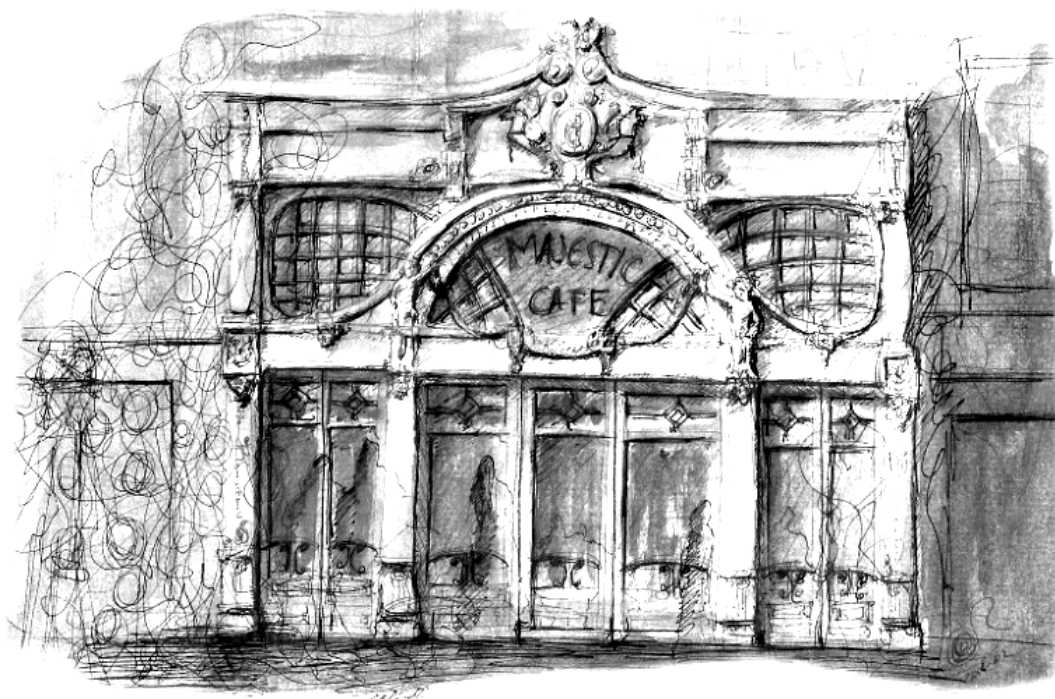


Fig. 56 - Ilustração do Café Magestic.

CAPITULO IV – Avaliação dos métodos utilizados

4.1 – Avaliação da análise e dos métodos utilizados.

Iniciou-se a análise das obras “O Arco de Sant’Ana”, “Amor de Perdição”, “Uma Família Inglesa” e o “Cavaleiro Azul”, com a contagem de todas as referências espaciais encontradas ao longo da leitura, seguindo-se uma análise interpretativa das mesmas.

O estudo desenvolvido não tinha a finalidade de uma interpretação urbana exaustiva da cidade do Porto, mas, de chegar a uma compreensão em relação à evolução observada e registada pelos autores nas quatro obras literárias.

Nesta análise consideraram-se as palavras como símbolos.

A semiótica, o termo escolhido por Charles Sanders Peirce, ou a semiologia, palavra usada por Ferdinand de Saussure, é o estudo científico da linguagem como um sistema de signos (...) (Nesbitt, 2008, p. 36):

Procurar, no contexto das obras, uma leitura que interpreta fragmentos exteriores à intenção da narrativa (sentido para o qual foi escrita a obra na sua essência) é um exercício que pressupõe alguma liberdade interpretativa. A analogia encontrada na semiótica refere dois elementos interpretativos que, enquanto leitura, é preciso perceber: a quantificação do número de palavras e a interpretação do seu sentido.

O método de Sherlock Holmes, o célebre detective dos livros de Sir Arthur Conan Doyle, mostra-nos como tudo pode ser um sinal. As coisas mais díspares, e à vista desarmada mais inverosímeis, podem constituir excelentes pistas para chegar ao criminoso. O que Sherlock Holmes faz é estabelecer relações entre coisas que, à primeira vista, nada têm a ver umas com as outras. Ora no momento em que se estabelece uma relação entre A e B, A deixa de ser um objecto isolado para devir um sinal de B. O carácter semiótico do método de Sherlock Holmes foi exposto por Thosto por Thomas Sebeok e Umberto Eco que apuraram uma grande afinidade entre o método do detective e o método abduutivo de Charles Peirce, um dos fundadores da semiótica contemporânea. (Fidalgo e Gradim, 2005, p. 14):

Poderíamos partir do princípio que, como Fidalgo e Gradim (2005, p. 14), “Tudo pode ser Sinal”, o que implicaria um universo indeterminável na especificação do estudo. Daí, ter-se procurado estabelecer algumas regras, encontrando signos com referências diretas, como topónimos, nomes de edifícios e ruas. Métodos teóricos de avaliação com o objetivo de sustentar outro método menos pragmático, que evolui no sentido da interpretação mais subjetiva e particular.

No entanto, os métodos utilizados para a análise das obras não se limitaram a um manual de semiótica, foram utilizados outros métodos de interpretação e de percepção.

O desenho, a imagem e a fotografia, foram outras das técnicas que se mostraram visualmente eficazes, permitiram atingir a percepção da escala, do movimento e do tempo.

Definir algumas metodologias de análise foi a consciência da existência indeterminável de outras que se poderiam ter considerado mas que, conscientemente limita-mos neste trabalho de análise desenvolvido.

Transformar o sentido e o objetivo de um contexto literário que conta um romance, para linguagem arquitetónica, é um exercício que é preciso ponderar, a fim de, não se transformar numa linguagem que ultrapassa os objetivos considerados para a interpretação urbana da cidade do Porto, com as variações que podem atingir algum desequilíbrio e alguma subjetividade excessiva.

4.2 – Cruzamento entre o método quantitativo e o interpretativo

Consideraram-se dois métodos na avaliação e análise da estrutura da cidade do Porto nas obras literárias estudadas, um que quantificou referências e um outro que entendeu uma interpretação pessoal.

Estes dois métodos, embora interpretativamente distintos, só poderão atingir um resultado de análise mais equilibrado através do seu cruzamento.

A percepção e a memorização do ambiente não são neutras, fazendo acompanhar-nos de uma carga significativa. Como salienta Merleau-Pony (2002), além da sua componente lógica, a percepção insere-se em constelações efectivas, na cumplicidade do nosso desejo e dos nossos devaneios, na intermitência da nossa vida emocional. Também a memória, refere Gilles Deleuze (1968), mais do que um depósito organizado e disponível de lembrança, é uma plataforma afectiva que nos conecta com o horizonte da temporalidade com um todo. Esta dimensão afectiva é indissociável do prazer e gosto estético inerente à experiência do ambiente físico, nomeadamente do arquitectónico; por outro lado, a emoção estética é influenciada por processos do pensamento, que nos permitem compreender o significado da arquitectura. (Muga, 2005, p. 99).

Henrique Muga fala-nos de uma relação em que o conhecimento ou memória, para além de um ato lógico, é um ato de desenvolvimento pessoal de onde resultam interpretações mais subjetivas e sensoriais.

Esta interpretação pessoal necessitou de reflexão, pois perceber um determinado espaço através do nome de uma simples referência, é vago e mais ainda, quando a consideramos uma variável individual.

Controlar este sentido que caminhava um pouco no vazio, foi perceber que ao isolarmos os resultados exclusivamente lógicos, determinados numericamente, dos resultados sensoriais e interpretativos, e vice-versa, apenas estaríamos a formar um modelo de avaliação de dependência um do outro num formato mais desequilibrado.

Foi fundamental no decorrer do trabalho perceber esta independência entre estes dois métodos, assim como a imperativa dependência de um perante o outro, numa avaliação mais harmonizada e conclusiva.

Não podemos perceber o espaço apenas pelas suas dimensões numéricas, é preciso senti-lo. O espaço para além do seu formalismo é constituído por um indeterminado número de fatores que o tornam diferente. Não existem espaços iguais, existem, sim, espaços com dimensões iguais.

4.3 – Avaliação dominante dos três elementos, edifício, espaço e percurso

A cidade é um organismo complexo, constituído por uma indeterminável variedade de elementos estruturais que se relacionam organizando as suas hierarquias.

Nesta relação de escala entre o cidadão e o conjunto formal da cidade num todo, existe uma variedade de elementos constituintes da cidade: o edifício, os espaços e os percursos.

Foi perante a consideração destes três elementos, que se procedeu à identificação na obra literária da sua referenciação, estabelecendo a ligação entre sentido interpretativo original (para o qual a obra literária tinha sido escrita) e o estudo urbano da cidade do Porto.

A avaliação da importância de cada um deste tipo de elementos foi determinante para uma interpretação estrutural desenhada pela narrativa.

4.4 – Avaliação e reflexão sobre dados realizados

A concentração da análise em obras literárias não direcionadas para a arquitetura e para o estudo urbano foi um fator determinante. Distanciarmo-nos dessa linguagem mais específica foi imprescindível para uma interpretação o mais aproximada possível do que é considerado pelo cidadão comum da cidade e da sua perceção sobre a mesma.

A tradução dos dados avaliados ajuda-nos a perceber uma cidade em contextos civilizacionais, e/ou culturais, relativamente distantes. Os métodos dividiram-se em várias vertentes de interpretação, mas com num objetivo comum, observar a cidade e os cidadãos do Porto no espaço urbano através do senso comum do autor.

A análise literária demonstrou a existência de elementos de referência à cidade do Porto, determinando ser possível um estudo acerca da sua estrutura urbana.

São vários os elementos analisados: o movimento das personagens que se deslocaram ativas e com preferências, os costumes, as tendências, os percursos, toda

uma variedade de elementos que se encontram registados através do autor que de algum modo, escreveu ao espelho do conhecimento de uma cidade em que viveu. No caso de Almeida Garrett, como já foi dito, este não viveu na época em que decorre o “Arco de Sant’Ana, mas fundamenta-se, como diz, numa história que prossupomos possivelmente vivida por quem deixou o registo, permitindo-nos buscar através deste romance essa antiguidade que não se encontra registada desta forma escrita na época.

O sentido de interpretação sensorial leva-nos a ver nas palavras e nas frases imagens refletidas na nossa imaginação que divulga uma visão da cidade. A leitura tem este poder sobre outras formas de registo, tem o poder de anexar ao sentido uma imagem.

As palavras que foram lidas ao longo das obras refletiram essa sequência de visões, levando-nos à possibilidade de reconstituir uma possível reprodução do que vai sendo interpretado.



Fig. 57 - Ilustração de um imaginário nicho da cidade.

Podemos concluir que foi conseguida uma leitura sobre a cidade. Percebe-se a sua evolução estrutural urbana ao longo das várias épocas em que foram contextualizadas. Percebem-se tendências urbanas em edifícios, espaços e percursos que se tornaram ao longo da história do Porto símbolos da cidade, reconhecidos pelo cidadão que vive em comunidade e que define uma opinião pública aqui refletida, através das personagens.

CAPITULO V – Síntese

5.1 – Observações e coincidências da análise

A cidade do Porto foi o pano de fundo, o contexto e o motivo que envolveu a escolha dos vários autores. Perceber a cidade em épocas passadas através da literatura foi um exercício teórico e complexo que consistiu em alterar a função e o objetivo primário para o qual foram concebidas.

Considerar que determinadas obras literárias são importantes para o desenvolvimento do estudo da arquitetura não foi uma simples opção, foi um objetivo determinante que envolveu o estudo de várias matérias. O trabalho não pretendeu determinar métodos nem conceitos; pretendeu, sim, refletir sobre algumas regras e percepções de interpretação possíveis de se relacionarem com a arquitetura e com o seu desenvolvimento teórico de abertura à sensibilidade interpretativa da disciplina.

Dos métodos utilizados, iniciou-se a análise começando por se avaliar os “gráficos de referências”. Estes tinham como finalidade perceber as hierarquias estruturais na cidade, através da persistência dada pelos autores.

Estas referências, que permitiram construir essa hierarquia através da quantificação, são os elementos de análise que mais se distanciam do próprio sentido original da obra literária.

Considerou-se, partindo de um “pressuposto”, que os autores não teriam contabilizado, durante a criação das suas obras, as vezes que se referiam a uma determinada referência espacial.

Avaliando-se o resultado hierárquico, da obra literária o “Arco de Sant’Ana”, de Almeida Garrett, obtivemos como resultado dominante a Sé, seguindo-se a rua de Sant’Ana, as quais se contabilizaram como predominantes, posicionando-se no topo da hierarquia espacial da cidade. Comparando o resultado hierárquico destes edifícios e locais com a atualidade, observa-se essa hierarquia transmissora da própria preservação

e sobrevivência, ao contrário de outras que se posicionam em patamares hierárquicos inferiores.

No “Amor de Perdição”, de Camilo Castelo Branco, é dominante a Cadeia da Relação, seguindo-se o Convento de Monchique. Comparando, como se fez com o “Arco de Sant’Ana”, esta hierarquia com a actualidade, reparamos que a Cadeia da Relação que se encontra no topo da hierarquia mantém-se preservada, ao contrário do que acontece com o convento de Monchique, que se encontra em avançado estado de degradação.

Verifica-se no “Amor de perdição” a repetição deste dado hierárquico que combina o topo da hierarquia com a preservação do edifício na actualidade, ao contrário do que se passa com outros em níveis hierárquicos inferiores.

Em “Uma Família Inglesa” de Júlio Dinis, as referências espaciais dominantes são; a Rua de Santa Catarina e a Rua dos Ingleses. Comparando com a actualidade, estes continuam como espaços ativos sendo a Rua de Santa Catarina uma referência comercial bastante considerável na cidade do Porto. Quanto ao edifício, é o Águia Douro que domina a hierarquia de edifícios referenciados na obra, tendo sido recentemente reabilitado.

Verifica-se em “Uma Família Inglesa” a repetição deste dado hierárquico que combina o topo da hierarquia com a preservação do edifício na actualidade, ao contrário do que se passa com outros em níveis hierárquicos inferiores.

Na obra “Um Cavaleiro Azul”, de Pedro Baptista, o Café Magestic está no topo da hierarquia, seguindo-se a Rua Escura e o Castelo do Queijo, preservados e dominantes na actualidade em comparação com as outras referências espaciais menos frequentes.

Verifica-se em “Um Cavaleiro Azul” a repetição deste dado hierárquico que combina o topo da hierarquia com a preservação do edifício na actualidade, ao contrário do que se passa com outros em níveis hierárquicos inferiores.

Consegue-se perceber nestas quatro obras literárias que os edifícios numericamente mais contabilizados estão, na atualidade, em bom estado de preservação em comparação com os menos contabilizados.

Esta hierarquia define também uma coincidência em relação à opinião pública que elege alguns edifícios ou espaços como símbolos da cidade. No Porto percebe-se que em sociedade é comum partilhar como referência da cidade, a Torre dos Clérigos, assim como, em Paris, a Torre Eiffel, não sendo este um resultado pré estabelecido por ninguém, mas uma opinião que nasce na sociedade.



Fig. 58 - Ilustração da torre dos Clérigos.

(...) qualquer que seja o lugar em que se enquadra, o edifício e o meio ambiente dependem um do outro; como assinala M. Huet (1990), a arquitectura não é o mundo dos objectos, mas sim o mundo das relações. Importa então analisar como é que o edifício interage com os edifícios vizinhos, como interactua com a rua, com o cruzamento ou praça envolvente: integra-se ou separa-se, funde-se ou autonomiza-se dos edifícios que cercam? Expande-se ou é invadido pelo interespaço, pela rua ou pela praça? (Muga, 2005, p. 154):

Foram identificadas centralidades tais como, espaços públicos, pontos de encontro e percursos. Sucessivamente estes pontos, ou estas preferências, na fase de análise das obras literárias, foram implantados nos mapas aproximados da época

percebendo-se movimentos que se adaptavam a uma cidade vivida em função de determinadas tendências urbanas.

A cidade do Porto, no decorrer dos tempos e junto com a sua população, foi evoluindo de certa forma, com opções vernáculas, que respondiam num tempo longo a necessidades diretas.

O Porto foi assim definindo as suas fronteiras, as suas centralidades e as suas referências, desenhando uma cidade como muitas outras com espaços que foram sendo ocupados à imagem da sua população e dos seus intervenientes.

Por fim, numa nova ótica conjunta, conclui-se com uma perspetiva geral em relação às quatro obras que foram analisadas.

O objetivo é perceber a cidade, como evoluiu até à atualidade e perceber esse futuro que se altera por fatores que se vêm repetindo de uma forma cíclica e influente, fatores dinamizadores da constante adaptação da cidade às necessidades de quem nela habita e utiliza.

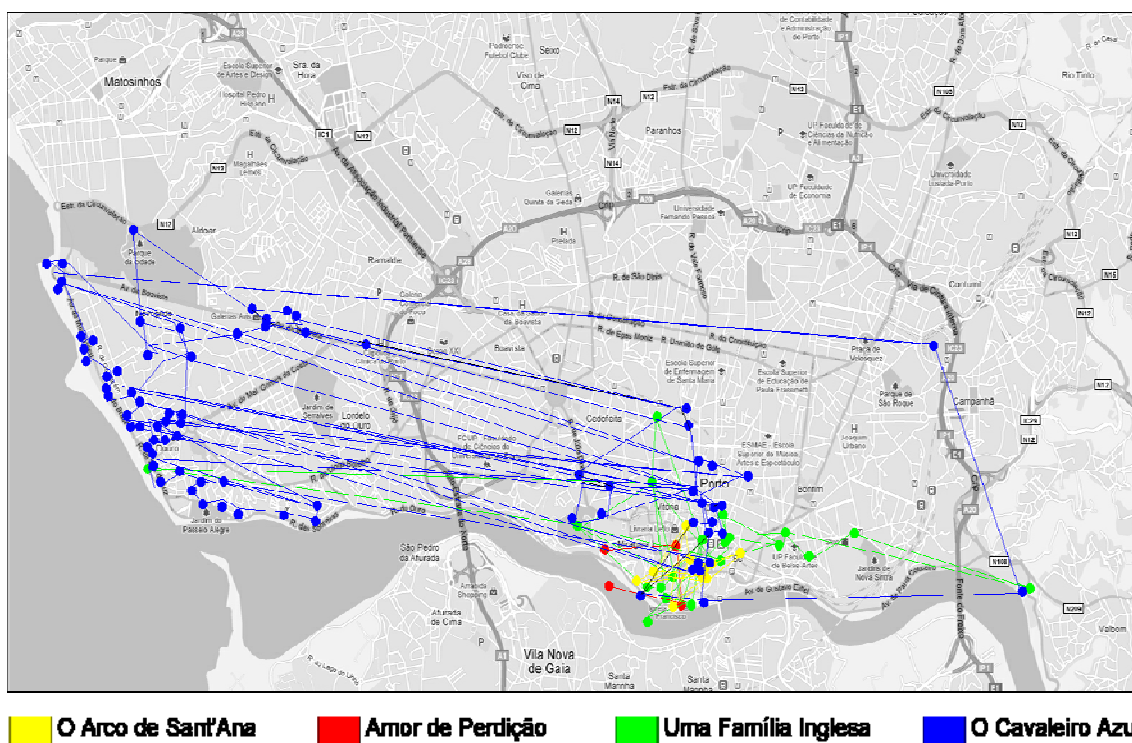


Fig. 59 - Mapa da atualidade com a implantação das referências encontradas nas obras literárias analisadas.

Este mapa, e seguindo os métodos usados até agora, apenas retrata a cidade do Porto no seu interior. Não se pretende captar relações para lá do limite administrativo, embora eles existam muito para além deste contorno.

Antes de avaliarmos os pontos de referência espaciais e as linhas que os ligam, importa, em primeiro lugar, perceber a capacidade de os visualizar através do desenho, permitindo o estudo de reflexão.

Não iremos desenvolver nenhuma análise conclusiva, nem um estudo urbano complexo ou exaustivo, como já foi dito, pois isso levar-nos-ia a desenvolver outros estudos. O que se pretende é concluir com algumas observações que consideramos pertinentes, de modo a justificarmos os métodos de avaliação utilizados.

No mapa percebe-se que durante quase 600 anos de vida da cidade, esta sofreu uma larga evolução. Desde as referências marcadas a amarelo, passando pelas vermelhas e verdes até às azuis, percebe-se que nos percursos gerados pelas personagens, as distâncias são cada vez mais afastadas do núcleo central da cidade.

Nas linhas que unem os pontos das referências é possível perceber esses movimentos, gerando-se assim movimentos pendulares que se tornam mais persistentes à medida que nos vamos afastando do núcleo central da cidade.

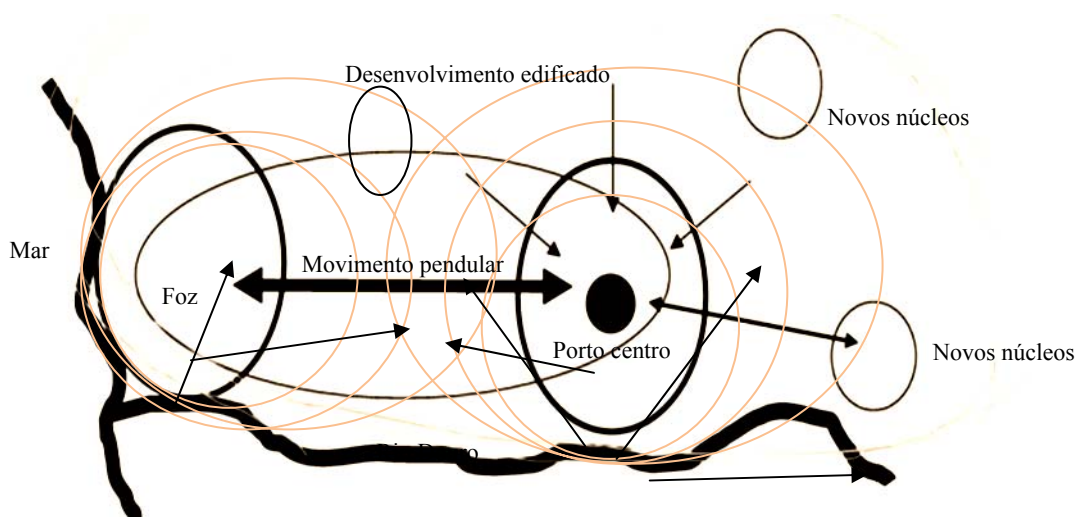


Fig. 60 - Gráfico interpretativo das obras literárias analisadas.

A fig. 47 expõe de um modo gráfico as intenções que foram observadas no mapa da fig. 46. O que este mostra, e sempre numa perspectiva interpretativa, é uma cidade com uma forma ovalizada influenciada pela bipolarização entre dois núcleos que se concentram no Porto antigo e na Foz.

Um outro fator que parece influenciar esse formalismo é o rio, que esteve sempre presente desde a origem da cidade e que se desenvolve em direção ao mar, criando ao longo do tempo uma nova centralidade que quase divide a cidade em dois núcleos ativos.

A persistência do movimento pendular entre estes dois núcleos é observada como uma tendência de aproximação entre a Foz e a cidade do Porto antigo.

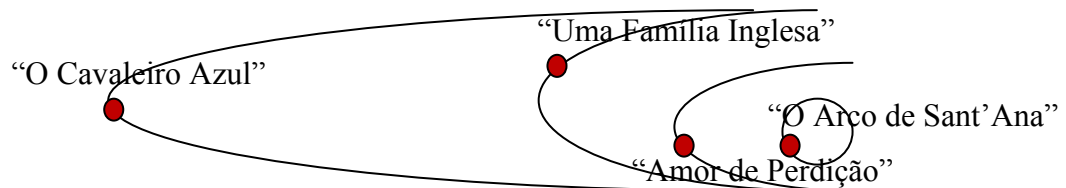


Fig. 61 - Para lá do limite.

Ao longo das obras encontramos esta tendência estrutural onde se implantaram referências sempre no limite do que era a cidade. Este para lá do limite, e definia a tendência, desde de o Arco de Sant'Ana que fazia fonteira com a muralha até à Foz, fazendo-se prever referências sempre para lá do espaço limitado da cidade.

A cidade ao longo destes séculos anos evoluiu deixando nestas quatro obras literárias dados sobre o qual devemos reflectir, pois a evolução é sinonimo de conhecimento adquirido. Luis Barrágan (cit. in. Rodrigues, 2010, p.381) refere: "(...) A arte toma a vida como uma matéria disforme, e cria-a de novo e modela-a numa nova forma (...)".

5.2 – Conclusão da relação entre a Literatura e o estudo arquitetónico urbano na cidade do Porto

A relação entre a obra literária e o estudo urbano da cidade do Porto conseguiu-se a partir do momento em que passamos a analisar, no seu conteúdo, referências que interpretamos para lá do seu objetivo original.

O estudo urbano da cidade do Porto serviu de exemplo prático a partir da utilização das quatro obras literárias para análise.

As referências encontradas nas narrativas e nas personagens foram alvo de um registo que permitiu observar quais os edifícios, os espaços e os percursos que ao longo das várias épocas orientaram a cidade, permitindo-nos ficar com uma perspetiva sobre um quotidiano referente a uma época.

Este olhar sobre o passado, através das obras literárias, revelou-se não só como um estudo da estrutura urbana da cidade do Porto, mas também como suporte de reflexão e interpretação. A sensibilidade conseguida através deste pensamento, neste estudo, é uma conclusão efetiva perante o modo, em como a disciplina da arquitetura pode ser interiorizada.

O arranque para o estudo da matéria considerava a obra literária como um registo deixado pelo autor. Este pressuposto gerou algumas reflexões fundamentais e determinantes nos critérios de seleção que definiram quais as obras utilizadas para a análise.

(...) As coisas são porque as vemos, e o que vemos e como o vemos depende das artes que nos influenciam. O homem não vê as coisas até que vê a sua beleza. A verdadeira escola para estudar a arte não é a vida, mas a arte. (Luis Barrágan, cit. in. Rodrigues, 2010, p. 381)

Esta avaliação, através da obra literária, determinou a passagem de uma fronteira, pois a ideia original de um romance e a sua intenção primária não objetivava uma relação direta com o urbanismo nem com a arquitetura.

Mas, por sua vez, se uma obra literária permite em simultâneo fazer um estudo urbano através dela, concluímos que essa fronteira foi passada através da existência de uma ponte ou de um elemento que as liga e que permite esta interpretação.

O gráfico da fig. 48 vê essa ponte no autor, considerando-o mensageiro; foi ele quem permitiu as referências, o registo.

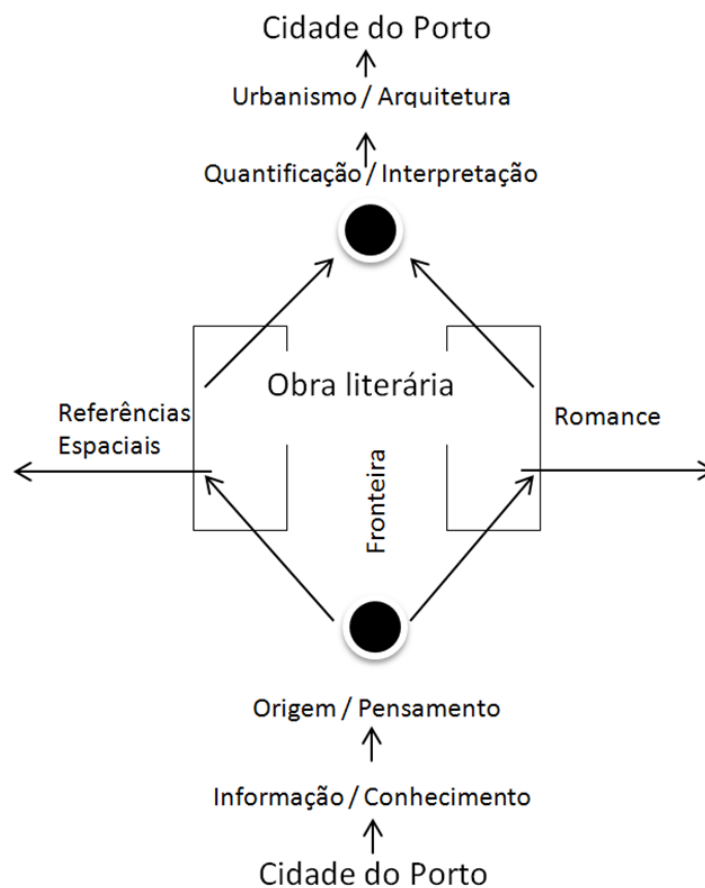


Fig. 62 - Gráfico de relação entre a obra literária e a arquitetura.

O gráfico da fig. 48 traduz de que forma a cidade “passou” da obra literária até à interpretação urbana.

Traduz de que forma o escritor é manipulado pelo conhecimento da experiência urbana e de que forma foi possível através dos quatro romances analisados filtrar o seu conteúdo para um estudo da estrutura urbana da cidade do Porto.



Fig. 63 - Ilustração, vista atual sobre a cidade do Porto.

A cidade influencia o autor como influencia toda a sociedade que a vive e que se sujeita às suas manipulações, gerando-se uma interpretação comum e uma opinião generalizada sobre a cidade que permite reconhecê-la através de certos elementos estruturais urbanos.

(...) Se não se fala de uma coisa, é como se não tivesse acontecido. Só a expressão dá realidade às coisas. É muito mais difícil falar de uma coisa do que fazê-la. Todo o mundo pode fazer história: só um grande homem pode escrevê-la. (Luis Barrágan, cit. in. Rodrigues, 2010, p. 380)

Ao longo do trabalho começámos por uma reflexão, passamos para uma análise e, por fim, ponderamos os resultados.

Uma reflexão sobre a matéria que exigiu, logo no início, um exercício de tato ao nível sensorial por termos considerado para o estudo, arquitetónico, romances.

O romance proporciona este ato de pensamento, visto que o seu conteúdo inspira e contempla ao sentimento e à perceção da forma como nos relacionamos com tudo o que nos envolve. Esta é a nossa constante tentativa de nos percebermos como seres ligados a um mecanismo que é o nosso mundo, este grande ecossistema.

Esta reflexão sobre o estudo da relação literária e o desenvolvimento da cidade foi o elegeer de várias sensibilidades que ponderaram sobre a disciplina da arquitectura.

A conclusão não está simplesmente no estudo urbano que se analisou, está, em, através deste, se ter atingido um nível de percepção sobre a matéria que nos permitiu alcançar um escalão sensorial mais elevado sobre a compreensão da disciplina da arquitectura.

(...) Arquitectura, que, como veremos, está normalmente associada aos objetos arquitetónicos e urbanos, pode ser compreendida a partir de textos literários. Esta pode parecer temerária, mas já foi realizada, em diversos níveis (...) (Lima, 2008, p. 9)



Fig. 64 - Reflexão

Bibliografia

Adriano. (s.d.). *Como exemplificar o mundo das Idéias de Platão, no ensino de Historias, na sala de aula?* Obtido em 2 de 11 de 2011, de yahoo: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080314051148AAs3vgw>

Almeida Garrett. (s.d.). Obtido em 2 de 10 de 2011, de www.edusurfa.pt: <http://www.edusurfa.pt/area.asp?tipo=1&seccao=4&area=2&artigoid=153>

Amaral, M. (s.d.). *Portugal Dicionário histórico*. Obtido em 27 de julho de 2011, de www.arqnet.pt: <http://www.arqnet.pt/dicionario/correiabotelho.html>

Andrade, E. (1968). *Daqui Houve Nome Portugal*. Porto: Topografia Inova.

Auping, M. & Auping, M. (2002). *Tadao Ando Conversas com Michael Auping*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA.

Castelo Branco, C. (1983). *Amor de Perdição*. Porto: Porto Editora, Lda.

Calvino, I. (s.d.). *Pensamento*. Obtido em 7 de Setembro de 2011, de www.citador.pt: <http://www.citador.pt/textos/a-distancia-entre-geracoes-italo-calvino>

Coelho, M. (s.d.). *Profissão : Arquiteto*. Obtido de www.youtube.com: http://www.youtube.com/watch?v=1q_SKrPCn1M

Dinis, J. (1948). *Uma Família Inglesa*. Porto: Livraria Felgueira.

Diocese do Porto. (s.d.). Obtido em 15 de Junho de 2011, de www.diocese-porto.pt: http://www.diocese-porto.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=877&Itemid=60

Fernandes, J. (2005). *Um percurso urbano*: Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto / CEGOT.

Fidalgo, G. *Manual de Semiótica*. UBI-Universidade Beira Interior.

Filho, J. (2002). *Gestalt do Objeto*: Edições Escrituras

Garrett, A. (2008). *O Arco de Sant'Ana*. Matosinhos: QN III - Editora e Distribuidora, Lda.

Guimarães, A. (2003). Obtido em 05 de Julho de 2011, <http://amigonerd.net/trabalho/10824-parmenides>

Igrejas, L. (2005). *Sobre a origem e significado das palavras Portugal e Galiza*. Portal Galego da Língua.

Júlio Dinis. (s.d.). Obtido em 3 de Abril de 2011, de www.infopedia.pt: [http://www.infopedia.pt/\\$julio-dinis](http://www.infopedia.pt/$julio-dinis)

Koolhaas, R. (2010). *Três Textos Sobre a Cidade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili

Lima, A. (2008). A relação entre a arquitetura e a literatura a partir da crítica, história e da teoria.

Lynch, K. (1960). *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, Lda.

Maerinhos, J. e Frias, A. (2001). *Santa Cruz de Coimbra A Cultura portuguesa aberta à Europa na Idade Média*: Porto, Biblioteca Municipal do Porto.

Maia, R. (2002). *Dicionário de sociologia*. Porto: Porto Editora.

Muga, H. (2005). *Psicologia da Arquitectura*. Vila Nova De Gaia: Edições Gailivro, Lda.

Nesbitt, K. (2010). *Uma Nova Agenda Para a Arquitectura*. São Paulo: Cosac Naify.

Neto, F. (s.d.). *A muralha do Bispo*. Obtido em 22 de Junho de 2011, de <http://http://invictacidadeporto.blogspot.com>: <http://invictacidadeporto.blogspot.com/2010/04/muralha-do-bispo.html>

Parmenides. (s.d.). Obtido em 15 de 11 de 2011, de www.trabalhonota10.com.br: <http://www.trabalhonota10.com.br/filosofia/parmenides.html>

Pedro Batista. (s.d.). Obtido em 13 de Abril de 2011, de www.wook.pt: <http://www.wook.pt/authors/detail/id/20711>

Porto XXI. (2001). Obtido em 27 de Julho de 2011, de www.portoxxi.com: http://www.portoxxi.com/cultura/ver_folha.php?id=22

Rodrigues, J. (2010). *Teoria e crítica de arquitectura século XX*. Lisboa: Caleidoscópio-Edição e Artes Gráficas, SA.

Rodríguez, R. (2005). Aristóteles (384-324 a. C.) e a Teoria da Experiência como base para a gestão do conhecimento. UFJF.

Salvado, L. (s.d.). *Idácio, bispo de Chaves, e os Suevos*. Obtido em 8 de 03 de 2012, de <http://clubehistoriaesvalp.blogspot.pt/2011/03/idacio-bispo-de-chaves-e-os-suevos.html>

Santos, A. (2009). *História Literária do Porto*. Porto: Edições Afrontamento, Lda.

Santana, M. (2006). *Garrett, Herculano e o romance histórico*: Universidade Aberta.

Santos, R. (2007). *Filosofia - Universidade de Évora, Aristóteles*. Obtido em 5 de agosto de 2011, de: http://www.filosofia.uevora.pt/rsantos/aristoteles_mudanca.htm

Saraiva, A. e Lopes, Ó.(2008). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, S.A.

Távora, F. (2006). *Da organização do espaço*. Porto: Inova.

Teixeira, H. (2010). *Porto, 1114 – 1518, a construção da cidade medieval*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

PortoXXI, P. (s.d.). *Muralha fernandina*. Obtido em 8 de 11 de 2011, de <http://www.portoxxi.com>: http://www.portoxxi.com/cultura/ver_edificio.php?id=39

Pedro Teixeira,. (s.d.). *Galeria publica*. Obtido em 20 de 04 de 2012, de <http://olhares.sapo.pt/arquitetura-e-musica-petrificada-foto4198369.html>

Rossi, A. (1982). *La arquitectura de la ciudad*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, S.A.

Vitruvio Polión, M. (1987). *Los Diez Libros de Arquitectura*. Madrid: Ediciones Akal, S.A.

Rossi, A. (1992). *La Arquitectura de la ciudad*: Barcelona, Editorial Gustavo Gili S.A.